

**O MST E AS MULHERES : MEMÓRIAS DE LUTA PELA TERRA E  
REFORMA AGRÁRIA NO ASSENTAMENTO MARAJÓ/RN ( 1989 A 2001)**

DANIELA SOARES DE ALMEIDA  
NATAL/RN - 2002

2001.2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

91F=8,9  
JAM



**O MST E AS MULHERES: MEMÓRIAS DE LUTA PELA TERRA E REFORMA  
AGRÁRIA NO ASSENTAMENTO MARAJÓ/RN.(1989 A 2001)**

**Daniela Soares de Almeida**

**Natal/RN  
2002**

**DANIELA SOARES DE ALMEIDA**



**O MST E AS MULHERES: MEMÓRIAS DE LUTA PELA TERRA E REFORMA  
AGRÁRIA NO ASSENTAMENTO MARAJÓ/RN.(1989 A 2001)**

*Monografia apresentada à disciplina  
pesquisa Histórica II, Ministrada pela  
Professora Denise Mattos Monteiro, do  
curso de História da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte, sob a  
orientação do Professor José de Anchieta  
Ferreira Lopes.*

Natal/RN  
2001

*À Deus, por ser a razão do meu viver.*

*Aos meus pais, Rui e Francisca (in memoriam), pela vida, amor e orientações que me tornaram o que sou hoje.*

*Ao meu marido, Santiago, pelo amor e compreensão por muitos momentos ausentes.*

*Aos meus filhos, Rafael e Daniel, que apesar da pouca idade, muito me ensinaram.*

*Aos meus irmãos, Vicente, André e Denise, por estarem presentes em todos os momentos de minha vida, demonstrando, amor, amizade e confiança sempre.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Á Deus, pela inspiração e força que me tem dado durante toda a minha vida.*

*Aos meus pais, Rui Vieira e Francisca Feitosa (in memoriam), por dedicarem toda a sua compreensão, amor e carinho, acreditando sempre que seria capaz de um dia vencer.*

*Ao meu esposo, Santiago, por me ajudar a concluir mais um ciclo de minha vida.*

*Aos meus queridos irmãos, Vicente Eduardo, André e Denise, que sempre me apoiaram, estimulando e incentivando a prosseguir sempre.*

*Á D. Celi, Jailce e Joyce, que com muito carinho e compreensão me ajudaram com Rafael e Daniel na minha ausência.*

*Ao meu orientador, professor Anchieta, pela dedicação, compreensão e orientação.*

*Aos Professores, Hélder Viana e Aurinete Girão, pelas contribuições valorosas.*

*À professora Dominique Váleriy, pelo incentivo e apoio ao tema abordado.*

*À Deputada Estadual, Fátima Bezerra e sua assessora Ivonete Oliveira, pela contribuição imensurável.*

*À Eveline Guerra, que contribuiu e incentivou-me na realização dessa pesquisa.*

*Ao amigo Jorge Tavares, por me ajudar na pesquisa bibliográfica e pelas palavras de incentivo e apoio.*

*Aos amigos Zorilda, Josione, Sandro e Isabel Cristina, pelo apoio e contribuição.*

*Às mulheres do MST, que subsidiaram a realização deste trabalho.*

*À todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho fosse concretizado.*

*“Nós somos a mão  
Que toca o manto da Justiça  
Que sempre nos escapa  
Como miragem.  
Com que nome batizamos  
Nossa angústia?  
Pureza, Isabel, Marta,  
Maria, Margarida, Roseli  
Fátima, Adelaide...  
Quem algum dia inquiriu  
As nascentes da dor?  
Carregamos pedras  
Como penitentes e aprendemos  
Com os olhos  
Que a nascente da dor  
Vertem rios de lágrimas:  
Claras cordas de cristal e corte  
Chegamos de todas as areias,  
De todas as caatingas,  
De todas as águas para tecer  
No dorso dos ventos esse clamor:  
Não somos apenas mulheres que choram.  
Somos fecundas. Somos as mulheres  
Que vão parir a vida,  
Quando a morte vos alcançar.  
Nós somos a multiplicação das lutas  
Como a terra multiplica o cereal plantado  
Somos plantio, somos colheita.  
Somos a raiz da esperança.”*

**Pedro Tierra**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>1 - A ORIGEM DO MST E SUA FORMAÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE</b> .....	09
1.1 - A origem do MST .....	09
1.2 - A formação do MST no Rio Grande do Norte .....	16
<b>2 - A QUESTÃO DAS MULHERES NO MST</b> .....	23
<b>3 - UM ESTUDO DE CASO: MEMÓRIAS DE LUTA NO ASSENTAMENTO MARAJÓ</b>	33
3.1 - Histórias de vida: o cotidiano antes do encontro com os Sem Terra .....	35
3.2 - O encontro com o MST: a esperança de conquistar a terra .....	39
3.3 - A ocupação: fé e luta no momento do embate .....	42
3.4 - O acampamento: a redefinição das atividades femininas, “a liberdade provisória” .....	48
3.5 - O assentamento: a conquista que não foi adiante, tudo volta à normalidade .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b> .....	60
<b>ANEXOS</b> .....	63

## INTRODUÇÃO

A historiografia brasileira que trabalha a questão da mulher experimentou um grande avanço desde os anos setenta, sendo tal avanço destacado nas produções da “Nouvelle Histoire” e na História das Mentalidades<sup>1</sup>, cujas pesquisas sobre a mulher e questões populares ganharam maiores expressões. Contudo, observamos uma lacuna quando nos reportamos à história de mulheres trabalhadoras rurais no Rio Grande do Norte.

Dentre essas pesquisas, destacamos o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por se caracterizar como um movimento massivo, chegando a atingir aproximadamente 95% do território nacional, tendo as mulheres 50% de sua corporação, cuja importância, para o sucesso da luta pela terra e reforma agrária dirigida pelo Movimento, é bastante decisiva.

Dessa forma, o presente trabalho consiste em resgatar a história de luta pela terra de mulheres que participaram desse processo junto ao MST, no caso da Fazenda Marajó, numa tentativa de investigar sua presença e contribuição, na hora do embate, de forma analítica.

Como não há registros sobre a temática em questão, buscamos realizar a pesquisa através de entrevistas, assim, selecionamos 12 mulheres que participaram de todo processo da luta, desde a mobilização até a conquista da terra. Compreendemos que para resgatar a história de luta das mulheres pela terra, era preciso acima de tudo ouvi-las, pois percebemos que dar voz a sujeitos significa atribuir importância política e propiciar elementos para a prática da liberdade.

*“A importância, por exemplo, da utilização de fontes orais nos estudos sobre História das mulheres, foi destacada – entre outros – por Pilar Folgueira, que entende que a partir da análise do cotidiano da vida das mulheres, do privado, podemos inferir a influência das grandes mudanças político-sociais no conjunto da sociedade dando o papel de*

---

<sup>1</sup> PRIORE, Mary Del. A mulher na História do Brasil. p.12-13

*transmissora de ideologia e de socialização política que a mulher joga na família.*”<sup>2</sup>

Para tanto, utilizamos as obras “Lembranças de velhos,” de Bosi, “As fontes orais na pesquisa histórica,” de Garrido, “A memória coletiva,” de Halbwachs, “Memória coletiva e História científica,” de Guarinello e “Manual de História oral,” de Meihy, as quais nos deram fundamentação teórica e metodológica, possibilitando a realização do trabalho.<sup>3</sup>

Também embasaram nossa pesquisa as obras “*A emergência do movimento dos sem terra no RN: 1989 a 1994*”, de Souza, cuja participação da mulher está inserida dentro de uma questão política e social; e, “*Mulheres e relações de gênero: uma discussão feita por mulheres do movimento dos trabalhadores rurais sem terra de Mato Grosso do sul*”, de Squinelo.

O corte cronológico que estabelecemos (1989-2001), deve-se ao fato da formação e organização do MST no Rio Grande do Norte nesse período, que culminou no primeiro assentamento organizado pelo Movimento em julho de 1990, recebendo o nome de Assentamento Marajó.

Portanto, em linhas gerais, o nosso objetivo é contribuir para a historiografia do nosso Estado que trata da questão da mulher trabalhadora rural, de forma consciente e crítica, pois observamos a carência de trabalhos sobre a temática, aqui abordada, no meio acadêmico.

Dessa forma, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, contextualizamos o tema, buscando apresentar a origem do MST, sua estrutura organizacional, seus objetivos sua formação no Rio Grande do Norte, tentando evidenciar nesse momento, a contribuição de três mulheres que deram início ao desenvolvimento do MST em nosso Estado. No segundo, abordamos a questão das mulheres no Movimento para compreendermos melhor essa relação, e assim, entender e analisar todo o processo da luta no caso Marajó. E no terceiro e último capítulo, fizemos um resgate histórico da vida dessas mulheres que entrevistamos, que foi desde a fase anterior ao encontro com os “sem terra,” relatando o seu cotidiano, passando pelo momento da ocupação e a fase de acampamento até a “vitória” da luta, a conquista da terra.

<sup>2</sup>GARRIDO, Joan Del Alcozar. As fontes orais na pesquisa histórica, p.35

<sup>3</sup>BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos: GARRIDO, Joan Del alcozar.op cit. GUARINELLO, Noberto Luiz. Memória coletiva e história científica.: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História oral.

## CAPÍTULO I. A ORIGEM DO MST E SUA FORMAÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE.

### 1.1 - A origem do MST

Para falarmos sobre a história de mulheres que lutaram por terra e reforma agrária no Rio Grande do Norte junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), especificamente do caso Marajó, requer inicialmente que façamos um rápido levantamento histórico sobre a origem desse movimento, assim como seus principais objetivos e propostas, contextualizando o tema.

Dessa forma, para compreendermos melhor sobre a luta do MST, se faz necessário relembrarmos que os conflitos de terra no Brasil não é um fato da atualidade, mas sim, algo que nos acompanha desde o seu descobrimento, como podemos observar nas obras de Faria, Varnhagen, Abreu, Motta e Andrade.<sup>4</sup>

Atualmente observamos vários movimentos sociais que travam uma luta constante em busca da terra e da reforma agrária, principalmente devido às injustiças político-sociais sofridas pelos trabalhadores rurais. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é o mais expressivo e importante desses movimentos, não só por atingir praticamente todo território nacional, mas também por ter recolocado a questão agrária mais uma vez no cenário político nacional. *“Não é só a luta pela terra que está em questão, é uma luta contra o modelo de desenvolvimento que privilegia um único tipo de prioridade.”*<sup>5</sup>

Assim, as circunstâncias históricas em que o MST nasceu, determinaram o seu desenvolvimento e organização. Sua origem é fruto de um processo de enfrentamento e resistência contra a política de desenvolvimento agropecuário, instaurados principalmente durante o regime militar. *“Esse processo é entendido no seu caráter mais geral na luta contra a expropria-*

---

<sup>4</sup> FARIA, Sheila Siqueira de Castri. Terra e conflitos sociais..p. 108.; VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. História geral do Brasil., 1981; ABREU, Capistrano de. Capítulos de História colonial.; MOTTA, Márcia Maria Menendes. Conflitos no campo: terra e movimentos sociais nas primeiras década.,p.142.; ANDRADE, Manuel Correia. A questão da terra na primeira República. p.143

<sup>5</sup> FERNADES, Bernardo Mançano. MST formação e territorialização. p.31

ção e contra a exploração do desenvolvimento do capital”<sup>6</sup>. Ou seja, cria uma situação de exploradores de um lado e de explorados do outro, produzindo a fartura e a fome.

Com o crescimento da luta e da organização, os trabalhadores rurais expropriados retomaram o cenário político por meio das lutas populares. Dessa forma, o MST nasceu, se organizou e se desenvolveu criando diversas formas de lutas e resistência, através dos inúmeros enfrentamentos contra o Estado, os latifundiários e os capitalistas.

A força organizativa do MST, adquirida durante os quinze anos de sua existência, contribuiu para que a reforma agrária saísse do papel, mesmo que ainda de forma inibida. Através do movimento, milhares de famílias conseguiram terra, estando hoje assentadas, produzindo meios, não só de subsistência como também produtos para o mercado.<sup>7</sup> Vale salientar que o sucesso de suas empreitadas deve-se também ao empenho das mulheres que contribuíram de forma ímpar na conquista da terra, como veremos mais a diante. Segundo Carvalho:

*“...sem dúvida alguma a fase de organização, de acampamentos e ocupações são táticas de luta reformista, mas dentro de uma estratégia revolucionária. A independência da luta de classes e a capacidade de desmascarar as reformas vindas de cima evidenciam a natureza de sua tática...”*<sup>8</sup>

O MST é caracterizado por ser um Movimento autônomo e de massa, formado por camponeses sem terra<sup>9</sup>, e que tem ao mesmo tempo um caráter de movimento popular, sindical e político.

É importante salientar, que mesmo sendo um Movimento que tem características políticas, não significa dizer que o MST seja partidário, mas sim, um Movimento que possui uma série de critérios para uma política de alianças.<sup>10</sup>

<sup>6</sup>. Ibid. p..66

<sup>7</sup> A este respeito ver : GÖRGEN, FREI SÉRGIO Antônio. (Org.), João Pedro Estédile. Assentamentos , a resposta da reforma agrária.

<sup>8</sup> CARVALHO, A questão agrária hoje. p.258

<sup>9</sup> STÉDILE, João Pedro. FREI SERGIO. A luta pela terra no Brasil. p.27 - 28

<sup>10</sup> A política de alianças do MST está em contínuo processo de construção. O principal é verificar se as instituições políticas ( sindicais ou sociais ) estão em comunhão com os objetivos do movimento. Assim, o MST poderá alcançar seus objetivos estratégicos, sejam eles organizativos, táticos ou utópicos. Alguns partidos políticos como o PT e o PC do B apoiaram o MST, já que compartilham em muitos aspectos das propostas e objetivos do movimento.

A história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra inicia a partir de 1978 com o acontecimento de algumas lutas isoladas no sul do país. O seu surgimento teve várias origens, em vários locais. Foi um processo de enfrentamento e resistência contra a política de desenvolvimento agropecuário, instauradas durante o regime militar. De acordo com Fernandes, “*com o crescimento da luta e da organização, os trabalhadores rurais expropriados retomaram o cenário político por meio das lutas populares e um dos movimentos sociais mais representativos que nasceram nesse período foi o MST.*”<sup>11</sup>

Assim, os fatores determinantes que competiram para a origem do MST foram os de ordens econômica, social e política.

O primeiro foi o de ordem econômica. Na década de setenta houve uma grande concentração da propriedade da terra e a expansão da mecanização da lavoura, super valorizando as máquinas e diminuindo o trabalho manual. Muitos trabalhadores foram expulsos da terra por não terem trabalho. Houve também um estímulo à monocultura da soja e do algodão, destinados à exportação, e uma redução de cultivos permanentes como o do café, e mais tarde a implantação do proálcool, que conseqüentemente reduziu a mão de obra nessas fazendas<sup>12</sup>.

O segundo foi o fator social. Como os trabalhadores rurais ficavam cada vez mais excluídos da agricultura, tinham que buscar novas alternativas de trabalho. A migração para as regiões amazônicas ou o êxodo rural para as cidades foram as principais. Ambas saídas traziam desequilíbrio tanto para a sociedade como principalmente para os próprios trabalhadores rurais.

Os fatores políticos aparecem como o terceiro. A Comissão Pastoral da Terra –CPT– teve um papel de grande influência entre os camponeses, pois deu início a uma conscientização da necessidade de organização, despertando-os para uma visão da realidade não mais submissa e conformada, como era antes propagada pela igreja católica tradicional. Acontecia também um novo sindicalismo, mais combativo, que influenciou os sindicatos dos trabalhadores rurais, já que antes era sinônimo de Funrural. Daí, os sindicatos dos trabalhadores rurais passaram a ser mais ofensivos, assumindo de vez a luta pela terra e pela reforma agrária.

A partir de 1978 aconteceram vários conflitos de terra,

---

<sup>11</sup> FERNANDES, op. cit.p.56

<sup>12</sup> ESTÉDILE, João Pedro, FREI SÉRGIO. op. cit. .p 32 - 34. MST. Construindo o Caminho. op. cit. p.41 - 42.

*“Nesse período da luta pela democracia, de transição política e de rupturas, a classe trabalhadora retoma suas perspectivas conquistando vários espaços no campo e na cidade. Os acontecimentos mais importantes dessas conquistas têm o seu começo assinalado pelas experiências nas lutas populares, que desafiavam as formas institucionais. Os desafios se apresentavam no avanço da luta em relação aos partidos políticos, legais e clandestinos, nas rupturas com tradições e práticas conhecidas e pelo rompimento com esquemas populistas do passado, desafiando-se e criando novas formas de organização, os trabalhadores rurais iniciam um novo processo de conquista na luta pela terra.”<sup>13</sup>*

Assim, o MST começou a tomar forma num clima de guerra, num espaço social conquistado por diversas experiências das lutas populares. As principais lutas que marcaram o início do movimento foram as ocupações das fazendas Macali e Brilhante, relacionadas com a reserva indígena de Nonoai, localizada no município de Ronda Alta, Rio Grande do Sul, em 1979; a ocupação da fazenda Burro Branco, no município de Campo Erê, Santa Catarina, em 1980; ainda nesse ano, no Paraná, o conflito de mais de dez mil famílias contra o Estado que, com a construção da barragem de Itaipu, tiveram suas terras inundadas e o Estado por sua vez, propôs apenas a indenização em dinheiro; em São Paulo a luta dos posseiros da fazenda Primavera nos municípios de Andradina, Castilho e Nova Independência; no Mato Grosso do Sul, nos municípios de Naviraí e Glória de Dourados, milhares de trabalhadores rurais arrendatários desenvolviam uma intensa luta pela resistência na terra. Outras lutas também aconteciam nos estados da Bahia, Rio de Janeiro e Goiás.<sup>14</sup>

Essas lutas aconteciam isoladamente e independentemente umas das outras, porém com os mesmos objetivos. Nesse momento algumas instituições emergiam e passaram a apoiar as lutas<sup>15</sup>. As experiências construídas no cotidiano popular, que deu base a um novo sindicalismo, representado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), cuja potencialidade e reconhecimento político eram destacados de diversas formas, tanto pela sociedade quanto pelo Estado, foi um grande aliado como, assim como o Partido dos Trabalhadores (PT) e a igreja

<sup>13</sup> FERNANDES, op. cit..66

<sup>14</sup> MST. Construindo o caminho. p. 42-43

<sup>15</sup> FERNANDES, op. cit. p. 56

católica<sup>16</sup>, que no transcorrer do tempo, foram as principais matrizes político-cultural do movimento de trabalhadores que emergia. Essas instituições aparecem no cenário da luta como apoio, por meio das alianças. Porém, a necessidade política de criação de uma nova forma de organização social se dava exatamente pelos limites que as estruturas convencionais das instituições envolvidas na luta pela terra enfrentavam. Como a luta do MST se caracteriza também por estar sempre em movimento, requer avanços, e a igreja, os sindicatos e os partidos contribuíam dentro das dimensões das suas estruturas. Assim, mesmo com o apoio dessas instituições, os verdadeiros realizadores de toda a luta são os trabalhadores.<sup>17</sup>

Diante desse cenário, houve uma necessidade de um grupo de trabalhadores rurais, que estiveram envolvidos nos conflitos de terras citados anteriormente, se conhecerem, se articularem e discutirem suas experiências concretas. Junto às instituições que os apoiavam, criaram o MST. Até esse momento, nenhum registro que evidenciasse a participação das mulheres nesse processo de formação do movimento, foi encontrado, mesmo subentendendo que elas participaram de forma sutil, dentro de casa, ou não, apoiando ou reprovando seus companheiros, pais, irmãos ou filhos.

*“Em suas experiências, na formação do movimento, os trabalhadores ao conquistarem o seu próprio espaço de socialização política, que, dimensionado, possibilitou a elaboração de práticas, de formas de luta como enfrentamento nos diferentes níveis das relações sociais. Assim (se) fazendo, ampliando o sentido da luta pela terra que passa a ser entendida para além da questão econômica, ou, seja, é também um projeto de transformação das suas realidades. Os efeitos sociais desse movimento sobre as relações sociais atingem toda a sociedade. Estes são frutos dos conflitos e também, das ações desses sujeitos que têm por objetivo causar transformações específicas e gerais nas relações de poder.”<sup>18</sup>*

<sup>16</sup> “A partir da década de 1950, a igreja, preocupada com a situação dos trabalhadores rurais, passa a ter uma ação mais sistematizada de apoio aos trabalhadores. Surgiram duas tendências: A igreja conservadora- comandada por Dom Eugênio Sales, Arcebispo de Natal/RN, criando neste Estado um órgão chamado SAR ( Serviço de Assistência Rural). E em Alagoas, o SORAL ( Serviço de Orientação Rural de Alagoas) e no Rio Grande do Sul, a FAG (Frente Agrária Gaúcha); e a igreja progressista – ligada a CNBB, com Dom Hélder Câmara, criando o MEB (Movimento de Educação de Base) e em Pernambuco, o SORPE ( Serviço de Orientação Rural de Pernambuco). A igreja estava muito preocupada com o êxodo Rural. Os trabalhadores deveriam permanecer na terra, porque, se fossem para as periferias das cidades, as ULTABs organizariam-nos no partido comunista”. MST. op.cit. p. 28 - 29.

<sup>17</sup> <http://www.mst.org.br/historico/historia>.

<sup>18</sup> Ibid.

Dado o início ao intercâmbio entre os trabalhadores, foram realizadas diversas reuniões entre eles, com a participação de trabalhadores de vários Estados. O primeiro grande encontro aconteceu no município de Medianeira, no Paraná, em julho de 1982. Estavam presentes os trabalhadores dos Estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A Comissão Pastoral da Terra estava presente em quase todas as lutas realizadas pelos trabalhadores rurais. A CPT era, na maioria das vezes, a organizadora e realizadora dos encontros. Um desses encontros aconteceu em setembro de 1982 em nível nacional, na cidade de Goiânia, Goiás, do qual participaram trabalhadores de dezesseis Estados.

A articulação nacional do movimento começou a ser construída na perspectiva de superação do isolamento e em busca da autonomia política. Esta superação se fazia necessária em razão das dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das lutas já ocorridas.

Com isso no intuito de desenvolver e fortalecer o MST, algumas lideranças, das lutas existentes no sul do país, começam a discutir as possibilidades de organizar um movimento social mais amplo e forte. Assim, foi realizado um encontro em Chapecó, Santa Catarina, criando uma Coordenação Regional Provisória, composta por dois lavradores de cada região, reunindo cinco Estados do Centro-Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso. Nesse mesmo ano, foram realizados outros encontros nas cidades de Niviraí e Glória de Dourados, em Mato Grosso do Sul; em Araçatuba/São Paulo e em Ronda Alta, Rio Grande do Sul.

De início, o movimento tinha avançado mais na região sul. Em janeiro de 1984, no município de Cascavel, Paraná, aconteceu o Encontro Nacional dos Sem Terra, que se consolidou e elaborou os objetivos gerais e os princípios do movimento. *“Esse Encontro Nacional representou então a fundação e organização de um movimento de camponeses sem terra, em nível nacional, que iria se articular para lutar por terra e reforma agrária”*.<sup>19</sup>

Os princípios do MST, elaborados nesse encontro em Cascavel, traduzem o motivo que o movimento está organizado e qual a razão dessa organização. São eles:

---

<sup>19</sup> FERNANDES, op. cit., p.79.

- “1.Lutar pela reforma agrária radical;  
 2.Lutar por uma sociedade justa e igualitária e acabar com o capitalismo;  
 3.Reforçar a luta pela terra, com a participação de todos os trabalhadores rurais, sejam arrendatários, meeiros, assalariados e pequenos proprietários, estimulando a participação das mulheres em todos os níveis;  
 4.Que a terra esteja nas mãos de quem nela trabalha, tirando seu sustento e de sua família;  
 5.O Movimento dos Sem Terra deve sempre manter a sua autonomia política”<sup>20</sup>*

Como podemos observar, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra não busca apenas uma simples distribuição de terra, mas uma reforma agrária ampla e igualitária, com a participação de toda sociedade envolvida com a terra. Luta por um sistema de governo socialista e também busca a participação da mulher nos vários níveis de organização do movimento, não só como uma simples representante, mas como uma militante ativa, consciente e capacitada. Observamos também a preocupação com sua autonomia política, já que as instituições que o apoiavam, contribuía dentro das dimensões de suas estruturas.

Porém, pouco podemos falar sobre a participação das mulheres nesse momento tão importante, que foi o nascimento do MST. Isso deve-se principalmente à escassez bibliográfica sobre o assunto e também, pela distância geográfica, que nos impediu de obter maiores informações, já que o Movimento se originou na região sul do país.

Entretanto ao pesquisarmos sobre a formação do MST em nosso Estado, nos deparamos com uma valiosa informação. Quem deu início à formação e organização do Movimento no Rio Grande do Norte foram três mulheres, como veremos no próximo item, mostrando que as mulheres, de um modo geral, estão presentes na sociedade como sujeitos históricos, necessitando apenas que sejam, cada vez mais, reconhecidas e estudadas de forma séria e consciente.

Assim, o MST foi ampliando e fortalecendo suas estruturas, ganhando espaço territorial, iniciando sua formação no Rio Grande do Norte com o lema “ocupar, resistir e produzir”, como veremos adiante.

---

<sup>20</sup> MST, op. cit. p.44

## 1.2 - A formação do MST no Rio Grande do Norte : a presença da mulher no período embrionário.

A formação do MST no Rio Grande do Norte tem seu início no segundo semestre de 1989,<sup>21</sup> e foram duas mulheres militantes<sup>22</sup> do movimento que vieram dar continuidade à luta pela terra em nosso estado. Segundo Sousa:

*“ A formação do MST no Rio Grande do Norte não ocorre igualmente como foi nos estados (RS, SC, PR) da região sul. Enquanto na região sul, são experiências distintas de movimento de camponeses que se entrelaçam e dão origem ao Movimento dos Sem Terra; no Rio Grande do Norte, o MST inicia seu processo de organização a partir da ação de seus militantes oriundos de outros estados – PB e CE – que se deslocam à província norte-rio-grandense, mais especificamente a região do Vale-Açu, afim de organizá-lo num quadro totalmente distinto, tanto sobre a ótica da conjuntura política e econômica da sociedade brasileira, quanto do próprio desenvolvimento organizativo do MST.”<sup>23</sup>*

Como podemos observar, foram duas mulheres que conduziram o MST ao Estado e deram voz ao mesmo, em terras potiguares. Foram elas, Neide e Vilanir. A primeira paraibana e a segunda cearense, mostraram sua importante participação na origem do MST em nosso Estado, como também suas contribuições, mesmo que involuntariamente, para a história das mulheres sem terra no Rio Grande do Norte, demonstrando que todas as militantes são sujeitos importantes e fundamentais na luta contínua do Movimento.

A participação de Neide e Vilanice foi de grande relevância no processo de formação e organização do MST no Rio Grande do Norte. Inicialmente, elas chegaram à cidade de Açu procurando a sede do PT local, onde se identificaram como militantes do Movimento dos Tra-

<sup>21</sup> Sobre as ações do movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Rio Grande do Norte, ver uma minuta elaborada pelo movimento e apresentada no seu IV Encontro Estadual (RN) realizado em janeiro de 1995.

<sup>22</sup> O MST faz as seguintes considerações sobre militante: “ É aquela pessoa que vive o dia a dia do Movimento, trabalhando nas suas bases e desenvolvendo uma série de atividades, como: animar o Movimento, articular as bases, promover, organizar e coordenar reuniões na base, preparar assembléias, distribuir material do movimento como, jornal, panfletos, etc. O militante é o tipo de pessoa que se entrega de corpo e alma ao movimento e de forma prioritária”. (MST. op.cit.).

<sup>23</sup> SOUSA, Baltazar M. de. A emergência do movimento dos sem terra no RN, p.108.

balhadores Sem Terra, na intenção de sondar o município e entrar em contato com a população rural. Veja o que diz Sousa:

*“Na verdade ocorreu uma reunião de caráter informal com a direção do PT. Mesmo assim, os dirigentes do Partido dos Trabalhadores, do referido município, cautelosos, entraram em contato com a direção nacional do MST e confirmaram se se tratava realmente, de alguns de seus militantes. A partir daí, se estabeleceu uma relação, mais próxima, entre os militantes do MST e alguns membros do PT.”<sup>24</sup>*

O deslocamento de militantes do MST de outros Estados para o RN é parte da política de expansão do Movimento dos Sem Terra, na luta política pela reforma agrária<sup>25</sup>, propiciando a sua gênese no Estado. Tal fato não pode ser visto de forma particular e de maneira isolada.

Uma outra militante chamada Livânia Frizon, oriunda de Santa Catarina, teve, junto às primeiras militantes, papel fundamental na organização do Movimento em nosso Estado. Numa entrevista dada à Revista RN/Econômico, em setembro de 1992, a mesma relata:

*“morava em Santa Catarina e vim para o Rio Grande do Norte especialmente para organizar os sem terra. Que dizer, não vim pessoalmente, decidida por mim, mas a convite do Movimento Nacional dos Sem Terra, vez que aqui não existia”<sup>26</sup>*

Na mesma entrevista cedida à Revista RN/Econômico, Livânia mostra clareza e segurança no que diz respeito à questão agrária, e vai mais além, dizendo que a reforma agrária não irá acontecer enquanto não houver uma mudança radical na sociedade. *“A nossa luta não é só por ocupação de terra, é mais ampla.”<sup>27</sup>*

Assim, vemos que existe uma preocupação, mesmo que implícita, sobre a questão da mulher, no movimento e na sociedade, em que veremos, mais adiante, sobre a posição do MST e a questão das mulheres, seus objetivos e propostas.

Daí, após vários contatos reforçados entre o MST e o Movimento Sindical e Popular do RN, como também a CPT e partidos <sup>de esquerda</sup> esquerdistas do estado, foram fundamentais para que o Movimento tivesse sucesso em suas mobilizações na luta pela terra.

<sup>24</sup> Ibid., p. 100-101.

<sup>25</sup> A reste respeito ver: MST, op. cit.: FERNANDES, op.cit.. ESTÉDILE, João Pedro, FREI SÉRGIO. op. cit.

<sup>26</sup> SOUSA, op. cit. p. 135

Nesse sentido, o MST instalou uma secretaria<sup>28</sup> na cidade de Açu, possibilitando a ampliação dos seus contatos com lideranças do MSTR (Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais) e dirigentes dos Sindicatos Rurais dos Municípios de Açu, Ipanguaçu, Carnaubais, Jucurutu, São Rafael, Santana do Matos.

Como o MST já tinha alguns contatos com o Movimento Sindical e Popular do RN, o deslocamento de militantes de outros Estados para o RN se constituiu numa ação planejada pela Direção Nacional do Movimento e não numa ação isolada.

Assim, a relação inicial estabelecida entre os primeiros militantes do MST com as instituições já citadas, representou um grande passo no avanço da organização e desenvolvimento do movimento no RN e também a reconhecida competência da ação dessas militantes.

Os primeiros contatos e laços estabelecidos foram o que possibilitaram ao MST organizar as primeiras tentativas de ocupação de terras no RN. Entretanto, os métodos utilizados pelo Movimento dos Sem Terra para se expandir no Rio Grande do Norte, era criticado, a nível de Nordeste, por setores ligados à igreja.

Apesar das críticas feitas pela igreja católica, *“não se pode deixar de constatar que os diversos contatos encabeçados por seus militantes no RN, a partir de 1989, vai constituir-se enquanto manifestações concretas do seu processo de formação no Estado. Esses contatos demonstram a complexidade da articulação entre as classes.”*<sup>29</sup>

A partir daí, o MST iniciou o seu processo de consolidação no Estado, se concretizando diante de várias situações, como conquista das áreas de assentamentos, sua ação no interior do movimento sindical, sua contribuição como referência política de uma parcela do campesinato, além do seu papel em choque e negociação com o Estado.

<sup>27</sup> Ibid. p.106.

<sup>28</sup> O MST diz que: “A Secretaria do Movimento tem por função encaminhar as tarefas administrativas que a Direção do Movimento decidir. Entre as diferentes tarefas se enumeraria: todas as tarefas administrativas do movimento; produção gráfica do jornal; manter correspondência; administração financeira, de acordo com as decisões do movimento; organizar todos os documentos do movimento na secretaria; preparar as reuniões da Coordenação e Executiva, bem como a nível estadual ou municipal ( as respectivas secretarias); encaminhara audiências; manter ligação com os estados; centralizar as informações do movimento; elaborar projetos; coordenar as atividades de intercâmbio; secretariar e fazer relatórios das reuniões e encontros do Movimento; preparar matérias para o jornal e programas de rádio, dentro das decisões do Movimento”. ( MST, op. cit. ). É preciso destacar que essas atividades de secretaria, embora seja uma orientação geral do Movimento a nível nacional, devem se adequadas à realidade de cada Estado onde o Movimento tenha secretaria.

<sup>29</sup> SOUSA, op. cit. p. 105

A primeira ocupação de terra no RN, organizada e dirigida pelo Movimento dos Sem Terra, ocorreu na segunda metade do mês de janeiro de 1990, no município de Augusto Severo, atual Campo Grande, na Fazenda Bom Futuro, com a participação de cento e setenta famílias. A maioria dessas famílias eram provenientes de comunidades rurais, nas quais já existia um trabalho anterior desenvolvido por setores pastorais ligados à igreja católica.<sup>30</sup>

Para que o Movimento dos Sem Terra conseguisse realizar sua primeira ocupação no RN, foi necessário organizar várias reuniões nos municípios de: Açu, Ipanguaçu, São Rafael, Carnaubais e Jucurutu, com os camponeses e trabalhadores agrícolas assalariados. *“Nessas reuniões os militantes se identificavam como pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, explicavam o que era o MST, como também, faziam uma discussão sobre o problema da terra e a importância de se fazer uma reforma agrária no país : já identificavam terras que estavam num processo de desapropriação para fins de reforma agrária e discutiam a necessidade de ocupar aquela terra do governo.”*<sup>31</sup> Toda essa forma de procedimento do MST, que vai desde a sua apresentação até chegar nos seus propósitos, demonstram a implementação de seus princípios organizativos da luta pela terra e de uma sociedade que querem construir, revelando sua complexidade e ambição, mostrando que antes de qualquer ocupação é preciso haver todo um trabalho preparativo que a antecede, incluindo principalmente, conhecimento em toda a estrutura do movimento, sua política, estratégias, estrutura orgânica, objetivos e princípios do MST, até mesmo um grau de conhecimento sobre a questão agrária do passado e atual.

Essa estrutura que antecede a ocupação e até mesmo pós ocupação, foram realizados por militantes competentes e de alta confiabilidade do MST, no que traduz a competências dessas mulheres que estiveram na grande missão de dar continuidade ao Movimento dos Sem Terra no Rio Grande do Norte.

Apesar de algumas ocupações terem sido fracassadas, como foi o caso da ocupação em Campo Grande, o MST não se desmobiliza, pelo contrário, persistiu e através do trabalho

<sup>30</sup> O trabalho da igreja na região era desenvolvido, principalmente, pelo SAR (Serviço de Assistência Rural) desde 1984 – que fazia uma ação de apoio e assessoria às famílias que foram expropriadas de suas terras em virtude da construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. O SAR é um serviço da igreja católica (Arquidiocese de Natal) que foi criado em 1949, e que prestou assessoria às famílias do município de São Rafael que foram atingidas diretamente com a construção da barragem.

<sup>31</sup> SOUSA. op. cit. p.111

de seus militantes, que procuraram reestabelecer seus contatos com as comunidades rurais que participaram da ação, em Campo Grande e, a partir daí, começaram a planejar uma nova ocupação, desta vez no município de Santana do Mato<sup>32</sup>, que resultou na prisão de Livânia Frizon e Maria das Graças de Sousa, em fevereiro de 1990.

Segundo depoimento de D. Irene, assentada em Marajó, Livânia sofreu graves torturas, sendo espancada pela polícia de Natal. Um grupo de mulheres, homens e crianças, foram à porta da delegacia exigir sua libertação, e após três dias aprisionada, Livânia foi liberta.

Livânia e Maria das Graças foram presas sob a acusação de estelionatária, como trata a seguinte reportagem:

*“ ... foram presas em Santana do Matos e recambiadas para Natal ficando a disposição de secretaria da Segurança Pública, Vânia Melo, 26 anos , que também usa o nome de Livânia Frizon e Maria das Graças de Sousa, 18 anos, residente em Santana do Mato. Em poder de Livânia foram encontrados um panfleto do suposto II Congresso Nacional do MST e quase 3 mil cruzados novos, dinheiro que estava no seu bolso. Embora Livânia tenha negado tudo na secretaria de Segurança, onde foi entrevistada pelo coronel João Pinheiro Veiga e depois por Maurílio Pinto, a polícia entende que a gang agia pegando dinheiro com pessoas pobres, alegando que estavam realizando um congresso em benefício daqueles que não tinham terras. Fazia reuniões com pessoas e iludindo às vítimas para tomar posse de terras do governo. Nas reuniões que foram realizadas, o plano era para os colonos invadirem as fazendas Palestina, Santo Antônio e Ponta da Serra, mas o plano fracassou e foram presas as mulheres Livânia e Maria das Graças, sendo que a primeira quis ludibriar a polícia, alegando que fazia parte de um movimento socialista. Depois dos primeiros interrogatórios, Livânia resolvera falar que tudo fora planejado pelo suposto João Luiz e Francisco de Oliveira. Para os delegados Maurílio Pinto e Francisco Cunha, a acusada Maria das Graças , foi presa, mas se trata de uma vítima que fora iludida pela conversa da gang que se passava por integrantes do II Congresso Nacional do MST, pois ela afirma que foi integrar o grupo visando possuir a terra. Nos depoi-*



<sup>32</sup> De acordo com Sousa foi contatado que “as duas primeiras ocupações de terra no RN organizadas pelo MST ocorreram no início do ano da 1990, mas a minuta denominada “RETROSPECTIVA – 1989-1994,” elaborada pelo próprio Movimento e representada no IV Encontro Estadual do RN do Movimento dos Sem Terra, realizado em janeiro de 1995, enfatiza que ocorrera duas ocupações , da seguinte forma: “depois de dois meses de trabalhos, aconteceu a primeira ocupação no dia 28 de outubro. Porém nesse momento não conseguimos a conquista da terra. Como os Sem terra haviam perdido apenas uma batalha e não a guerra , no dia 28 de novembro, ocupamos outra fazenda e sofremos novamente um despejo.”( Ibid, p.112)

*mentos tomados na secretaria, inicialmente a mulher não disse que se chamava Vânia Melo, mas depois disse que seu nome verdadeiro era Livânia, deixando a polícia desconfiada pois a mulher não portava documento de nenhum para sua real identificação. Na noite de anteontem, o coronel João José Pinheiro Veiga, tomou conhecimento das invasões que estavam para acontecer e que duas mulheres já estavam presas. As mulheres foram trazidas para Natal, ficando a disposição do coordenador Maurílio Pinto. Quando Livânia chegou a secretaria de Segurança Pública pediu ao Bacharel Maurílio para telefonar para pessoas que podiam prestar informações sobre o seu comportamento. Segundo Maurílio, ela telefonou inicialmente para o Vereador Fernando Mineiro, mas não conseguiu falar, pois o mesmo estava presente à solenidade na Câmara Municipal. Depois a mulher telefonou para Açu, alegando que iria falar com Jailson de tal que vinha se tornando seu amigo, depois que chegou ao Rio Grande do Norte, como não consegui falar com ninguém, pelo telefone, Livânia disse para Maurílio que somente iria falar algumas coisas depois de contato com seu advogado. Maurílio outra vez fraquejou o telefone, mas a vivaldina depois de discar várias vezes disse não ter localizado seu advogado. A polícia vai continuar as investigações visando localizar os elementos que foram apontados por Livânia, embora não se tenha nada de concreto sobre a existência dessas pessoas. Para a reportagem do DIÁRIO DE NATAL Livânia falou que chegou ao RN há 20 dias, onde tem um colega conhecido por Jailson e depois se encontrou com os elementos que ela faz acusações. Finalizou dizendo que embora fosse gaúcha era comerciária em São Paulo, mas não podia revelar o nome da firma que trabalhava naquela capital”<sup>33</sup>*

Como vimos, a militante Livânia Frizon sofreu vários obstáculos junto as demais companheiras militantes, na luta pela terra e reforma agrária no Rio Grande do Norte. A sua prisão mostra como as mobilizações sociais são reprimidas a base da violência e do preconceito, apresentando a luta social como ações de banditismo, dando outro enfoque a uma luta justa, que é também uma luta pela igualdade de direitos.

Essa ação repressiva dos fazendeiros em relação ao MST, teve o papel de inibir qualquer ameaça às suas terras e impossibilitou, de forma decisiva, outras ações do Movimento na região. As terras privadas – latifúndios - também seriam protegidas pela ação imediata tanto por grupos para-militares, organizados pelos fazendeiros – como foi o caso da ocupação no

---

<sup>33</sup> Ibid, p.124

município de Campo Grande – como por capangas, policiais militares e delegados, como foi o caso de Santana do Mato, em que Livânia Frizon foi presa. Sousa explica bem essa questão:

*“pode-se perceber que a reação dos latifundiários, utilizando-se de grupos para-militares, constituídos por capangas, e também do aparato repressivo do Estado, setores policiais e da justiça evidencia uma natureza reacionária, considerando-se que a ocupação é uma das formas de materialização dos conflitos de terra, estes provocando sempre uma relação de contradição ao latifúndio e ao capital.”<sup>34</sup>*

Portanto, percebemos que essas mulheres participaram de grandes obstáculos até chegarem a conquista “final”, a posse da terra, mostrando sua importante participação na luta pela terra e reforma agrária e principalmente, mostrando-se como sujeito histórico e contribuindo na construção da História das mulheres camponesas do Rio Grande do Norte.

Dessa forma, para que possamos resgatar a história de luta pela terra, vivenciadas por mulheres da região do Mato Grande, no caso Marajó, foi necessário averiguar a relação MST/mulheres, saber o que o movimento propõe a elas, seus objetivos e o motivo que surgiu a discussão de gênero dentro do Movimento dos Sem Terra como veremos a seguir.

---

<sup>34</sup> Ibid, .p.221

## CAPÍTULO II. A QUESTÃO DAS MULHERES NO MST

Tendo em vista que vivemos em uma sociedade onde impera uma visão machista do universo e a educação gesta-se com raízes em valores judaico-cristãos e burgueses, não se pode acreditar que a formação do homem do campo ou dos grupos de esquerda alicerçam-se em pilares diferenciados. A questão do machismo perpassa questões mais profundas que se encontram enraizadas em valores culturais remotos. O MST, reconhecidamente um Movimento de esquerda, reproduz nas relações de gênero os valores existentes na sociedade burguesa capitalista. *“Assim, o poder do macho não é exercido apenas no seio dos grupos conservadores, estando também presente no interior dos contingentes progressistas e até mesmo radicais de esquerda.”*<sup>35</sup>

Desde a formação do MST em 1985, observamos que já havia uma certa preocupação em torno da participação das mulheres em sua estrutura, já que sua presença era maciça na formação e organização do Movimento, pois elas já haviam desempenhado papéis essenciais à dinâmica funcional do referido Movimento. Essa questão foi verificada ao pesquisarmos os primeiros objetivos gerais e princípios elaborados pelos Sem Terra em 1985.<sup>36</sup>

No item sexto dos objetivos gerais, fala-se em *“combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher”*<sup>37</sup>, percebendo-se dessa forma, que o MST busca uma integração mais intensiva da mulher em suas instâncias.

Entretanto, ao averiguarmos ao longo da pesquisa, é que apesar dessa demonstração de interesse da participação das mulheres nas instâncias deliberativas do Movimento e, até mesmo, nos Encontros, Congressos Nacionais e Mobilizações, tal fato não se realiza na prática. O espaço “dado” à mulher têm sido cuidadosamente planejado, tendo ela que provar sua competência com mais veemência que o homem. Percebe-se que esse comportamento machista reflete nas questões mais simples da práxis do MST até as mais complexas, pois o domínio do universo masculino se sobrepõe ao do feminino, como podemos observar no depoimento de Cácia:

<sup>35</sup> SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes – mito e realidade. p.17.

<sup>36</sup> MST, op. cit., p. 44

<sup>37</sup> MST, Caderno de formação n° 23

*“...se vai num acampamento os espaços das mulheres estão perto dos fogões, tão nas torneiras de lavar roupa, que são espaços insalubres, molhados, frios, na sombra, ou perto das privadas, que são lugares mais insalubres ainda. Já vê os espaços masculinos é um lugar mais ensolarado dos acampamentos, assentamentos, e onde tem chão mais limpo e plano porque vão jogar futebol ali, e nos espaços onde o mundo de fora, o mundo exterior tem mais acesso, que é o salão das reuniões. Então, se você quiser falar com as mulheres no assentamento, se você for no campo de bocha, no salão de reunião, você não vai ter nenhuma mulher reunião de mulher lá. Agora se for no campo onde tem cozinha, as latrinas, as privadas e o lugar de lavar roupa ou onde eles juntam criança, você vai ver mulher, que são os lugares mais insalubres e mais apertados, e mais desorganizados, porque a visão de que é o exterior, o espaço público é masculino...”<sup>38</sup>*

Diante esse desconforto, as mulheres se conscientizaram de que essa situação as impediam de darem prosseguimento às suas lutas política. Dentre esse contexto, as militantes perceberam a necessidade de se organizar e discutir sobre a questão, articulando-se em nível regional, estadual e nacional. Elas queriam que houvesse uma maneira de quebrar as barreiras do preconceito e do machismo no meio do Movimento. Foi aí que começou uma articulação informal entre elas afim de solucionar esses problemas.

O grupo de mulheres que se dispôs a enfrentar essa luta, encontrou muita resistência e muitas dificuldades, como narrou a militante Nair.

*“Olha, no início foi um grupo de mulheres quem puxou isso. Porque até hoje a gente entende que se nós mulheres não puxar, os companheiros dificilmente eles vão puxar. Isso nós temos claro (...). Agora no momento que você começa a discutir aí sim eles começam a vim. No início, foi muito difícil, esse coletivo de gênero, nem era coletivo de gênero, era um grupo lá. De mulheres que começou a discutir essa questão das mulheres dentro do Movimento Sem Terra, porque a gente faz o mesmo trabalho, a gente também trabalha, a gente também tem dificuldade igual eles, e por que a gente tem discriminação, aí a gente começou a fechar isso, no início teve barreiras, no início a gente teve que fazer uma discussão, tivemos que meio parar, às vezes, agüentar algumas coisas, aí fomos nos infiltrando, como quem não queria. Não eu concordo contigo, vamos eu também concilho com isso, então no início foi muito difícil, agora hoje, hoje já tá mais fácil da gente en-*

<sup>38</sup> CORTÊZ, Cácia. in SQUINELO, op. cit., . p.32

*frentar isso porque o setor a parte, é um setor que tá aí pra luta. É um setor que não tá fora, então, a gente geralmente discuti com essa questão, com as direções que é mais difícil, com as coordenações essa questão. Nós não queremos ser um movimento assim de mulheres, ter um movimento a mais do que os homens, passar em frente deles, nós queremos que seja igual essa questão o nosso tratamento, o tratamento deles em relação a nós, e nós em relação a eles, também, nós não queremos, porque tem alguns companheiros que acha que a gente quer passar por cima deles, que as mulheres querem ultrapassar os homens. Inclusive tem uns que vai tomar a frente deles, mas não é isso. O setor nosso é um setor dentro do Movimento Sem Terra, que a gente quer ajudar o Movimento, não é algo a parte, então, esse entendimento que tem nas direções, coordenações, nós somos o setor dentro do MST como qualquer um setor, um outro, e defendemos todas essas questões do movimento então, isso já tem, mas tem algumas barreiras ainda, tem algumas dificuldades, porque até mesmo você discutir essa questão de gênero tem que ter pessoas um pouco mais preparada, conhecer, tem que ler texto, tem que ter toda, há um pouco de bagagem. Então, a gente ainda enfrenta muita dificuldade nesse sentido.”<sup>39</sup>*

Uma das primeiras conclusões, que o grupo de militantes chegou, é que a visão dominante sobre as relações de gênero eram superficiais. Acreditava-se que concretizada a revolução socialista estariam conquistadas automaticamente relações de igualdade entre as classes, como as de gênero. Na nova perspectiva, as mulheres chegaram à conclusão que a revolução socialista não teria igualdade nas relações de gênero e que uma nova problemática iria instaurar-se devido à permanência das desigualdades entre os sexos.

*“Se pensar apenas na reforma agrária, na revolução socialista e não se desenvolver um trabalho de conscientização entre os homens e mulheres acerca do problema da desigualdade de gênero, o problema será sempre adiado para o período pós revolucionário. Ao chegar ao final da revolução, existe uma revolução socialista na propriedade mas não no gênero, porque ideologicamente isso não foi incluído desde o começo, desde a organização inicial”<sup>40</sup>*

As mulheres percebendo essas novas relações e da forma como foram construídas, procuraram buscar novas alternativas que pudessem proporcionar novos referenciais para as

<sup>39</sup> GUEDES, Nair. in: SQUINELO, op.cit. p. 37

relações de gênero. A busca foi para a construção de uma nova mulher e de um novo homem. Dessa forma, após várias tentativas de se organizar, em maio de 1996, consolidou-se a discussão, realizando-se o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres do Movimento dos Sem Terra. Esse foi um momento muito esperado pelas mulheres. Era o primeiro passo de uma “revolução dentro da revolução”<sup>41</sup>. A partir daí se formou o Coletivo Nacional de Gênero do MST. Vejamos o que diz Nair Guedes :

*“...desde o início do movimento nossa participação sempre existiu, parece assim que não era discutido. Numa época do Movimento Sem Terra se resolve discutir essa questão de gênero, essa questão das mulheres, até porque nos acampamento, principalmente nos acampamentos quem agüenta as barras muitas vezes é a mulher, agente pensa assim , algumas dificuldades nesse sentido as vezes a mulher vai pra luta e as vezes o companheiro quer desistir daí a mulher quando fala assim: não , eu vou ficar, se você quiser pode ir ,eu fico. Então acontece muito isso, então a gente resolveu decidir essa questão daí começou as discussões pelos corredores, pelos bastidores, começamos a discutir, daí fomos todos os setores, as instâncias do Movimento Sem Terra em nível nacional, elas estão divididas, por regiões o Movimento Sem Terra ele é dividido por regiões no Brasil, a gente somos em seis regionais, seis região que a gente fala.(...) a gente tem três reuniões por ano, reunião de estudo e é ali o setor que um pouco define os trabalhos mesmos da região, que define um pouco pra que rumo a gente vai, é o setor também que tem toda a responsabilidade de discutir as instâncias, na direção nacional do Movimento, nas regionais”.*<sup>42</sup>

Dessa forma, através de reuniões informais, foi formado do Coletivo Nacional de Gênero, que busca, principalmente, combater as desigualdades entre os sexos e o machismo dentro do MST. Daí, vários outros assuntos que tratam da questão da mulher foram discutidos. Dentre eles a saúde, a luta pela previdência, o trabalho feminino, a alfabetização etc. e tudo que contribuísse para a formação sócio-político e cultural da mesma, objetivando uma melhor condição de vida para elas. Evidenciando, assim, que esse coletivo de gênero foi formado através de uma luta das mulheres dentro do MST.

---

<sup>40</sup> PETRAS, James. Uma revolução dentro da revolução. in: MST, p.12

<sup>41</sup> Ibid p.12

<sup>42</sup> GUEDES, Nair. in: SQUINELO, op. cit. p. anexo.

O Movimento dos Sem Terra tem consciência de que ao elevar o nível de participação das mulheres na luta pela terra e reforma agrária, favorece ao mesmo, pois fortalece suas estruturas e torna mais viável e possível a conquista da terra e uma nova sociedade, pois ,

*“como fazer então uma revolução sem mobilizar a mulher? Se metade do povo explorado e oprimido é constituído por mulheres, como deixá-las à margem da luta? A revolução para ser feita necessita de mobilizar todos os explorados e oprimidos, por consequência as mulheres também. A revolução para triunfar tem que liquidar a totalidade do sistema de exploradores e opressão, libertar todos os explorados oprimidos. Por isso tem que liquidar a opressão da mulher , é obrigada a libertar a mulher.”<sup>43</sup>*

Assim, a justificativa utilizada pelo movimento para intensificar a participação das mulheres em suas diversas instâncias, foi fundamentada através dos pensadores Marx e Engels, dizendo que *“a libertação da humanidade só será possível com a libertação total da mulher”<sup>44</sup>* e *“que a questão da mulher se converte assim em um componente de teoria e prática da luta por libertação da classe trabalhadora”<sup>45</sup>*

Percebendo-se, dessa forma, que a inclusão da mulher na luta pela terra e Reforma Agrária não é apenas uma questão de reconhecimento do seu trabalho e de acabar com as barreiras do preconceito, mas sim uma estratégia de luta , por reconhecerem sua força de transformação abrindo o caminho para uma nova sociedade. Vejamos o que diz Machel:

*“A emancipação da mulher não é um ato de caridade, não resulta de uma posição humanitária ou de compaixão. A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia de sua continuidade, uma condição de seu triunfo.”<sup>46</sup>*

Portanto, o MST tem cedido um espaço na sua estrutura para discutir e avançarem nessa questão, já que as mulheres formam 50% da população dos acampamentos e assentamentos. Sendo esse número decisivo para o sucesso de suas empreitadas, porque *“é , na maio-*

<sup>43</sup> MACHEL, Samora. in: A libertação da mulher.p.18

<sup>44</sup> MST. op. cit., p.48

<sup>45</sup> Ibid.

<sup>46</sup> MACHEL, op. cit. p. 18

ria das vezes delas a decisão política de trabalhar individual ou coletivamente, é delas, em última instância, a decisão sobre os rumos que a família toma, porque é ela que anima ou desanima a família.”<sup>47</sup> Em sua maioria, fazem isso sutilmente, dentro de casa, de forma não organizada e com pouca clareza dos projetos que estão em jogo, fazem a partir de suas deduções elaboradas com poucas informações e muitas vezes distorcidas. Segundo Kapo:

*“A elevação do nível educativo das mulheres, a contínua socialização dos afazeres domésticos e o aprofundamento da democracia na família, eliminarão sem deixar lugar a dúvidas os desníveis que existem no nosso país nas relações entre as mulheres e os homens e darão a possibilidade às mulheres de manifestar as suas inesgotáveis energias e o seu talento e de afirmar assim a sua personalidade em todas as tarefas da vida.”*<sup>48</sup>

Desta maneira, essas mulheres associaram-se em nível nacional em busca de um espaço dentro do MST. Em maio de 1996 ocorre o primeiro encontro nacional dessas mulheres no Instituto Cajamar em São Paulo, sendo o Rio Grande do Norte representado por Fátima Ribeiro. Esse encontro favoreceu o surgimento das primeiras discussões e linhas de ação sobre a questão de gênero. Em setembro de 1997, em Cuiabá, ocorreu o Encontro Regional da Região Centro-Oeste. Das conclusões deste encontro, tirara-se os temas que seriam debatidos no segundo Encontro Nacional de Mulheres realizado em outubro do mesmo ano em Brasília. A partir dessa reunião nacional definiram-se os textos para estudos que foram organizados em forma de uma cartilha com o título “Compreender e construir novas relações de gênero”, editado em 1998, contendo as determinações de como construir novas relações de gênero desde o acampamento. Segundo Squinelo:

*“A busca pela igualdade entre os sexos (antecedendo e preparando a sociedade igualitária) levou para o interior do MST a discussão sobre as relações de gênero, porém, desde o início, as mulheres enfrentaram preconceitos e resistências, ora conquistando, ora retrocedendo em seus espaços de organização. O movimento acabou se estruturando, embora não fosse da forma ideal.”*<sup>49</sup>

<sup>47</sup> MST, op cit. p.49

<sup>48</sup> KAPO, Vito. in: A libertação da mulher, p.73

<sup>49</sup> SQUINELO, op cit, p.38

De acordo com o MST, o engajamento político e econômico da mulher é o sustentáculo do processo orgânico e massivo do movimento, processo que garantirá no futuro a transformação de toda sociedade. Para tanto foram elaborados alguns objetivos específicos da participação das mulheres, vejamos:

*“Fortalecer o MST nas suas diversas instâncias e setores; buscar a massificação da luta pela terra, em todo seu processo: antes, durante e depois; fortalecer o processo do avanço das forças produtivas dentro do assentamento; obter o conhecimento da mulher no meio rural e na história da classe trabalhadora; estabelecer uma relação de companheirismo e solidariedade entre homem e mulher, isto é, buscar uma relação de novo tipo e identificar as classes econômicas, sociais, culturais e políticas que impedem a participação integral das mulheres.”<sup>50</sup>*

Neste sentido, as mulheres começaram a compreender que algumas das suas metas (construir novas relações de gênero) e conclusões das discussões deveriam cristalizar-se em suas ações cotidianas. Neste ponto reside uma grande diferença com as feministas tradicionais, pois as mulheres sem terra entendem que essa mudança de postura seja dos companheiros, dos irmãos, dos filhos e dos maridos só será possível com a discussão numa perspectiva conjunta. Não se trata de uma imposição de um novo discurso, mas sim da construção de uma nova práxis que levaria à convivência mais igualitária.

Os homens foram chamados para essa discussão no intuito de mudarem posturas simples como dividir tarefas do lar, tecer um elogio à esposa e tomar as decisões em conjunto. Sobre esse entendimento Cácia afirma:

*“... determinados assuntos não tinha que ser só do interesse dos homens, que elas também tinha que conhecer. E passaram a debater com os homens que eles tinham que permitir que elas soubessem daquilo que eles não queriam passar, claro que com muita crise, muitos problema familiar, de casal, mas com muita dignidade e disposição, a ponto delas conquistarem o departamento, um polo, uma organização, dentro do movimento das mulheres no Movimento Sem Terra. Isso tá se reforçando, tá criando um corpo, mas também tá em construção, ou*

---

<sup>50</sup> Ibid.p.50-51

*seja, o que diferencia é que muitas feministas urbanas querem fazer esse discurso, ou seja, querem interferir nesse discurso das mulheres agricultoras e sem terra ; que é que as mulheres agricultoras não querem transformar elas não, elas querem transformar os maridos , então elas não admitem discutir o gênero sem a presença do homem. então o debate de gênero faz parte de todas as agendas de organização dos Sem Terra. Então, não é só as mulheres que apartadas discutem os problemas delas, elas também fazem isso, mas na hora de traçar política é junto com os homens. Que é o contrário das feministas, muitas vezes que nós vamos sentar e enfrentar machos. Não, elas tão tentando formar os maridos pra entender a importância da discussão, os maridos e os companheiros, e os filhos discutir a questão de gênero como uma construção de uma cultura e não como imposição de um discurso”<sup>51</sup>*

Todavia, na construção dessa nova práxis social, a mulher enfrentou o preconceito, a resistência e o machismo. Também, teve de superar suas próprias barreiras culturais (principalmente os valores judaico-cristão de uma educação machista), que as impedia de assumirem-se enquanto mulher, com seus desejos, anseios, medos e angústias.

O universo rural é permeado pelos valores religiosos, sendo assim, embora as mulheres da cidade e do campo acabem compartilhando os mesmos problemas, as do campo vêm-se mais oprimidas e reprimidas em seus sentimentos, principalmente, no que tange ao sexo e ao prazer, pois em função desses valores elas acabam por verem-se frustradas em seus relacionamentos conjugais. Sexo e prazer são condenados e encarados como simples agente reprodutores da vida.

O debate em torno da questão de gênero, permite também a elas reelaborarem esses valores impostos, resgatando a auto-estima e redimensionando os sentimentos que sexo e prazer podem oferecer. Isso proporciona que reconstrua seus relacionamentos, sentindo-se amadas e queridas por seus companheiros.

Além desses fatores, deve-se considerar que a discussão é nova até mesmo para as mulheres sem terra. Tudo é novo e diferente. Portanto, com dificuldades próprias. Ainda é difícil falar do próprio corpo, desejos, fantasias, prazer, recusa à maternidade, divórcio e

---

<sup>51</sup> CORTÊZ, Cácia. in: SQUINELO, op. cit. p.40

aborto. Até de encontrar pessoas especialistas que as auxiliem ou um corpo teórico para se fundamentarem.

Dessa forma, o coletivo de gênero busca uma participação mais atuante da mulher dentro do Movimento. Não é apenas uma participação inconsciente e despolitizada, mas uma mulher preparada para assumir as tarefas que lhes foram atribuídas. Dessa forma, o MST traçou algumas linhas políticas sobre a participação das mulheres, objetivando, principalmente, sua inclusão no meio orgânico e deliberativo no mesmo. O documento do MST diz:

- “1. Que as mulheres, junto com os homens e jovens devem participar dos núcleos de base, das coordenações dos assentamentos, das cooperativas, do partido, do sindicato e diz mais: que na coordenação dos acampamentos e assentamentos seja 50% das mulheres (ou seja, deve Ter um coordenador e uma coordenadora);*
- 2. Que no trabalho da produção, (roça, leite, horta, suínos, agroindústria) as mulheres participem não só do trabalho, na administração, na distribuição dos resultados e na hora em que o técnico vem fazer explicação ou dar um curso, também as mulheres estejam aí para aprender;*
- 3. Que os cursos de formação não sejam coisa só para homens. As mulheres devem buscar participar, pois só dirige quem sabe;*
- 4. Que na luta pela terra, ocupação, acampamento, mobilizações, participa toda a família, portanto, a conquista da terra é uma conquista da família. Nada mais justo quando o INCRA vem fazer o cadastro, este seja feito no nome dos dois. A mesma coisa podemos pensar dos financiamentos dos projetos. É muito importante que os projetos de financiamento, todos sejam discutidos por todos os membros da família que já trabalham e que o projeto seja assinado pela mulher e pelo homem. pois na hora de pagar a dívida, todos terão que trabalhar e se organizar;*
- 5. Como educar nossas crianças – meninos e meninas – para que sejam pessoas mais felizes? Esta não é uma tarefa só da mãe, mas também do pai e da comunidade, e das lideranças e o exemplo é nossa melhor escola. Estudar e conversar entre nós ajudará a encontrar os melhores caminhos para educar os filhos.*
- 6. Como a mulher poderá participar da organização do MST, do assentamento, na produção, nos cursos, na Frente de Massas, na Cooperativa, quem ficará com as crianças? As cirandas infantis que poderemos criar serão uma das ferramentas para que a mulher possa participar mais do MST e das organizações dos trabalhadores. A ciranda infantil não é um luxo, mas uma necessidade para que as mulheres*

*possam participar e é um espaço para que as crianças possam formar a sua personalidade de forma criativa, com responsabilidade. Desde pequeno se tornar sujeitos de sua história, ficando mais próximo dos pais.*

*7. Que em todos os cursos, reuniões... sejam regionais, estaduais e nacionais, o MST deve garantir a Ciranda Infantil.*

*8. Nos assentamentos e acampamentos é importante que se crie os coletivos de mulheres (jovens e adultas) onde elas se encontrem para estudar, discutir seus problemas e se preparar para participar das questões maiores do acampamento, assentamento e MST.*

*9. É importante também irmos criando espaços onde se encontram mulheres e homens para discutir sobre as questões de gênero, sexualidade, afetividade, novas relações entre homens e mulheres.”<sup>52</sup>*

Assim, podemos observar que a luta e conquistas dessas mulheres avança e consolida-se no dia-a-dia. Do embate entre homens e mulheres, surgindo a possibilidade de criar novos valores, uma nova sociedade, onde se leve em conta a mulher e o homem. A discussão acerca do gênero possibilitou a essas mulheres darem uma nova dimensão a valores consolidados em nossa sociedade e elaborar novos espaços que permitam a construção de um novo homem e de uma nova mulher.

Diante do exposto, após um breve estudo sobre a origem e formação do MST em nível nacional e estadual, e principalmente, a relação entre o Movimento e as mulheres, veremos no próximo capítulo, um resgate da História de luta pela terra, através, da memória de algumas participantes do “caso Marajó” numa ótica de gênero, verificando que comportamento o MST demonstrou nesse período com relação as mulheres e como foi a história dessa luta, resgatada através de suas memórias.

---

<sup>52</sup> MST. Mulher sem terra

### CAPÍTULO III . MEMÓRIAS DE LUTA NO ASSENTAMENTO MARAJÓ

A passagem do MST pelo vale de Açú e pela área de influência do projeto Baixo-Açú, entre o segundo semestre de 1989 e os dois primeiros meses de 1990, resultou em duas ocupações que não tiveram êxito.

Dessa forma, o que levou o MST a escolher a região do Mato Grande deve-se principalmente ao fracasso dessas duas ocupações de terras nos municípios de Augusto Severo (atual Campo Grande) e Santana do Matos<sup>53</sup>. As duas tentativas de ocupação não tiveram resultados positivos, do ponto de vista da conquista da terra. Porém, ocasionaram o fortalecimento organizacional do movimento, através do estreitamento dos laços entre a comunidade camponesa, setores sindicais e o movimento popular no Estado.

*“A região do Mato Grande apresenta diferenças em relação ao Vale do Açú, do ponto de vista do desenvolvimento agrícola. O Vale do Açú passa por um processo de penetração de capital no campo, modificando tanto as relações de trabalho como as de produção, constituindo-se num processo de modernização da agricultura que tecnificou uma minúscula parte da pequena produção que passou a subordinar-se , não mais ao latifúndio, mas ao capital monopolista (...). a região do Mato Grande, por seu lado, não passou por mudanças tão profundas, existe um predomínio de estruturas atrasadas, na qual prevalece uma agricultura temporária e de subsistência, baseada em métodos arcaicos.”<sup>54</sup>*

Em março de 1990, o MST instalou a secretaria em Natal no sindicato dos comerciários. A mudança da secretaria do movimento da cidade de Açú para Natal esteve ligada ao redirecionamento de sua luta de Açú para a região do Mato Grande.

Essa modificação da estratégia de luta e da escolha da região foi analisada pelo movimento como sendo um meio de reestruturar o MST no Rio Grande do Norte e de buscar áreas que fossem viáveis para reiniciar o combate tendo resultados positivos, ou seja, a conquista da terra.

Uma das ativistas do movimento, Livânia, viu a escolha da seguinte maneira:

<sup>53</sup> A este respeito ver: SOUSA, op. cit.

<sup>54</sup> Ibid. p.129-130

*“... e então conhecendo essa região, a gente sentiu que era menos seca, que as comunidades eram bem mais próximas do que lá na região do Açú- de mais difícil acesso, porque a gente não tinha transporte, o trabalho de base tinha que ser feito no caminhão ou de pés mesmo. Então , pra nossas condições aqui era muito mais viável, tanto no número , porque agente se informou um pouco da questão geográfica da região né. As áreas de terras ociosas tentou pesquisar o número de sem terra que tinha. E isso nos forneceu dados que nos convenceu que aqui era o lugar de se começar o movimento (MST) e de se fazer ocupação. E foi a partir daí que a gente discutiu com a Nacional e disse que aqui . apresentou esses dados, o número de sem terra, o número de fazendas ociosas, a questão geográfica, a facilidade de chegar nas comunidades, a terra boa.”<sup>55</sup>*

Na região de Mato Grande inexistem ilhas de modernização, ela não passou por mudanças profundas como é o caso do Vale de Açú, ao contrário desta, existe um predomínio de estruturas atrasadas, na qual prevalece uma agricultura temporária e de subsistência, baseada em métodos arcaicos como o uso de enxadas, foices, carrinho-de-mão, ou seja, o trabalho era basicamente manual. A pecuária é praticada de forma extensiva, caracterizando-se por apresentar o maior grau de concentração fundiária do Estado. Além disso, apresenta uma vasta população de posseiros, favorecendo as práticas de grilagem, em virtude deles não possuírem a propriedade jurídica da terra

*“O Movimento dos Sem Terra se projeta no cenário da luta política pela Reforma Agrária no RN, como uma alternativa, quando ele começa a desenvolver um trabalho organizativo junto à população rural da região do Mato Grande e que vai culminar em diversas ocupações de vários latifúndios”<sup>56</sup>*

Dessa forma, a primeira ocupação organizada pelo MST na Região do Mato Grande foi na Fazenda Marajó. A fazenda ficava localizada no município de João Câmara, de propriedade de Francisco Caraciale Bezerril e correspondia a uma área de 1562 ha (ver o anexo 1).

Esta Fazenda já havia sido vistoriada em março de 1988, pela Delegacia Regional do Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário (MIRAD). Cujo o laudo de avaliação e

<sup>55</sup>FRIZON, Livânia. in: SOUSA, op.cit. p. 129

<sup>56</sup> Ibid. p.130

viabilização concluiu que “(...) o imóvel não atendia completamente a função social da terra e que o mesmo possuía condições favoráveis para a instalação de um assentamento(...)”<sup>57</sup>

A Fazenda Marajó , antes mesmo de ser ocupada pelo MST, já havia sido alvo dessas ações outras vezes antes de 1990. Uma delas ocorreu em 1988 por camponeses pobres organizados e dirigidos pelo STR do município de João Câmara.<sup>58</sup>

Essas lutas anteriores , significaram o início da luta pela desapropriação da Fazenda, bem como o acirramento da luta pela terra desencadeada pela população pobre do campo. Tais ocupações desembocaram, igualmente, num processo de negociação com o INCRA.

Assim no dia 29 de julho de 1990, aproximadamente 300 famílias , sob a orientação do MST, ocuparam a Fazenda Marajó. Essa ocupação teve um caráter diferente das anteriores organizadas pelo o Movimento dos Sem Terra em Augusto Severo e Santana do Mato, pois para a ocupação da Fazenda Marajó o MST adotou novas táticas e estratégias. Enquanto que nas ocupações anteriores o MST agia isoladamente, no caso Marajó ocorre justamente o inverso, uma vez que o movimento buscou alianças com outros setores do movimento operário e popular, tornando-se, assim, mais aberto para outros segmentos organizados.

### 3.1- Histórias de vida: o cotidiano antes do encontro com os Sem Terra

O cotidiano das mulheres que estiveram presentes na luta pela terra e reforma agrária no caso da Fazenda Marajó, era de muita dedicação à família, a casa e ao trabalho na roça. As suas atividades estavam limitadas ao espaço privado e não ao público.

Verificamos numa pesquisa realizada em Mato Grosso do Sul por Squinelo, que o papel das mulheres trabalhadoras rurais desse estado, era semelhante àquelas do caso Marajó.

*“Mulher de cama e mesa...Submissa ao marido, ao pai, à sociedade...Dona de casa, educadora dos filhos...Dedicada à família, de pouca cultura, de pouca fala, entregue às tarefas do lar...Profissão? Nem pensar...Bordar, costurar, pintar, constituem seu cotidiano...Alheia à sociedade e aos problemas contemporâneos, sua missão constitui-se*

<sup>57</sup> Ibid.p.130-131

<sup>58</sup> A este respeito ver o fichário de conflitos de terra do SAR (06 de abril de 1990) registra o início do conflito em 1989. In: SOUSA, op. cit.,p. 131.

*em cuidar da casa dos filhos, marido, como também dedicar-se às atividades religiosas”.*<sup>59</sup>

As experiências de vida relatadas mostram que em seu cotidiano não há uma clara distinção entre os limites do lar e do trabalho, entre as atividades domésticas e as tarefas agrícolas, entre as responsabilidades na educação dos filhos e a vida comunitária. No campo, a autoridade do chefe de família – do pai ou do marido – extrapola o espaço doméstico e muitas vezes impõe-se, negando a participação das mulheres nas decisões nas cooperativas, nos bancos, nas associações de produtores e nos sindicatos.

Em parte, a origem do poder masculino sobre as mulheres tem suas raízes no processo de colonização do Brasil. A sociedade camponesa nordestina foi formada e “*fundamentada no Patriarcalismo. Altamente estratificada entre homens e mulheres...*”.<sup>60</sup> Notificando a presença marcante desse comportamento até hoje na sociedade brasileira, principalmente no meio rural quando observamos que a mulheres adotam a submissão e a obediência, como forma de respeito ao marido. Essas atitudes, contudo, foram-lhes completamente impostas e não conquistadas através do reconhecimento e respeito de sua posição como mulher, um sujeito potencialmente político e social.

Em alguns depoimentos, observamos claramente um comportamento de submissão e obediência quando elas deixam todas as decisões a cargo de seu marido, pois “*a elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos.*”<sup>61</sup>

Em vários depoimentos transparecem sutilmente essa questão. Vejamos um.

*“Esses negócios assim lá (reuniões e mobilizações) eu nunca fui não, sempre quem vai é João. Às vezes eu tenho vontade de ir, como essa última que teve, mas João num aprova não.”*(depoimento de Da. Maria Lúcia Vicente Dias)

Diante do exposto, percebemos que mesmo questionando seu papel como mulher (mãe, esposa e trabalhadora), a opinião das mulheres não tinham poder de decisão. Cabia ao homem, ao chefe da família, tomar todas as decisões que iriam traçar o caminho de toda a fa-

<sup>59</sup> SQUINELO, Ana Paula. Mulheres e relações de gênero: uma discussão feita por mulheres do movimento dos trabalhadores rurais sem terra de Mato Grosso do Sul. P.18

<sup>60</sup> FALCI, p.242

<sup>61</sup> Ibid. p.241

mília, já que “o homem do campo transfere essa carga histórica e culturalmente construída para suas relações sociais e cotidianas, onde sua prática cristaliza o seu poder sobre o universo feminino e ao mesmo tempo é respaldada pela prática de nossa sociedade.”<sup>62</sup>

Por outro lado, não se pode generalizar, algumas mulheres, mesmo tendo que superar arduamente toda essa cultura machista, destacaram-se, mostrando que também possuíam poder de decisão, estabelecendo suas metas e lutando por seus objetivos. Como foi o caso de D. Luciana..

*“Eu faço parte da associação também aqui. Porque um assentamento não pode viver sem associação, mas tem gente que entende assim, que é assim mesmo sem nem uma pessoa pra representar nada. Porque muitas mulheres precisam de salário maternidade, às vezes de aposentadoria, aí ficam soltas assim, sem Ter uma pessoa pra representar nada. Aí quando fazem uma reunião ali, ou uma assembléia, não tem nem uma mulher, os homem tudo passa por lá, mas num tem uma mulher que quis dá o nome, pois era uma ruma de homem. Aí, eu botei meu nome aí, porque num pode ficar assim, ai eu peguei, pronto, todo dia 11, agente se senta os doze, quando não vai os doze, vai só 8..!”<sup>(v)</sup>*

A depoente revelou que, mesmo com pouca clareza sobre as questões políticas, sociais e econômicas que envolvem e interferem no andamento de um assentamento, buscou representar a mulher dentro da associação, visto que até então, não havia essa preocupação.

Dessa forma, como disse Alier em seu trabalho sobre as mulheres camponesas, realizado em São Paulo, na Fazenda Águas Claras,

*“Tem sido argumentado com freqüência que é a introdução maciça de mulheres na produção social é que levará a uma redefinição de papéis sexuais tradicionalmente assimétricos, e da organização familiar. Ainda que a longo prazo isso possa ser verdadeiro, no momento em que as mudanças nos padrões ocupacionais ocorrem, os valores tradicionais com respeito aos papéis sexuais relacionados com o papel particular que elas têm na família, parecem exercer uma influência importante na escolha, desempenho e a avaliação do trabalho das mulheres. Ao mesmo tempo, entretanto, a nova situação de trabalho também parece colocar um desafio para a antiga organização familiar”.*<sup>63</sup>

<sup>62</sup> SQUINELO, op. cit. p.30

<sup>63</sup> ALIER, Verena Martinez. Capital e trabalho no campo.p.85

Para D. Luciana, era apenas uma questão de representar as mulheres e prestar um serviço assistencialista mas também mostrar que são capazes de assumir cargos e tarefas de igual competência ao do homem.

Neste período, a maioria das mulheres, mesmo trabalhando na roça com seus maridos, não eram sindicalizadas. Dentre aquelas que foram o objeto de nossa pesquisa, apenas D. Luciana fazia parte do sindicato dos trabalhadores rurais. A mesma falou que participava das reuniões organizada pelo sindicato que se realizavam à cada quinzena.

Percebemos, dessa forma, que essas mulheres tinham dificuldades em integrarem-se à instituições sindicais. Provavelmente, porque estas reproduziam um discurso machista em seu meio (mesmo que inconscientemente). De acordo com Silva, “*na sua maioria os sindicalistas consideram as mulheres mais como uma ameaça do que como potências aliadas. Ainda prevalece entre eles a idéia de que as mulheres são incapazes de desempenhar funções no espaço público*”.<sup>64</sup> Dessa forma percebe-se que as dificuldades encontradas por essas mulheres em filiar-se ao Sindicato Rural são reais, quando no meio de doze trabalhadoras rurais apenas uma era sindicalizada.

No entanto, mesmo que as mulheres não participem ativamente dessas instituições de forma direta, elas não recuam, procuram integrar-se nesse espaço, buscando um redirecionamento das atividades e discussões dessas entidades. “*As mulheres sindicalistas parecem ter uma consciência bastante clara dos sutis fios de discriminação que fazem parte dos códigos sociais. Por isso buscam reagir aos hábitos tradicionais promovendo renovações da cultura sindical e novas posturas de fazer política.*”<sup>65</sup>

De acordo com Giuliani, muitas trabalhadoras, sejam elas urbanas ou rurais, têm a sindicalização não apenas como um motivo de serviços e benefícios fornecidos por esta instituição, mas pelo desejo de “*fazerem algo em prol da categoria, de ajudarem algum familiar dirigente, ou de conhecerem por dentro a organização*”.<sup>66</sup>

No caso Marajó, constatamos que as mulheres não participavam de grupos ou instituições que as fizessem refletir o seu papel na sociedade, que as fizessem interferir no curso das decisões políticas ou econômicas, que as fizessem questionar a sua posição no âmbito fa-

<sup>64</sup> SILVA, Maria Aparecida Moraes, in: (Org.) PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. p.570-571.

<sup>65</sup> GIULANI, Paola Campbellin. op.cit.p.656.

miliar, nas atividades domésticas e no campo do trabalho, enfim, que as fizessem refletir e questionar as relações entre os gêneros, o papel do homem e o da mulher, os seus direitos e deveres, não mais num discurso machista ou feminista, mas numa perspectiva de equidade, considerando as características de cada indivíduo, sejam homens, mulheres ou crianças.

Assim, as experiências de vida relatadas por essas mulheres denunciaram sua condição submissa ao universo masculino e, ao mesmo tempo, mostrou-nos uma inquietação, um certo desconforto por viverem dessa forma, pois percebemos que, no íntimo, as mulheres do caso Marajó, questionavam sua situação, percebendo que viviam num clima de opressão e que estavam dispostas a redimensionar suas vidas.

*“As mobilizações das trabalhadoras rurais ilustram muito bem a capacidade das mulheres de vincular as reflexões sobre a vida doméstica às demandas dos movimentos populares. Embora tenham uma consciência interna muitas vezes frágil, as trabalhadoras aprenderam a expressar toda a riqueza e as potencialidades criadoras da crítica à divisão sexual do trabalho, evoluindo, em suas reivindicações, para uma clara confluência com o ideário feminista”.*<sup>67</sup>

Até o período em que as mulheres desconheciam o Movimento dos Sem Terra, não havia grupos formados para discussão dos papéis da mulher na sociedade. O espaço social dessas mulheres estavam restritos basicamente à movimentos religiosos e a festas familiares.

### **3.2 – O encontro com o MST: a esperança de conquistar a terra**

Até a década de oitenta, as mulheres e também seus companheiros desconheciam o MST. Apesar das esperanças de um dia melhorarem de vida, não acreditavam na existência de um movimento capaz de impulsionar a luta pela terra e realizar o sonho de muitos trabalhadores e trabalhadoras rurais: possuir um pedaço de terra.

Vários depoimentos revelaram que tanto as mulheres como os homens não sabiam da existência do Movimento Sem Terra. Conforme testemunho de D. Maria Dória da Silva. Fomos informados que ela só passou a conhecer o MST quando ocuparam a terra, até então, não

---

<sup>66</sup> Ibid. p. 653.

sabia exatamente o que era o Movimento dos Sem Terra. Desconfiada, ela pouco respondia as perguntas que elaboramos, por isso tivemos que reforçar cada questão para que ela desse mais detalhe de sua história.

Em outro depoimento também foi relatada essa questão:

*“Eu conheci porque nós trabalhava no município de Parazinho, nós motor de aváuvula num sabe, ai quando nós chegamos vimos pra qui, aí aquela menina Livânia foi lá. Mas nós nem sabia o que era isso, viemo saber quando no chegemo aqui dentro. Mas nós sofremo muito né, sofremo qui só aqui dentro”*(depoimento de Da. Luzia Cícero da Silva)

Através dos dois depoimentos, ficou claro que as mulheres desconheciam o MST, assim não compreendiam a organização e estrutura do mesmo, apenas sabiam que esse movimento iriam ajudá-las a conquistarem a terra.

Com base nos relatos, observamos que , até o momento da ocupação, as mulheres não tinham ciência do era o MST. Isto leva-nos a crer que o período em que os seus militantes passaram nas regiões mobilizando as famílias, fazendo o trabalho de base, incentivando-as para ocuparem a terra, não houve um esclarecimento mais preciso sobre o que realmente era o MST, do que se tratava esse movimento e seus objetivos. Esse passo só foi dado após a ocupação, quando as famílias já estavam acomodadas e organizadas no acampamento, revelando aí, mais uma tática de luta do MST, como relata Da. Severina :

*“Nós morava em Parazinho, nesse tempo chegou uma mulher lá pra fazer uma reunião e disseram que era mode dá a terra pro povo (...) foi Livânia e Pedro Kitan, foi os primeiros a chegarem lá né, em Parazinho, aí chegaram pra incentivar o povo, comode vim pra terra e porque o povo melhorava de vida na terra”*.(Depoimento de D. Severina de Oliveira Lima.)

As reuniões organizadas pelo MST com essas famílias nas comunidades, foram o primeiro passo para a conquista da terra. O Movimento dos Sem Terra chamam esse passo como trabalho de base, sendo esse, um das várias formas de luta pela terra<sup>68</sup>, mas “a ocupa-

<sup>67</sup> Ibid .p. 645.

<sup>68</sup>A este respeito ver: ESTÉDILE, João Pedro, FREI SÉRGIO. op. cit., p.49



*ção de terras é a mais forte destas ações, (...) porque cria uma situação de conflito que obriga o governo e a sociedade a olhar para o problema dos Sem Terra”.*<sup>69</sup>

Várias reuniões foram realizadas nas comunidades próximas a João Câmara como: Serra Verde, Serra do Gameleiro, Serra da Cruz, Bento Fernandes, Jardim de Angicos, Pedra D’água e Parazinho. Essas reuniões eram planejadas pelas lideranças do MST que posteriormente as executavam.

Identificamos, através das entrevistas, alguns militantes encarregados de cumprirem as determinações do movimento e realizarem o trabalho de base nas comunidades citadas acima. Foram eles: Livânia, Pedro Kitan Ailton, Nei e Izaias. Os mesmos se organizaram formando dois grupos para viabilizarem suas metas.

Alguns relatos registram esse fato.

*“Eu conheci o movimento quando o povo começaram a fazer essa reunião nas casa, eu conheci logo o Pedro, Ailton e a Nei.”* (Depoimento de Da. Maria Salete Pinheiro da Costa )

*“Foi Livânia, Pedro Kitan, foi os primeiros a chegarem lá né, em Parazinho, ai chegaram pra incentivar o povo...”* ( Depoimento de Da. Severina de O. Lima )

De acordo com a metodologia adotada pelo MST, cria-se uma comissão de militantes de confiança para preparar a ocupação ou para resistir na terra<sup>70</sup>. Depois que a comissão está formada, faz-se um planejamento de trabalho, seguindo alguns critérios como: organizar uma caixinha para as despesas, distribuir tarefas dentro da comissão e fazer um plano das datas de reuniões da comissão.<sup>71</sup>

No limite de nossa pesquisa o que podemos verificar foi a existência de um grupo de militantes responsáveis pela organização e mobilização nas comunidades citadas anteriormente, porém questionamos aqui: por que só após a ocupação da terra foi que houve um maior esclarecimento sobre o MST e não durante o processo de mobilização entre as famílias?

<sup>69</sup> Ibd. p .53.

<sup>70</sup> MST. Construindo o caminho.p.47

<sup>71</sup> Ibd. p.47-49

Caberia um estudo mais detalhado e minucioso de todas as questões que cercam o caso Marajó, analisando todos os parâmetros e situações que estiveram envolvidos em todo o processo, desde o trabalho de base até o assentamento para se chegar à uma conclusão.

Dessa forma, o que foi possível constatarmos é que as mulheres tiveram o seu primeiro encontro com o movimento nas reuniões de mobilizações, ou seja, nas reuniões de base. E, embora tivesse poucas informações sobre o MST, tinham apenas uma certeza: de que o Movimento dos Sem Terra seria o condutor para a tão sonhada terra.

### 3.3 – A Ocupação: fé e luta no momento do embate

O momento da ocupação foi para muitas mulheres desafiador. Nos seus testemunhos, as mulheres não imaginavam como seria difícil e penoso essa fase. Ao mesmo tempo que elas sentiam medo, também sentiam uma sensação de força, de vontade de lutar por seu espaço. Para elas a conquista não significaria apenas um pedaço de terra, mais sim o reconhecimento de seu esforço, de sua luta e de sua competência nas atividades que lhes eram atribuídas.

Desde as reuniões e as mobilizações de base, elas ficaram preparadas para o momento da ocupação. A Coordenação Estadual do MST, as instruíram para organizarem suas bagagens, deixando-as de sobre aviso, pois a ocupação não tinha dia, nem horário certo para acontecer. Elas tinham que levar utensílios de cozinha como, panelas, pratos, copos, talheres, etc, e cobertores, lonas e principalmente alimentos para no mínimo quinze dias.

Por motivos de segurança o MST não informou o local da ocupação, assim como também, não foi informado o dia que iriam agir. Essa é uma estratégia de luta do movimento, uma tática utilizada para não vazarem informações que comprometam o sucesso da ação. Segundo Estédile, dirigente do movimento, *“as ocupações são feitas, via de regra, por grandes grupos de camponeses, vindos de vários municípios diferentes e até distantes, numa mesma madrugada, sem que a polícia e o governo descubram, num latifúndio previamente escolhido.”*<sup>72</sup>

*“As ocupações realizadas pelo MST em latifúndios, freqüentemente, há enfrentamentos com expressões de violência tanto por parte do proprietário quanto do campesinato, podendo a violência da luta de*

<sup>72</sup> ESTÉDILE. op. cit. p.52

*classe assumir várias naturezas, em grande parte devido ao caráter embrionário do nível de organização dos camponeses liderados pelo MST. Estes frente a reação dos latifundiários reagem utilizando-se de seus instrumentos de trabalhos como: foices, enxadas, machados, xibicas, e facões. Eles também podem usar como forma de resistir à repressão dos latifundiários armas de fogo, principalmente espingardas de cartuchos, bem como se utilizar de táticas de guerrilhas urbanas e rural: barricadas, abrirem caixas de abelhas, utilizarem-se de escudos humanos - principalmente de crianças e mulheres - além de fazer armadilhas e emboscadas Os latifundiários , por sua vez, podem mandar assassinar os líderes dos Sem Terra, infiltrar agentes para provocar a divisão e o tumulto entre os camponeses, como também fazer uma repressão massiva através de tropas de policiais ( militar e civil) enviadas pelo Estado.”<sup>73</sup>*

Dessa forma , para que a ocupação tenha bons resultados, o MST adota uma série de quesitos básicos na sua preparação, tais com:

*“1° - Além de ser bem preparada e com bastante gente, a ocupação exige responsabilidade de todos.*

*2° - Identificar as áreas a serem ocupadas com antecedência, analisando se é bom ocupar aquela área ou não. Suas conseqüências e possibilidades de vitória.*

*3° - Mesmo que a área não tenha tamanho suficiente para assentar todas as famílias organizadas, não importa. O importante é ocupar, pois cria um fato político e o governo se obriga a solucionar o caso imediatamente para não se desmoralizar com a opinião pública.*

*4° - Preparar com antecedência: lonas, alimentação , transportes, etc, em cada município, para garantir um bom tempo sem depender de ajuda de fora.*

*5° - Discutir com todos os companheiros a finalidade da ocupação. Quanto mais consciente o trabalhador for para o acampamento menos problemas irá causar.*

*6° - Evitar levar pessoas que só pensam em se aproveitar dos companheiros. Esses facilmente desistem ou então passam a ser informantes da polícia e dos fazendeiros.*

*7° - Procurar envolver toda a família, homem, mulheres, jovens e crianças. A conquista da Reforma Agrária não é responsabilidade só dos homens, mas de todos os que dependem da terra para viver.*

---

<sup>73</sup> SOUSA, op. cit. p. 120-121

8° - *Discutir bem qual é o percurso que todos devem fazer para chegar até a área. Procurar saber se há desvios e maneiras de evitar chamar atenção.*

9° - *Discutir com antecedência , se acaso , a polícia prender os caminhões como se libertar dela.*

10° - *É bom chegar no local da ocupação todos juntos, afim de evitar violência por parte dos fazendeiros.*

11° - *Manter sigilo absoluto do local e data. Apenas a direção deve saber”.*<sup>74</sup>

Essas são algumas táticas de procedimento para organizarem uma ocupação. Dessa forma algumas mulheres descreveram a noite da ocupação com riqueza em detalhes, mostrando marcas inesquecíveis.

*“A gente passou a noite acordada lá em Bento Fernandes, nessa noite teve até uma festa lá, a zuada lá pra baixo , lá pro clube e nós aqui tudo de pacote arrumado, esperando pela hora de vim num sabe, pela madrugada. Aí juntou-se a turma lá de casa menina, era panela, era saco de troço, era enxada, foice, machado, ficaram num terreno só esperando, aí quando foi por volta de uma hora ou duas, aí quando agente pensou , lá vinha o caminhão, aí o caminhão cheio de gente , aí subimo e se mandemo né, aí viemo, agente num sabia nem pra onde era que ia, porque eu perguntava pros meninos e eles num dizia né. Aí eu num conhecia isso aqui, nunca tinha andado pras banda daqui, aí eu sei que agente viemo, aí quando chegou o acampamento foi aculá numa terra , aí fiquemo esperando pelos dois que vinha de outros lugar num sabe, aí esperamos lá, já tinha uns lá já esperando num sabe (...). Decemo do caminhão todo mundo, que era dentro da mata, aí eu sei que a gente ganhemo a mata, menino com luz acesa, farol aceso, aqueles lampião de gás aceso dentro da mata, só as varedinhas, caímo por dentro dos troncos. Quando a gente chegou lá com poucos minutos o dia clareou, aí agente levou ainda toalha plástica, outros levaram lona, a gente pedimo uma lona , aí a gente saiu emendando saco plástico num sabe, pra fazer as toalhas, aquelas lonas pra fazer as barraca, eu sei que aí passou a chuvinha eu me deitei, me cobri com a lona, menina quando a chuva passou fazia uma quentura tão grande chega o suor pingava, aí quando amanheceu o dia todo mundo foi cuidar em fazer as barracas. Aí eu sei que era todo mundo no meio do mato tirando pau pra fazer as barracas, quando pensamo que não, já*

<sup>74</sup> MST. op.cit. p. 72-73.

*tava as casa tudo pronta , bonitinha, bem feitinha, achava tão bom lá dentro do mato.*”(depoimento de Da. Maria Benalva Santana )

Esse depoimento reforça o que verificamos, anteriormente, sobre a tática utilizada pelo movimento em manter sigilo sobre o local e a data da ocupação. Observamos também que esse foi um momento de uma mistura de emoções, em que as incertezas, as tensões , e o nervosismo compartilharam com as esperanças de dias melhores. Porém, apesar de todo esse quadro nebuloso, diante todas as dificuldades vividas nessa fase, constatamos que as mulheres caracterizaram esse período como um bom momento de suas vidas, fazendo-nos questionar esse fato. Por que, apesar das inúmeras barreiras e problemas enfrentados no período da ocupação, e posteriormente, acampamento; as mulheres demonstraram satisfação e felicidade nessa fase? Buscaremos mais adiante respostas capazes de explicarem sensatamente esse fato.

Uma das mulheres assentadas, Irene Coutinho, testemunhou os dias que antecederam a ocupação:

*“... aí fiquemo lá assistindo a reunião deles, aí ele disse: pronto, a gora vocês se aguarde que qualquer um Domingo a gente vem pegar vocês aqui, não tem hora marcada e nem tempo, agora vocês pegue comida pra quinze dias, leve prato, leve colher, leve rede e lona. Aí assim mesmo agente fezemo. Fiquemo esperando, aí quando foi um dia de noite, dia de Domingo, a gente tava em casa quando deu fé chegou o carro , aí viemo embora. Aí fomos para Bento Fernandes para pegar um povo de lá, pelo fechado, ai quando viemo chegar aqui , era dez horas quando saímo de casa, aí nós viemo chegar aqui era três horas da madrugada, aí a gente fiquemo na terra, aí fumo cuidar em café, que era noite, o povo foram fazer barraca (...)”*( Depoimento de Da. Irene Coutinho da Silva)

A ocupação ocorreu no dia 29 de julho de 1990 e contou com a participação 300 famílias aproximadamente, dentre elas; homens , mulheres jovens e crianças, pois como relatou D.Irene, *“... eu trouxe os três meninos porque ela exigiu mulher e crianças”*

Transparecendo, assim, mais uma tática de luta do movimento em que utilizaram principalmente as mulheres e as crianças como linha de frente para evitarem um confronto violento por parte da polícia como também dos fazendeiros.

*“Quando as companheira tá no acampamento ela é linha de frente nas equipes, nas mobilizações, elas vêm com as molecadas, não medem esforços, tá lá de frente gritando, enfrentado a polícia, é a companheirada, mulherada tá lá.”<sup>75</sup>*

Dessa forma, constatamos que, além delas exercerem suas atividades domésticas durante a ocupação, as quais se traduziam basicamente em cuidar dos filhos e da alimentação familiar, elas eram também uma arma de proteção contra àqueles que interferissem em seus projetos.

*“As mulheres participam também dos movimentos de ocupação das terras, que eclodem com força crescente a partir de 1980, quando o país se democratiza e, sobretudo, a partir do lançamento do frustrado plano de Reforma Agrária. Organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e por outras entidades comunitárias, religiosas e laicas, grupos de famílias de agricultores ocupam terras não utilizadas de propriedades públicas e privadas, montando seus acampamentos e começando imediatamente a cultivá-las. Na organização básica desses acampamentos, as mulheres desempenham múltiplos papéis: são produtoras rurais, organizadoras das atividades domésticas e também muito ativas nas mobilizações constituídas para resistir à violência de policiais, proprietários ou especuladores.”<sup>76</sup>*

Embora já houvessem várias manifestações sociais de mulheres no Brasil através de protestos e abaixo-assinados, reivindicando “o respeito à legislação, o acesso à previdência social e também o direito de participarem ativamente de seus sindicatos”<sup>77</sup>, o momento da ocupação foi um acontecimento marcante na vida daquelas mulheres, já que as mesmas nunca haviam participado de mobilizações populares.

Essas mobilizações realizadas em prol das reivindicações de seus direitos “dismistificou a idéia de que a organização da mulher rural seria mais difícil em função da sua situação irregular e provisória no mercado de trabalho”.<sup>78</sup>

Vejamos mais um depoimento que relata o momento da ocupação:

<sup>75</sup>SANTOS, Laura. in: SQUINELO, Ana Paula. op. cit. p.31

<sup>76</sup> GIULANI. op. cit. p. 648

<sup>77</sup> Ibid. p. 645.

<sup>78</sup> SQUINELO. op. cit. p.27

*“Disseram já de noite , disseram que era pro povo já entrar na terra , aí haja chegar caminhão lá nos mato já pra ficarem lá , aí teve um momento que não era pra sair ninguém de lá, ficar todo mundo não sair ninguém”.*

A preocupação em manter todos unidos era mais uma forma de fortalecer a ação, já que *“se sair gente e a polícia chega, ataca, aí pronto, ataca mermo porque tem pouca gente”*.<sup>79</sup> Isso revela o clima no momento da ocupação, o qual foi de muita tensão e nervosismo, pois a qualquer momento poderia aparecer a polícia ou o proprietário para impedirem a ação.

Entretanto, não foi o caso dessa ocupação. No primeiro momento, nem a polícia nem o proprietário interferiram na ação. Constatamos que mesmo as mulheres temendo uma possível reação violenta, não recuaram, estavam cientes do que poderia acontecer e do que deveriam fazer, caso houvesse um enfrentamento.

É importante salientar que até o instante da ocupação, averiguamos uma certa mudança no comportamento dessas mulheres denunciadas por suas atitudes. Antes de conhecerem o Movimento dos Sem Terra, observamos um certo desalento e conformismo da vida que levavam, e, após conhecerem o MST se entusiasmaram e depositaram suas esperanças no movimento, acreditando na conquista da terra, porque é,

*“Na maioria das vezes é delas a decisão política de trabalhar individualmente ou coletivamente , é delas, em última instância, a decisão sobre os rumos que a família toma, porque é ela que anima ou desanima a família. Faz isso de forma não planejada e com pouca clareza dos projetos em jogo, fazendo de forma sutil, dentro de casa, a partir de suas deduções elaboradas por poucas informações e muitas vezes distorcidas”*.<sup>80</sup>

Mas esse fato suscitou-nos um questionamento: Por que só após as mulheres conhecerem o Movimento dos Sem Terra , com exceção de poucas, é que decidiram lutar pelos seus ideais? Fazendo-nos acreditar que não existia outra entidade ou instituição que as fizessem tomar iniciativas que mudassem suas vidas e que as fizessem refletir mais profundamente no seu papel social e político.

<sup>79</sup> Irene ao relatar a questão de segurança no acampamento.

<sup>80</sup> MST. Construindo novas relações de gênero. p . 49

### 3.4 – O Acampamento : a redefinição das atividades femininas, “a liberdade provisória.”

A fase do acampamento é um período de muita tensão, além de enfrentar pressões em diferentes níveis –policia, capangas, etc, é uma questão de vida ou morte. Os sem terras passam por situações profundamente desumanas, como relatou o Jornal Tribuna do Norte em 01/08/1990, sobre o caso da Fazenda Marajó, descrevendo a situação de pobreza das famílias acampadas à 1.500 metros da rodovia estadual que liga João Câmara à Parazinho.

*“Homens, mulheres e crianças dormem em redes e no chão, nas barracas de lonas e mesmo debaixo de arbustos. Não há comidas e medicamentos. A água é racionalizada e está vindo de João Câmara em um carro – pipa alugado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.”<sup>81</sup>*

Um mês após a ocupação – 30 de agosto de 1990 – a situação do acampamento é descrita pelo relatório do SAR do seguinte modo:

*“Existem no acampamento 13 barraca, construídas (precariamente) com madeira, palha, lona, folhagem, baixos (e localizados) dentro de uma pequena área desmatada. A água utilizada no acampamento está vindo de uma cisterna localizada aproximadamente (a) 500 metros. Notamos, poucos depósitos de água nas cabanas. Nas cabanas, segundo os acampados, (dormem) em média de 10 a 15 pessoas. Os acampados reclamaram da pouca água, da falta de alimentação, instrumento de trabalho, falta de definição do INCRA, pouco apoio que vem recebendo das autoridades, apesar de terem frisado que alguns prefeitos terem dado apoio com água e um pouco de alimentação. Observamos que em várias cabanas havia poucos utensílios que os assentados tinham trazido de suas casas, como: cana, jarros e potes, panelas...constatamos que muitas pessoas estavam doentes, sobretudo crianças...”<sup>82</sup>*

<sup>81</sup> SOUSA, op. cit. p. 134-135

<sup>82</sup> Ibid., p. 135

Como pudemos perceber, a fase do acampamento foi muito difícil e para que as dificuldades fossem superadas, o MST deu algumas orientações<sup>83</sup>, assim *"logo que são feitos os acampamentos, a organização interna é muito importante para o bom funcionamento do grupo. No geral, o pessoal tem se organizado em comissões de serviço, procurando repartir a responsabilidade entre todos."*

Dentre essas comissões estão a de segurança, a de alimentação, de reza, de barracos, de trabalhos, de imprensa, coordenação geral e organização de famílias. Cada uma dessas comissões tem uma determinada tarefa.

A comissão de segurança está encarregada de vigiar dia e noite o acampamento. Geralmente, fica instalada nas entradas de acesso, evitando a entrada de desconhecidos. Porém, verificamos que houve uma falha da comissão, não funcionado conforme as orientações do movimento o que facilitou a entrada do proprietário daquelas terras, o Sr. Francisco Caraciale Bezerril.

Bezerril entrou no acampamento no intuito de exigir a saída dos Sem terra. Nesse momento, todos os homens tinham saído, uns para a roça e outros para a cidade de João Câmara, deixando, assim, a segurança do acampamento totalmente desprotegida.

Segundo os relatos, Bezerril aproveitando-se da situação, quis agredir fisicamente Livânia, por ela ter sido uma das responsáveis pela ocupação, como podemos observar nesse depoimento:

*"... aí viemos aqui pra sede, aí quando foi bem com uns dois meses que a gente tava aqui, aí o dono da fazenda veio né, atrás de dá em Livânia, aí eu sei que não tinha nem um homem aqui, tinham ido tudo pra rua, só tava mulher. Sei que se juntou as mulher, e fomos tudo prá lá, aí butemo ela (Livânia) no meio, agora dê nela, dê nela aqui que nós tamo aqui. Nós juntemo o grupo todo aí se reunimo, aí butemo ela no meio, aí dicemos, agora você venha dá nela, venha dá nela aqui. E nós tudo junto, se vinhece ia ter uma guerra aqui. Se ele vinhece com um bocado de mulher né não?! Eu sei que ele amoleceu, ele não veio não, ele agüentou-se lá e não veio. Aí Livânia disse, muito bem vocês fizeram uma greve boa, que ele firmou e não veio né ...."*

---

<sup>83</sup> Ibid. p.73

Através desse depoimento, além de verificarmos a deficiência da comissão de segurança, por ter deixado brechas na entrada de acesso ao acampamento, observamos também a forma de organização das mulheres que no momento de crise e tensão, souberam administrar suas forças evitando um confronto mais violento.

No que se refere a comissão de alimentos, o grupo é orientado para organizar um barraco para depositar a alimentação e cuidar da distribuição segundo a necessidade de cada família, centralizando dessa forma as doações.

No caso do acampamento Marajó, verificamos a presença de um grupo de mulheres encarregadas da alimentação de sua famílias e dos militantes líderes do movimento e não propriamente de uma comissão de alimentos, as quais estariam responsáveis pela alimentação de todo o acampamento. Percebendo-se que além desse grupo, cada mulher, mãe de família, tinham assumido as tarefas domésticas de sua barraca junto com o trabalho na roça, contrariando dessa forma o que diz o MST sobre a referida comissão.

Vejamos o que diz o depoimento a baixo:

*“O que nós fazia era: os homem tirar lenha , agente juntava, cumo de fazer o refrigero de cumé né, eles vendia a lenha , cortava, a gente juntava mais eles, aí eles vendia a lenha e agente comia. O movimento da gente era esse, enquanto a gente não podia cuidar das crianças, aí as meninas maior cuidava né, aí o movimento da gente era esse todinho desde o começo”.*

Diante desse quadro, percebemos que as mulheres além de cuidar de seus filhos e da alimentação da família, elas também acompanhavam seus companheiros no mato, colhendo madeira para fabricarem carvão. O material colhido era vendido, e o arrecadado era direcionado para a compra de alimentos. Constatamos, também, que não havia uma diversificação das atividades masculinas, ou seja, eles não compartilhavam com as mulheres as atividades domésticas, apenas elas exerciam tais tarefas.

Dessa forma averigüamos que *“a formação machista reflete nas questões mais simples da praxis do MST até as mais complexas”*.<sup>84</sup> Pois , apesar do movimento possuir uma estrutura organizacional complexa, *“o domínio do universo masculino se sobrepõe ao do fe-*

---

<sup>84</sup>SQUINELO, op. cit. p.30

*minino*”<sup>85</sup>. Isso ocorre quando um grupo de pessoas reúnem-se para formar o acampamento, e desde já, obedecem “critérios de diferenciação onde os homens imbuídos de seus valores, definem seus espaços”<sup>86</sup> levando em consideração os melhores lugares, aqueles em que são mais amplo e claros onde possam reunirem-se para jogos de bocha, “peladas”. Discussões e articulações, cabendo à mulher o espaço onde irá reproduzir as atribuições que lhes são impostas pela sociedade, então ficará com os lugares onde possa cozinhar, lavar, portanto os locais menos privilegiados.

Segundo Cácia:

*“Se vai num acampamento os espaços das mulheres estão perto dos fogões, tão nas torneiras, de lavar roupas, que são espaços insalubres, molhados, frios, na sombra, ou perto das privadas que são mais insalubres ainda. Já vê os espaços masculinos é um lugar mais ensolarado dos acampamentos, assentamentos, e onde tem chão mais limpo e mais plano porque vão jogar futebol ali, e nos espaços onde o mundo de fora, o mundo exterior tem mais acesso, que é o salão das reuniões. Então se você quiser falar com as mulheres no acampamento; se você, for no campo de bocha, ou no salão de reunião, não vai ter nem uma reunião de mulher lá. Agora se você for no campo onde tem as cozinhas, as latrinas, as privadas e o lugar de lavar roupa ou onde eles juntam as crianças você vai ver mulher, que são os lugares mais insalubres e mais apertados, e mais desorganizados, porque a visão de que é exterior, o espaço público é masculino, então o espaço público de um acampamento é um espaço público do homem.”*<sup>87</sup>

Apesar dos melhores lugares do acampamento serem distribuídos aos homens, ficando as mulheres com as partes menos confortáveis, tendo em vista que essas não participavam da definição desses espaços, esse período provisório do acampamento favorece à mulher uma determinada atividade nas instâncias organizativas e decisórias. Pois, como ainda não existe uma demarcação do lote que cada família irá ocupar, a mulher fica livre para participar de forma mais atuante e compromissada nas decisões políticas, sendo que essas, no acampamento, são deliberadas em assembléias.

<sup>85</sup> Ibid. p.30

<sup>86</sup> Ibid. p.30

<sup>87</sup> depoimento de Cácia, in: SQUINELO, op.cit.,p.30

Em nossa pesquisa procuramos observar também se as mulheres participavam realmente das reuniões e assembléias promovidas pelo MST no acampamento. E, concluímos que sim, nesse período, todas as mulheres participavam e expressaram muita alegria ao ser reportarem dessa fase como podemos ver abaixo:

*“Toda vida eu ia , pras assembléias, cantar... eu achava era bom.”*(depoimento de Marta Maria do Nascimento)

*“Eu participava de todas as assembléias e reuniões.”*(Depoimento de Maria Dória da Silva)

Como já foi dito, no período em que as mulheres ficaram acampadas, elas têm mais possibilidades de participarem ativamente das reuniões e assembléias. O acampamento lhe permite uma maior flexibilidade com o horário para a casa, filhos, marido, permitindo-as que as *“relações dêem-se muito mais da relação coletiva, do que a individual, ela passa a atuar nos coletivos , nas mobilizações, vota nas assembléias: assim, não só participam através deste ato, bem como organizando e encaminhando as principais discussões”*.<sup>88</sup>

No caso Marajó, esse comportamento foi notado quando todas as mulheres revelaram que participavam das reuniões e assembléias. Elas relataram que não perdiam uma só assembléia e reunião organizada pelo movimento. E, foi, mais ou menos, nesse período que muitas pessoas começaram a se destacar, despontando-se como lideranças estaduais e nacionais. Isso se justifica pela forma que é estruturado o acampamento, facilitando o engajamento feminino em diversas instâncias do MST. As possibilidades de fazer parte desses quadros são inúmeras, como por exemplo, o universitário que deseja contribuir para a causa do MST ou os próprios filhos dos assentados que se especializam e assumem a luta da terra. Portanto, não há critérios para que a pessoa se torne um expoente no MST, embora muitas mulheres quando começam a despontar nas instâncias além de sofrerem resistência, tiveram que construir sua trajetória, demonstrando a cada passo sua competência e capacidade política.

Uma militante do MST do Mato Grosso do Sul, Laura dos Santos, narra sua experiência que iniciou no acampamento em que era coordenadora interna de uma equipe, depois foi

---

<sup>88</sup> Ibid, p.31

para uma equipe de negociação, depois para a frente de massa, Coordenação Estadual e Direção Estadual. Ela afirma que a forma de escolha é:

*“Tua capacidade de desempenhar as tarefas, tua responsabilidade , coerência com as linhas políticas. Ter claras as diretrizes do movimento, aplicar e ter respeito do povo. Se os companheiros te respeitam acreditam que você é capaz de assumir as tarefas elas vão assumindo, é um processo que você vai no dia a dia, não é assim, você vai ser coordenadora estadual e pronto, acabado, não. É o seu dia a dia, as tarefas que você vai assumindo, que você vai conseguindo cumprir, as tarefas que são liberadas pra você, as pessoas vão acreditando, vão vendo e a sua capacidade de tá assumindo, e hoje quem faz parte da direção do MST, tá dentro e é porque respeitada do movimento e tem capacidade pra tá assumindo”<sup>89</sup>*

Dona Irene foi uma das mulheres que se destacaram no acampamento. Ela fazia parte da comissão de negociação e, atualmente, é coordenadora do grupo de mulheres do assentamento Marajó. Porém, não foi mais adiante como liderança por falta de estrutura e apoio, os quais deveriam ser dadas as mulheres casadas, já que estas têm uma carga de responsabilidade maior por cuidarem de seus filhos, casa, marido, roça, etc.

Laura ilustra bem essas dificuldades em seu desabafo:

*“Foi um período assim que eu me dei conta que você só ser militante , Ter uma responsabilidade também, tem muito peso por ser mulher. Os próprios companheiros, você fala, ela fala bem, tal, mas é mulher, e às vezes a tua proposta no momento ela era certa, tal , mas os companheiros homem fazia a mesma proposta aí aprovava. A gente sofreu muito com isso nesse período de noventa e dois , noventa e três, foi uma fase que a gente começou a ter clareza, a entender e mesmo por você, do namoro tinha muita repressão, você ser mulher enquanto morava no acampamento você não pode tomar uma aperitivo como os companheiros, não pode usar shorts disso, não pode usar blusa de alça, agente sofreu muito isso.”*

Utilizamos o exemplos dessa militante , apesar de não ser do Marajó, por exemplificar, claramente, as dificuldades encontradas por essas mulheres no decorrer de suas atividades. Dessa forma, observamos que existe uma cobrança grande sobre a mulher a respeito de sua

conduta. Elas são tão controladas por parte do preconceito machista, que acabam se inibindo da atuação da praxis do MST, pois, geralmente, são mães, esposas, tendo que darem conta das tarefas do lar. Ao assumirem responsabilidades extras, seriam exigidos esforços maiores e a cobrança do esposo, pai, filhos e da sociedade. Não é permitido a mulher fracassar no seu papel enquanto mãe e esposa e exige-se seu sucesso também nas tarefas que assume extra lar, nas lutas do acampamento. Por isso, quando a mulher resolve assumir esses dois universos ela o faz de forma consciente e desponta com qualidade, como é o caso de Livânia Frizon, Neide e Vilanir que estiveram a frente da organização do MST no Rio Grande do Norte.

Portanto, a luta dessas mulheres muitas vezes é duplicada, além do compromisso com a família, também, adotaram a luta pela terra, e ambas tarefas requerem grande dedicação. E, sem a participação e contribuição do companheiro e da própria sociedade, essa luta fica muito mais difícil.

### **3.5 – O Assentamento : “a conquista que não foi adiante”, tudo volta a normalidade**

Após um longo processo de negociação entre o MST e o Governo, que durou desde a época da ocupação , 29 de julho de 1990, até maio de 1992, o INCRA não havia ainda feito a divisão dos lotes entre as famílias. Em contra partida, os camponeses tomaram a iniciativa de dividir à área entre eles, através de uma comissão que demarcou e distribuiu a terra conquistada..

A partir daí, a vida dos assentados tomaram um novo caminho, as famílias organizadas pelo MST passaram a viver na condição de assentados<sup>89</sup>, sobrevivendo da agricultura de subsistência, plantando feijão, milho, batata e mandioca através do trabalho baseado na unidade familiar, tendo cada uma delas um roçado, como mostra o depoimento abaixo;

*“Planto milho ,planto feijão, alimpo mato mais ele, planto roça, e nós alimpa tudinho no roçado eu e ele, eu ,ele e os meninos, tudinho, quando nós vais tudo de enxada trabalhar. A comida quando eu chego é que ajeito o cumê, às vezes eu levo pro roçado aí passa o dia lá.”( Depoimento de Marta Maria do Nascimento)*

---

<sup>89</sup> Ibid. p.33

<sup>90</sup> O projeto de assentamento da Fazenda Marajó foi criado em 12 de novembro de 1991 e das 300 famílias aproximadamente que participaram da ocupação só restaram cinquenta e duas.

Assim percebemos que as mulheres realmente faziam parte da unidade familiar do trabalho no campo. Participavam de todo o processo de tratamento da terra, desde a limpeza da área até o período da colheita. Porém, foi possível observar-mos que a comercialização dos produtos eram realizados somente pelos homens. Isso quando havia um excedente na produção, o que era raro acontecer, já que não tinham apoio financeiro suficiente do governo para produzirem em maior escala.

Logo, esse é um aspecto a ser considerado, pois se a mulher participa de todo o processo de produção, por que não estavam envolvidas na comercialização do mesmo? Percebendo-se, dessa forma, a forte influência do machismo na questão.

Um outro ponto a ser considerado é a redefinição das tarefas exercidas pelas mulheres quando passam do acampamento para o assentamento. Na fase do acampamento, como pudemos observar anteriormente, as mulheres tinham maior participação nas questões políticas e deliberativas desta fase. Isso não ocorreu no assentamento, pois observamos que elas recuaram nessas questões e voltaram ao meio doméstico participando minimamente das assembleias e reuniões organizadas pelo MST. sendo tal postura percebida nos depoimentos abaixo em que respondem essa questão.

*“Não, muito pouco, às vezes eu vou, mais é difícil, logo quando cheguei aqui, sempre eu ainda ia, assim que eu tinha gente em casa pra ficar, mas agora num fui mais.”*(Depoimento de Da. Severina de Oliveira Lima)

*“De primeiro eu ia mas agora num vou mais não, porque os meninos tudinho vão, aí eu não quero mais ir, ficar lá com os meninos até num sei que hora terminar,... eu tenho que ficar, às vezes eu vou aí o menino fica chorando com sono aí quer ir embora, o pai dele se chateia porque num botei o menino pra dormir aí pronto, ele num quer.”*(Depoimento de Da. Marinez Rodrigues da Cruz)

Assim, percebemos nitidamente essa redefinição das tarefas quando as famílias são assentadas. O espaço que a mulher tinha no acampamento para atuar nas questões extra domiciliar, no assentamento, não acontece da mesma forma. O cotidiano dessas mulheres se traduz basicamente na luta doméstica, cuidar dos filhos, marido e o trabalho na roça. Verificamos que

não existe estruturas de apoio à mulher, seja na saúde , na educação ou na formação política. A coordenação estadual continua visitando o assentamento , realizando trabalhos sobre questões de gênero, palestras sobre a conjuntura política do País , assembléias, enfim, assuntos diversos são utilizados no intuito de informar e instruir os assentados, mas a participação feminina nesses encontros tem caído cada vez mais. Não há incentivos, tanto da família como da comunidade em geral, para que elas possam participar mais ativamente das questões mais amplas do assentamento. O Movimento dos Sem Terra por sua vez, ainda não conseguiu quebrar as barreiras do machismo em seu meio, apesar das tentativas de solucionar esse problema através da criação do Coletivo Nacional de Gênero do MST.

Nos depoimentos que registramos, as mulheres demonstraram uma certa revolta sobre a sua condição de mulher na sociedade. Um sentimento de opressão causado não só pela questão do machismo mas também pelo sistema de governo que foi solidificado no Brasil.

Vejamos esse depoimento:

*“Eu acho que é bom esse papel da gente na luta pela Reforma agrária, porque sem a mulher , nada vai pra frente, até a música diz: sem a mulher a luta vai pela metade, se for só o homem a luta não vai pra frente, tem que ser o homem, a mulher e a criança, porque é o que mais eles pedem , porque pelo menos as mulheres e as crianças tem mais , coisa assim, pelos direitos de nós mulher, porque antigamente só quem tinha direito era o homem né, mas hoje em dia os direitos são iguais, tanto faz a mulher como o homem, até tem gente que pensa que os direitos que a mulher quer são outros direitos diferentes, mas os direitos que nos temos é o trabalho, ser empregada assim como o homem, não sei se é isso, não se as pessoas pensam assim como eu, porque se o homem é empregado, a mulher também tem o direito de trabalhar , não é só de tá em casa, porque eu tiro por mim, o direito que eu tinha era de todo ano ter um filho né, e só trabalhando dentro de casa, mas eu acreditei que todos os direitos que o homem tinha a mulher também tem, pode ser trabalho, pode ser de tudo, se for uma mulher disposta ela tem o seu direito também de fazer o mesmo que o homem faz, que antigamente era diferente, hoje em dia a mulher é motorista, é motoqueira, policial né.”*

Assim, apesar da redefinição das atividades desenvolvidas no acampamento para o assentamento, percebemos que as mulheres tiveram uma nova visão de mundo após todo o

trabalho desenvolvido pelo Movimento dos Sem Terra, abrindo um novo campo de possibilidades para quebrar as barreiras do preconceito, e dessa forma gerando homens e mulheres mais conscientes e compromissados com o mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos essa pesquisa, muitas eram as inquietações, pois visualizar a participação das mulheres no processo de formação e organização do MST no Rio Grande do Norte e, principalmente, tentar resgatar a história delas na luta pela terra no caso da Fazenda Marajó; foi uma tarefa complexa devido a lacuna que existe na temática em questão.

No decorrer da pesquisa, verificamos que desde a formação do MST no Sul do país, a presença feminina era visível dentro do movimento. Porém, ela sempre integrava os espaços tradicionais da mulher, ou seja, o espaço privado, sendo que o espaço público, do domínio político destinava-se ao homem. Pois, os valores sociais, de gênero, papéis sociais e sexuais estão solidificados nas instituições e, conseqüentemente, no MST, o qual mesmo sendo uma organização de contestação reproduz valores masculinos.

Averiguamos, entretanto, que a formação e organização do Movimento, em nosso Estado, deveu-se principalmente a ação de três militantes femininas, culminando no primeiro assentamento organizado pelo MST no Rio Grande do Norte em julho de 1990.

Outro fato que constatamos foi a relevante participação das mulheres no decorrer do embate, tanto no momento da ocupação como também no período do acampamento. Elas se comportaram de maneira estratégica, formando barreiras humanas para evitar um confronto mais violento entre eles e a polícia, latifundiários, capangas, etc.

Observamos também uma fé singular na esperança de conquistarem a terra. Mesmo diante à tantas dificuldades, passando inclusive por situações desumanas, elas não desanimaram, demonstraram força e garra num momento tão delicado.

Percebemos que quando uma família de sem terra é assentada; as relações sociais, políticas, econômicas e culturais são redefinidas. A práxis cotidiana da convivência coletiva sofre alterações, estando inseridas nessas o papel e a atuação da mulher.

Dessa forma, muitas mulheres que foram atuantes no acampamento, destacando-se como lideranças, acabaram abrindo mão desses espaços ao tornarem-se assentadas, pois na medida que os compromissos com a roça, lar e família aumentam, diminui o seu tempo de articulação e organização política, inclusive o próprio contato com outras instituições impor-

tantes para a troca de idéias e para a busca de soluções de seus problemas e impasses. Nesse sentido percebemos que o acampamento oferece a mulher mais possibilidade de atuar e despontar enquanto sujeito histórico. As próprias condições de luta do Movimento propiciam espaço para a consciência, luta e a prática de liberdade. Tanto o homem como a mulher igualam-se na luta pela terra, democracia e melhores condições de vida. Essa possibilidade é menor no assentamento, quando cada um reocupa seu papel social e sexual.

Fica evidente, por fim, que o tema requer novas e mais profundas explicações. Que estudos futuros se proponham a contribuir de forma analítica, aspectos não contemplados em nossa pesquisa. Despertando assim o interesse pela temática em análise.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA



### 1 . Fontes

CADERNO DE SAÚDE, Brasília: MST, n.1, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. As mulheres e a reforma agrária. MST/RS, 1997

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Compreender e construir novas relações de gênero. São Paulo, 1998

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Construindo o caminho. São Paulo: Ed. Escolas Profissionais Salesianas, 1986.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Mulher sem terra. São Paulo, 2000

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Reforma agrária: por um Brasil sem latifúndio. 2000

### 2. entrevistadas

Edione Bezerra Pinto – entrevista realizada dia 22/10/2001 no Assentamento Marajó.

Irene Coutinho da Silva – entrevista realizada dia 04/11/2001 no Assentamento Marajó.

Luciana Nunes da Silva – entrevista realizada dia 22/10/2001 no Assentamento Marajó.

Luzia Cícero da Silva – entrevista realizada dia 04/11/2001 no Assentamento Marajó.

Maria Benalva Santana – entrevista realizada dia 29/11/2001 no Assentamento Marajó.

Maria Dória da Silva – entrevista realizada dia 04/11/2001 no Assentamento Marajó.

Maria Lúcia Vicente Dias - entrevista realizada dia 22/10/2001 no Assentamento Marajó

Maria Salete Pinheiro da Costa - entrevista realizada dia 29/11/2001 no Assentamento Marajó

Marinez Rodrigues da Cruz - entrevista realizada dia 29/11/2001 no Assentamento Marajó

Marta Jussara Santana - entrevista realizada dia 04/11/2001 no Assentamento Marajó

Marta Maria do Nascimento - entrevista realizada dia 04/11/2001 no Assentamento Marajó

Severina de Oliveira Lima - entrevista realizada dia 29/11/2001 no Assentamento Marajó

### 3. Bibliografia

ALIER, Verena Martinez. As mulheres do caminhão de turma. In: PINSKY, Jaime (Dir.). *Capital e trabalho no campo*. São Paulo: HUCITEC, 1977( Coleção Estudos Brasileiros 7).

CARVALHO, Horácio Martins de.. Tática reformista, estratégia revolucionária. In: ESTÊDILE, João Pedro (Org.). *A questão agrária hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1994.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle, THÉBAUD, Françoise (Dir.). *História das mulheres . o século XX*. São Paulo: Ed. Afrontamento, 1991. v.5.

ESTÊDILE, João Pedro, FREI SÉRGIO. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1993.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 5. ed. .São Paulo: Contexto, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST: formação e territorialização*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: *História das mulheres no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Memória coletiva e história científica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 28, p. 180-193, 1994.

GUARRIDO, Joan Del Acazae i. . As fontes na pesquisa histórica: Uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História: Memória , História e Historiografia*. São Paulo, ANPUH, n. 25/26, set/92. ago./93.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<http://www.mst.org.br/historico/historia>.

KAPO, Vito. A mulher albanesa e a sua completa emancipação. In: Machel, Samora, et al. *A libertação da mulher*. 2. ed. São Paulo: Ed. Global, 1980. (Coleção bases 15).

MACHEL, Samora. A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição de seu triunfo. In: \_\_\_\_\_, et al. *A libertação da mulher*. 2. ed. São Paulo: Ed. Global, 1980. (Coleção bases 15)

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3. ed. . São Paulo: Loyola,1996.

PETRAS, James . Uma revolução dentro da revolução. In: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: *Compreender e construir novas relações de gênero*. São Paulo: Ed. Peres,1998.

POSADAS, J. A libertação da mulher, a luta de classes e a revolução socialista. In: MACHEL, Samora, et al. *A libertação da mulher*. 2. ed. São Paulo: Ed. Global, 1980. (Coleção bases 15).

PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.( Coleção Re-pensando História ).

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes – mito e realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

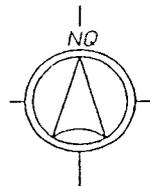
SANTOS, Andrea Paula, RIBEUIRO, Suzana Lopez Salgado, MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Vozes da marcha pela terra*. São Paulo: Loyola, 1998.

SQUINELO, Ana Paula. *Mulheres e relações de gênero: uma discussão feita por mulheres do movimento dos trabalhadores rurais sem terra de Mato Grosso do Sul*. 1999. 53f. Monografia (Graduação em História)- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dourados-MS.

SOUSA, Baltazar Macaíba de . *A emergência do movimento dos sem terra no RN: 1989 a 1994*. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFRN, Natal.

## **ANEXOS**

**ANEXO 01**  
**(Memorial Descritivo do Assentamento Marajó)**



Dec. Mag.  
21°57'W  
ABRIL 1995  
CM = 00°15'11"

9401000.

9397000..

9393000.

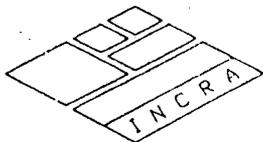
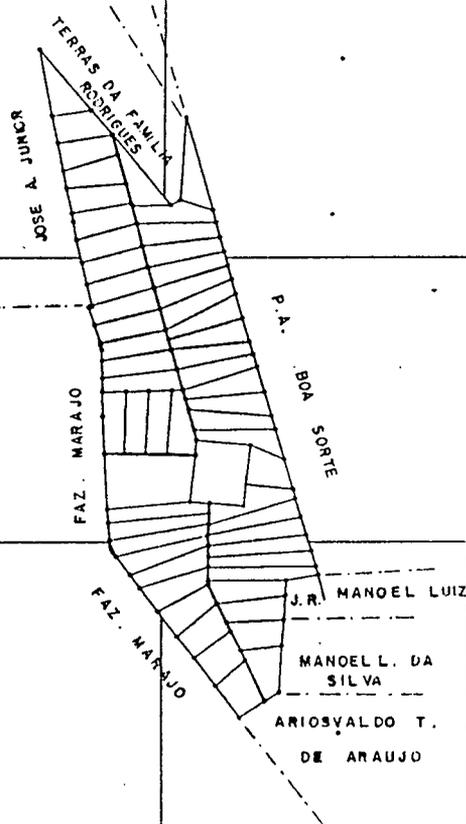
9389000.

178000.

182000.

186000.

190000.



MINISTERIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E DA REFORMA AGRARIA  
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRARIA  
SUPERINTENDENCIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE - SR 19

GLC.BA

AREA (ha)

1536.8930

REGISTRO / CODIGO

IMUVEL: P.A. MARAJO

PERIMETRO (m)

23432.73.

DATA ABRIL / 95

MUNICIPIO / UF - JOAO CAMARA / RN

ESCALA

1 / 100.000

DESENHO

ESTACAO GRAFICA  
CPD - DIVISA. TOP.

R.T.

RUMILDO DE OLIVEIRA CRUZ  
CREA 45.369/D - SP Eng. Agrimensor

CONFERE

VISTO

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E REFORMA AGRARIA  
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRARIA - INCRA  
SUPERINTENDENCIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE - SR (19)

MEMORIAL DESCRITIVO

LOTE : GERAL PERIMETRO (M) : 23432.73  
AREA (Ha): 1536.8930  
Gleba : P.A. MARAJÓ  
Município : JOÃO CAMARÁ UF : RN

LIMITES E CONFRONTAÇÕES

NORTE : TERRAS DA FAMILIA RODRIGUES  
SUL : JOSÉ RAFAEL, MANOEL LUIZ DA SILVA E ARIOSVALDO TARGINO DE ARAUJO  
LESTE : ESTRADA VICINAL 02  
OESTE : RODOVIA ESTADUAL (RN 120) E JOSÉ ARNOR JUNIOR

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

O perímetro demarcado inicia-se no marco n. M01, cravado na confrontação de José Arnor Junior e Terras da Família Rodrigues, com coordenadas UTM : 9,400,905.560 (NORTE) e 180,350.018 (ESTE) Meridiano Central 33 WGr.; deste, segue confrontando com Terras da família Rodrigues com os seguintes azimutes e distâncias: 141.39'35" - 1099.95 metros, 141.54'40" - 455.72 metros, 243.29'10" - 10.00 metros, 141.37'07" - 1.249.23 metros, 062.04'58" - 145.37 metros, 003.13'21" - 1.163.55 metros, passando pelos marcos M03, M02, M05, M12, e M17 indo até o M5A, cravado na faixa de domínio da estrada vicinal 02; deste, segue pela faixa de domínio da estrada vicinal 02 confrontando com o P. A. Boa Sorte com os seguintes azimutes e distâncias: 164.36'28" - 1350.36 metros, 164.43'19" - 166.36 metros, 164.41'59" - 202.01 metros, 164.40'11" - 195.16 metros, 164.46'06" - 195.87 metros, 164.41'14" - 206.19 metros, 164.38'15" - 205.50 metros, 164.39'11" - 345.70 metros, 164.39'17" - 347.09 metros, 164.35'24" - 196.58 metros, 164.32'51" - 195.19 metros, 164.28'30" - 363.96 metros, 164.26'33" - 342.93 metros, 164.24'34" - 191.57 metros, 164.24'54" - 442.76 metros, 164.37'49" - 431.41 metros, 168.20'26" - 9.86 metros, 164.09'17" - 116.33 metros, 164.30'36" - 272.49 metros, 164.11'15" - 258.34 metros, 164.12'53" - 233.80 metros, 164.27'32" - 230.63 metros, 164.30'04" - 125.48

Continua ...

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E REFORMA AGRARIA  
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRARIA - INCRA  
SUPERINTENDENCIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE - SR (19)

MEMORIAL DESCRITIVO

LOTE : GERAL PERIMETRO (M) : 23432.73  
AREA (Ha): 1536.8930  
Gleba : P.A. MARAJO  
Município : JOAO CAMARA UF : RN

LIMITES E CONFRONTACOES

NORTE : TERRAS DA FAMILIA RODRIGUES  
SUL : JOSE RAFAEL, MANOEL LUIZ DA SILVA E ARIOSVALDO TARGINO DE ARAUJO  
LESTE : P. A. BOA SORTE  
OESTE : RODOVIA ESTADUAL (RN 120) E JOSE ARNOR JUNIOR

DESCRICAO DO PERIMETRO

Continuação ...

metros, passando pelos marcos M18, M19, M20, M27, M28, M35, M36, M44, M45, M46, M56, M57, M60, M116, M117, M76, M75, M74, M77, M84, M85 e M90, indo ate o M02A; deste, segue confrontando com Jose Rafael com os seguintes azimutes e distancias: 259.28'37" - 419.71 metros, 183.27'49" - 204.92 metros, 182.28'43" - 344.81 metros, passando pelos marcos M94 e M98, indo ate o M99; deste, segue confrontando com Manoel Luiz da Silva com o azimute de 183.56'59" e distancia de 372.13 metros, indo ate o M110; deste, segue confrontando com Manoel Luiz da Silva com o azimute de 183.23'41" e distancia de 641.75 metros, indo ate o M119; deste, segue confrontando com Ariosvaldo Targino de Araujo com o azimute de 235.48'59" e distancia de 221.52 metros, indo ate o M114, cravado na faixa de dominio da estrada vicinal 01; deste, segue confrontando com Ariosvaldo Targino de Araujo com o azimute de 235.49'14" e distancia de 9.99 metros, indo ate o M113; deste, segue confrontando com Ariosvaldo Targino de Araujo com o azimute de 235.42'03" e distancia de 393.53 metros, indo ate o M118, cravado na margem direita da Rodovia Estadual (RN 120) sentido Joao Camara/Parazinho; com os seguintes azimutes e distancias: 324.57'55" - 535.13 metros, 323.50'59" - 483.09 metros,



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E REFORMA AGRARIA  
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRARIA - INCRA  
SUPERINTENDENCIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE - SR (19)

MEMORIAL DESCRITIVO

LOTE : GERAL PERIMETRO (M) : 23432.73  
AREA (Ha): 1536.8930  
Gleba : P.A. MARAJÓ  
Município : JOÃO CAMARÁ UF : RN

LIMITES E CONFRONTAÇÕES

NORTE : TERRAS DA FAMILIA RODRIGUES  
SUL : JOSE RAFAEL, MANOEL LUIZ DA SILVA E ARIOSVALDO TARGINO DE ARAUJO  
LESTE : P. A. BOA SORTE  
OESTE : RODOVIA ESTADUAL (RN 120) E JOSE ARNOR JUNIOR

DESCRICAÇÃO DO PERIMETRO

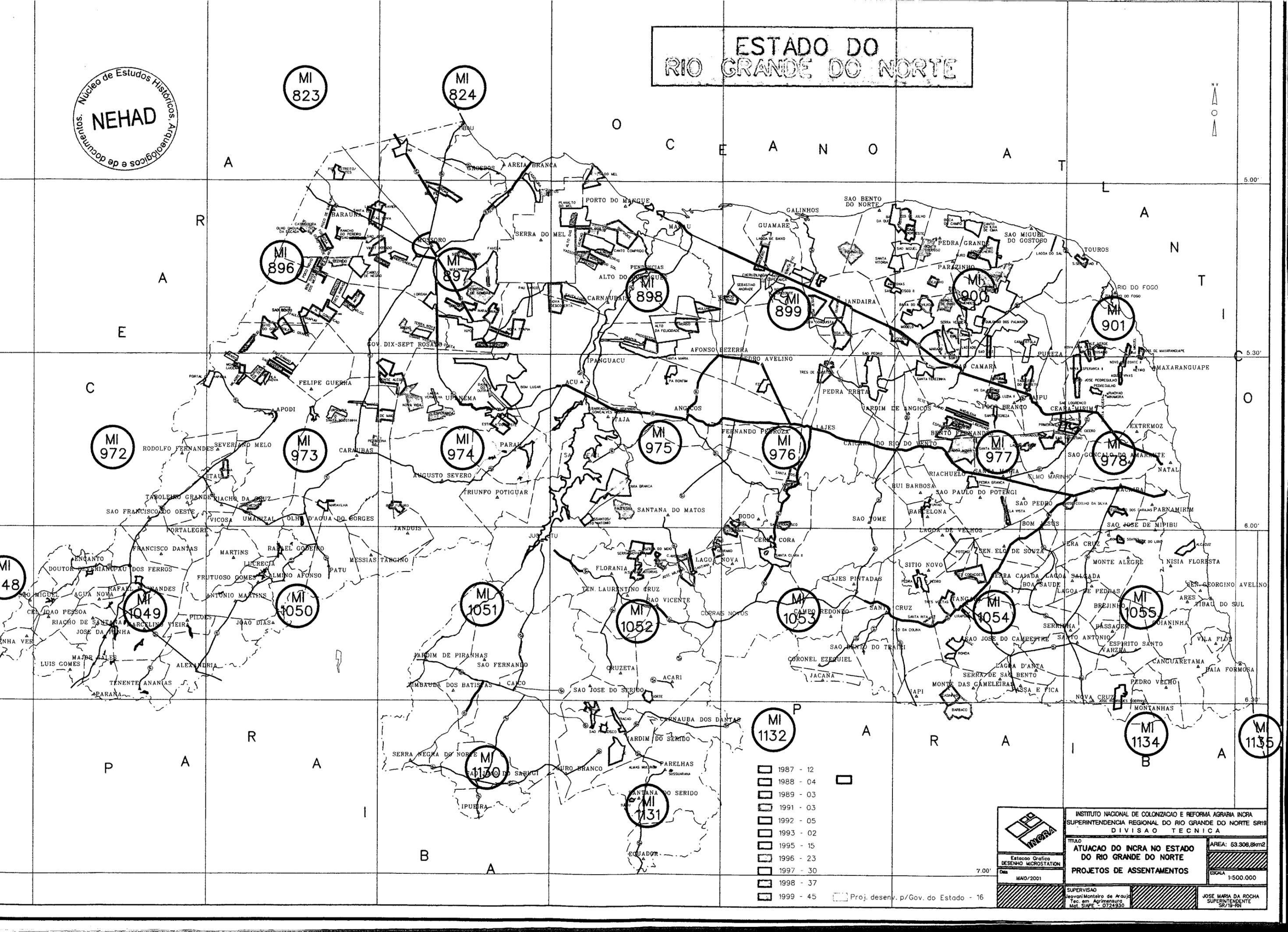
Continuação ...

347.41'39" - 308.78 metros, 346.29'13" - 315.21 metros,  
348.38'35" - 244.52 metros, 349.31'37" - 105.79 metros,  
348.37'03" - 357.17 metros, 348.28'31" - 238.56 metros,  
349.09'15" - 399.76 metros, 349.48'49" - 400.12 metros,  
349.52'54" - 966.28 metros, passando pelos marcos, M31, M24,  
M23, M06A, M14, M10, M08, M06 e M04, indo até o M01 ; pon-  
to inicial da descrição deste perímetro.

DATA: abril / 95

RT ..... *Rm* .....  
ROMILDO DE OLIVEIRA CRUZ VISTO  
CREA 45369/D-SP  
ENG. AGRIMENSOR

# ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



- MI 823
- MI 824
- MI 896
- MI 897
- MI 898
- MI 899
- MI 900
- MI 901
- MI 972
- MI 973
- MI 974
- MI 975
- MI 976
- MI 977
- MI 978
- MI 1048
- MI 1049
- MI 1050
- MI 1051
- MI 1052
- MI 1053
- MI 1054
- MI 1055
- MI 1130
- MI 1131
- MI 1132
- MI 1134
- MI 1135

- 1987 - 12
- 1988 - 04
- 1989 - 03
- 1991 - 03
- 1992 - 05
- 1993 - 02
- 1995 - 15
- 1996 - 23
- 1997 - 30
- 1998 - 37
- 1999 - 45

Proj. desenv. p/Gov. do Estado - 16

**INCR**  
 Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
 Estação Gráfica  
 DESENHO MICROSTATION  
 MAIO/2001

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZACAO E REFORMA AGRARIA INCR  
 SUPERINTENDENCIA REGIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE SR19  
 DIVISAO TECNICA  
 TITULO  
**ATUACAO DO INCR NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PROJETOS DE ASSENTAMENTOS**  
 AREA: 63.308,8km2  
 ESCALA: 1:500.000  
 SUPERVISAO  
 Jevoni Monteiro de Araujo  
 Tec. em Agrimensura  
 Matr. SIAPE - 0724930  
 JOSE MARIA DA ROCHA  
 SUPERINTENDENTE  
 SR/19-RN



**ANEXO 02**  
**(Mapa do RN com a localização do Assentamento Marajó)**

**ANEXO 03**  
**(Fotos do cotidiano de mulheres do Assentamento Marajó)**

Foto 01 – Sede do Assentamento Marajó, em que são realizadas todas as reuniões e assembléias.

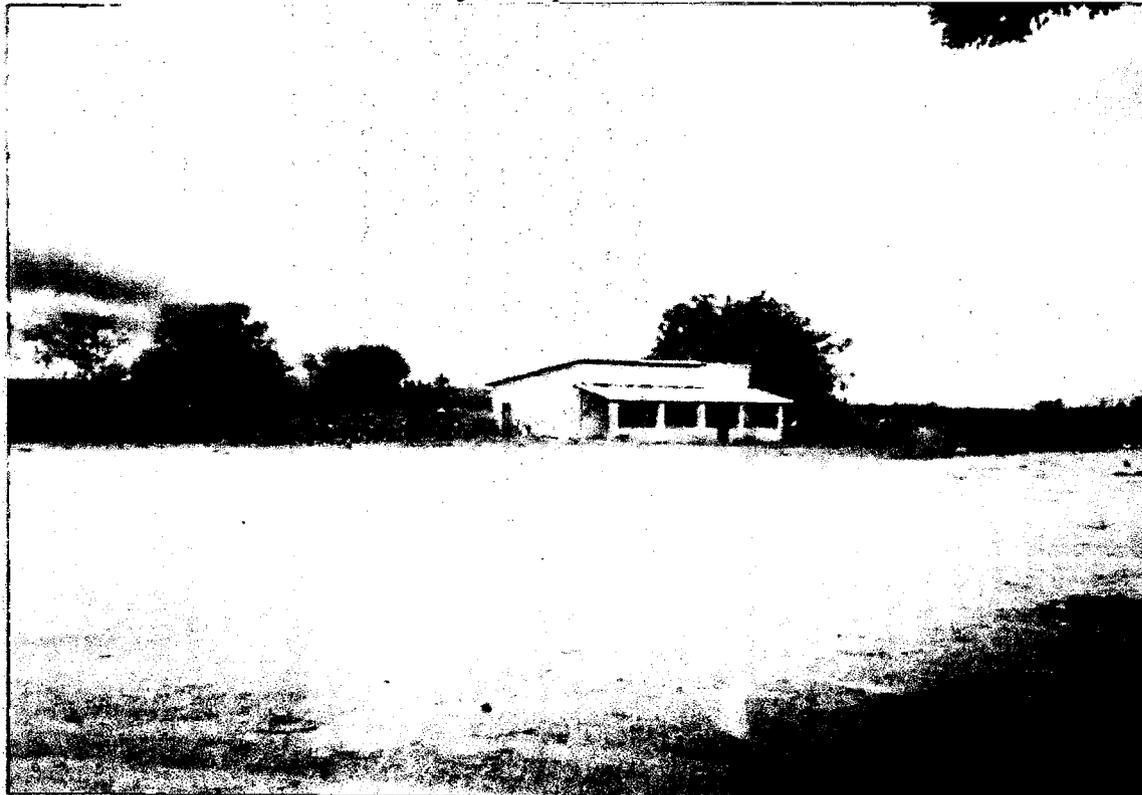
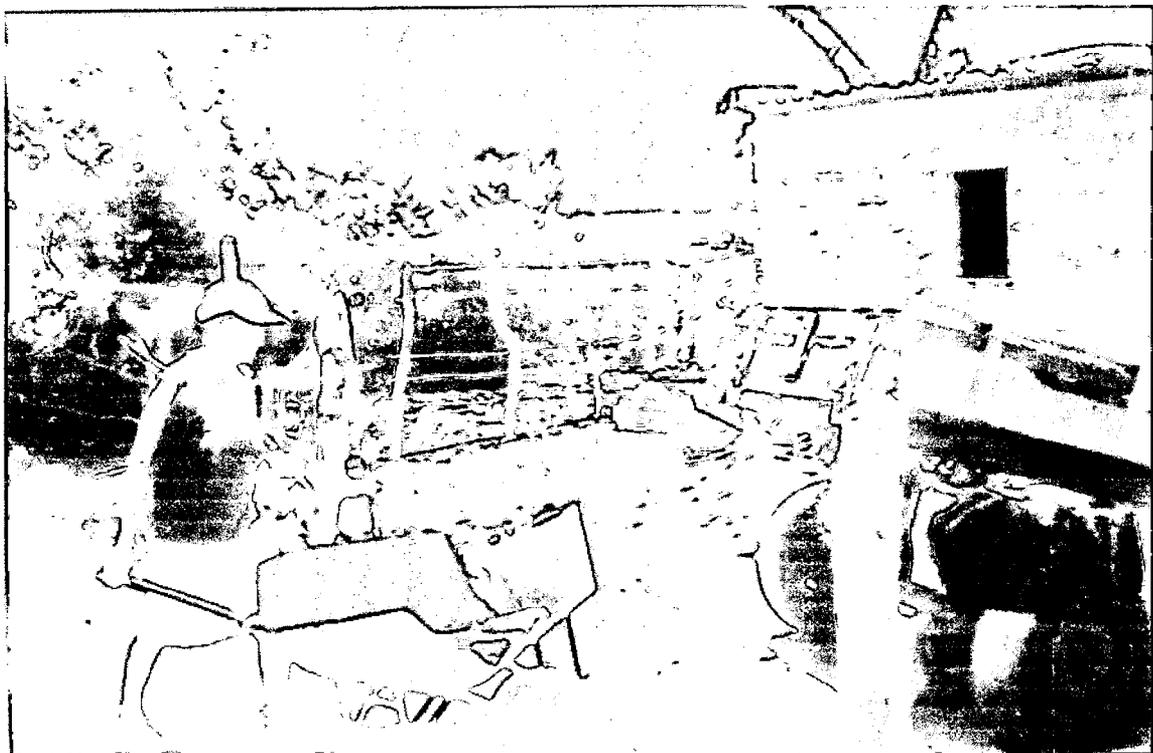
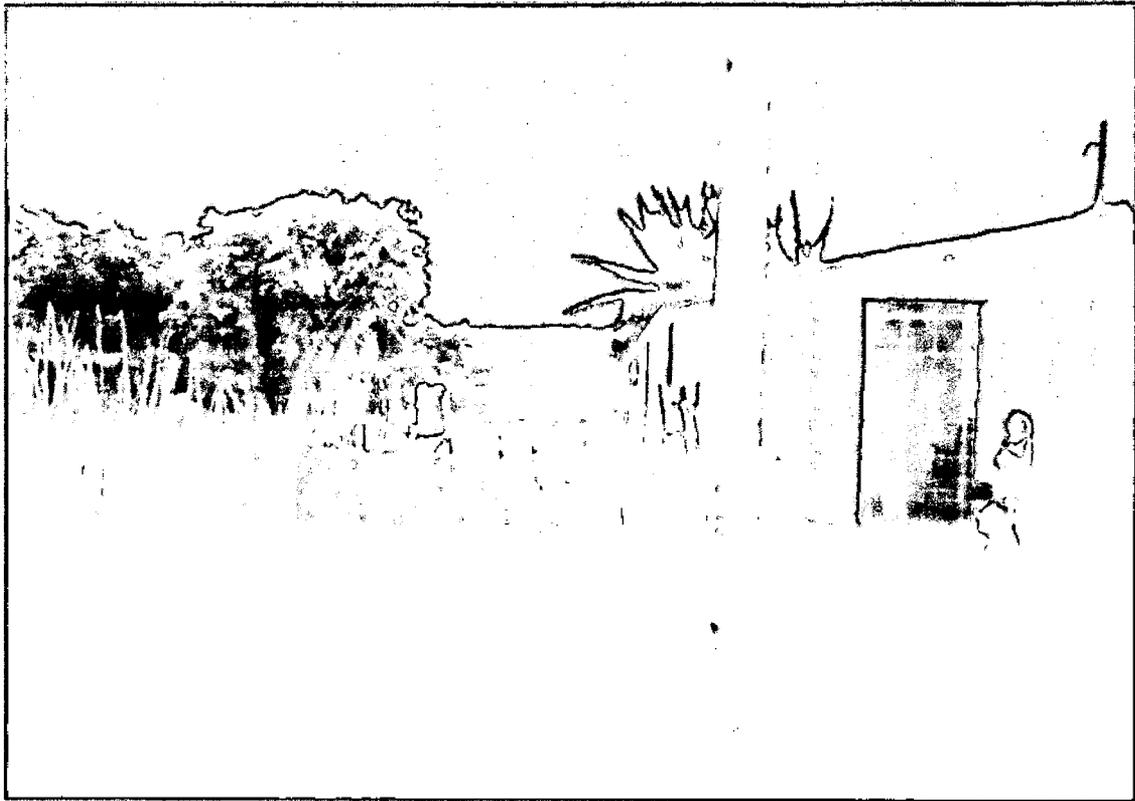


Foto 02 – Do lado esquerdo: Escola em que funciona o 1º Grau menor.  
Do lado direito : Casa de Farinha



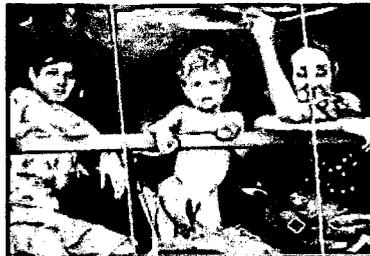
Fotos 03 e 04 – Retratos do cotidiano de mulheres no Assentamento Marajó



**ANEXO 04**  
**(Fotos de mulheres sem terra no Brasil)**



Fotos de mulheres sem terra pelo Brasil ( Fotos – Sebastião Salgado )



**ANEXO 05**  
**(Entrevistas de mulheres do Assentamento Marajó)**

**EDIONE BEZERRA PINTO**

**Daniela:** Como foi que a senhora conheceu o MST e quando passou a ser militante do Movimento?

**Edione:** Quando comecei a vim pra qui, né? Meu marido tava aqui, aí depois eu vim pra cá.

**Daniela:** A senhora conheceu o Movimento através de seu marido?

**Edione:** Foi.

**Daniela:** A senhora participou desde a fase do acampamento até o assentamento?

**Edione:** Não. Eu só vim pra cá quando já tavam morando na casa aqui; quando tava acampado lá no mato, eu num vim não. Meu marido não quis não trazer logo não pra não ficar com muito menino nas barracas.

**Daniela:** Quando a senhora chegou aqui, já tinha quanto tempo o assentamento?

**Edione:** Não sei dizer não.

**Daniela:** Como foi sua participação, seu dia-a-dia na fase do assentamento?

**Edione:** Eu comecei a trabalhar mais meu marido, num é? Toda vida trabalhei, desde que eu me juntei com ele, eu trabalhava no roçado.

**Daniela:** A senhora sabe dizer se houve algum momento difícil na época do início do Assentamento?

**Edione:** Desde que cheguei aqui, nunca vi esse negócio de polícia não. Quando eu cheguei aqui já tinha um poço e ninguém morre de sede.

**Daniela:** Além das atividades domésticas, a senhora participa na produção da renda familiar.

**Edione:** Participo:

**Daniela:** A senhora vai para a roça trabalhar junto com seu marido?

**Edione:** Quando ele num tá, eu vou com os meninos.

**Daniela:** A senhora leva todos os seus filhos?

**Edione:** Não. Eu deixo os pequenos, levo só os maiores.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que as mulheres possam trabalhar e participar mais ativamente dos encontros, reuniões e assembléias promovidas pelo MST?

**Edione:** Precisa se organizar e muito.

**Daniela:** A senhora acha que o MST ainda dá alguma assistência de forma política, econômica e cultural ao acampamento?

**Edione:** Dá

**Daniela:** A senhora participa da programação organizada pelo MST no assentamento?

**Edione:** Às vezes eu participo, às vezes eu num participo não.

**Daniela:** A opinião, as idéias da senhora são respeitadas nas reuniões ou assembleias organizadas pelo MST no assentamento?

**Edione:** Às eu vou, mas nem dou muita opinião.

**Daniela:** A senhora não fala muito nas reuniões e assembleias?

**Edione:** Não, mas eu acho bom as reuniões aqui, o povo explica as coisas.

**Daniela:** A senhora já sofreu alguma discriminação no Movimento por ser mulher?

**Edione:** Até aqui não.

**Daniela:** A senhora conhece os objetivos e propostas da Reforma Agrária no MST?

**Edione:** Não sei nem dizer, não sei explicar isso não.

**Daniela:** Como a senhora avalia o MST?

**Edione:** Ajudou, porque a gente nem tinha a terra. Foi conseguida com a ajuda deles, né?

**Daniela:** Na sua opinião, qual o papel da mulher na luta pela terra e Reforma Agrária?

**Edione:** eu num sei responder, mais se o marido lutar ela tem que ir junto também.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Edione Bezerra Pinto,  
brasileira, casada, CPF 56568797472 carteira de identidade  
1052853/11E permitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajó,  
na rua nº 43, na cidade de João Câmara,  
declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei  
a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar  
e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou  
não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva  
de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.



Entrevistada



## IRENE COUTINHO DA SILVA

**Daniela:** Como a senhora conheceu o MST e como passou a ser militante do Movimento?

**Irene:** Foi quando as pessoa andava procurando gente para botar na terra. Aí, nós morava em Serra da Cruz. Aí, Zé Vaqueiro sempre dizia que se um dia ouvia falar na reforma agrária, aí ele dizia que no dia que sair essa reforma agrária, a gente vai a luta, aí eu dizia tá certo. Nós ficuemo aguardando. Quando foi um dia de Quinta-feira, a gente tava em casa aí chegou um cumpade dizendo que vinha de Bento Fernande edisse: Cumpade Zé, o senhor já ouviu fala na Reforma Agrária? Se o senhor quiser tão alistando o povo, pegando o nome , pra nós ocupar a terra. Aí, nós saímo, eram duas horas da tarde, aí quando a gente chegou no fechado tava Pedro, Ailto e Neide. Aí, ficuemo lá, assistimo a reunião deles, aí eles disse: pronto agora vocês se aguarde qualquer um Domingo, a gente vem pegar vocês aqui, não tem hora marcada, agora vocês peguem comida para 15 dias, leve prato, leve colher, leve rede e lona. Aí, assim mesmo, a gente fizemo. Fiquemo esperando, aí quando foi um dia de noite, dia de Domingo, a gente tava em casa quando deu fé o carro chegou. Aí, viemo embora. Aí, fomo pra Bento Fernandes pra pegar o povo de lá, pelo fechado, aí quando viemo, chegamo aqui, era 10:00 horas quando saímo de casa, aí quando viemo chegar aqui era 3:00 horas da madrugada. Aí, a gente ficuemo na terra, aí fumo cuidar em café, que era de noite, o povo foram fazer barraca que num tinha lona, a gente num tinha lona. Quando Livânia botou a gente na terra, até então a gente não conhecia Livânia, aí na hora que a gente chegou na terra, ela vinha também, aí lá ela foi pra Natal e nós ficamo. Aí, com três dia ela veio, a gente já tava pensando em coisa que não era pra pensar, que tinha acontecido alguma coisa com ela, mas no caso não era, ela tava era lá lutando, se adquiria jeito de vim comer por nós lá, de vim alguma coisa de futuro pra nós lá, aí então quando ela veio chegar era quatro horas da madrugada, aí a gente embarquemo pra Natal, aí passemos o dia, aí ela arrumou uma carrada e cumê, de feijão, farinha, fubá, açúcar, sei que veio umas feiras, aí nós viemo embora, aí ficuemo na terra até hoje.

**Daniela:** Quando vocês foram para a ocupação, havia quantos carros?

**Irene:** Três carros grande trucado, passou aqui nessa região pegando de Bento Fernandes pra cá, a gente de Serra da Cruz, eu sei que foram três carros de gente, e era pra vim mais, num veio porque o povo tiveram medo. Não ninguém vai ter contato com a polícia não, tudo com medo, aí eu sei que nos viemo, ainda hoje que nós tamo aqui desde que nós entremo aqui, eu foi uma das pessoas que nunca saí da terra aqui, fomos só votar e voltamo, no dia da eleição nos trouxemos os troços tudinho aqui, ainda tava nas barracas, aí dessa vez já tinha duas lonas entonce nos ficuemos com os troços, aí até hoje nós vive aqui.

**Daniela:** Como foi sua participação no acampamento, quais tarefas que a senhora fazia nesse período?

**Irene:** Só fazia mesmo a comida, porque levei 03 meninos pequenos comigo. Aí os outros meninos ficaram lá na terra do homem e eu trouxe os três meninos porque ela (Livânia) exigiu mulher e crianças, aí os homens era cortando lenha pra fazer carvão e

vender a lenha, e os outros era sendo vigia. Aí quando passou pra qui pro assentamento aí modificou, era pra trabalhar nos roçado.

**Daniela:** Como foi que aconteceu a ocupação?

**Irene:** Nós chegamos de caminhão, aí descemos e ficamos na terra até o INCRA aparecer. Quando o INCRA apareceu pagou o home (Bezerril) aí nós viemos pra fazenda. Nós ficamos acampados lá, mas na hora que o INCRA pagou o home aqui, nós viemos acampar naquelas Algarobas (próximo a casa de farinha), que já butaram abaixo, mas era uma carreira assim (de árvores). Aí nós ficamos ali, aí depois que começaram a construir (as casas), uns dava a madeira, outros dava o tijolo, aí fizemos umas casinhas de taipu. Aí depois, eu não sei quantos anos faz, acho que uns seis anos, que o INCRA liberou um dinheiro para comprar o material dessa casa.

**Daniela:** além das atividades doméstica a Sra. participa na produção e na renda familiar?

**Irene:** É, às vezes, de primeira, agora não, num tô mais participando não porque se eu for pro roçado num tem quem coma, só se levar pra cozinhar lá, e de qualquer maneira eu tenho que ficar em casa que é muita gente pra trabalhar lá no roçado, quatro homem né, aí num precisa de ir pro roçado, mas no tempo eu já trabalhei muito, hoje eu tô muito cansada.

**Daniela:** O que vocês plantam na roça?

**Irene:** Planto milho, feijão, algodão e roça. De primeiro, aqui fizeram uma planta de sogo, mas num teve venda, aí deixou. O Prefeito fizeram um projeto, aí plantaram uns abacaxi acolá mas também acabou, num teve futuro, porque não é aguado (irrigado), não tem água pra aguar, aí agora só é a roça, algodão, feijão e milho, esse ano num deu nada.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que a mulher possa participar mais ativamente no Movimento?

**Irene:** É, pelo Movimento nós toda tinha essa ajuda assim de trabalho, pra fazer qualquer objetivo aqui de artesanato, de qualquer tipo que a gente quisesse fazer, mas o que tá faltando aqui é ajuda do governo. Se o governo ajudasse, nos toda estava disposta a fazer alguma coisa.

**Daniela:** Existe escola no assentamento?

**Irene:** Existe, funciona de 7:00 às 11:00 da manhã e um horário pela tarde.

**Daniela:** Quando o Movimento realiza palestras, assembléias e reuniões, existe um grupo responsável que cuide das crianças para que as mães possam participar?

**Irene:** Não, aí é a maior bagunça.

**Daniela:** Mas existe a Ciranda Infantil do Movimento?

**Irene:** Aqui não. A Ciranda Infantil é só nos encontros que a gente vai nos cantos assim em Natal ou em qualquer outro canto, nas mobilizações, mas aqui mesmo num tem não. Elas querem fazer isso, por Fátima as coisas eram tudo organizada, mas as coisas são diferentes do que ela quer.

**Daniela:** O MST dá ainda alguma assistência ao assentamento seja de forma política, econômica ou cultural?

**Irene:** A assistência que eles dão no meu entendimento é assim; quando eles querem arrumar alguma coisa que tá precisando aqui no assentamento, aí ele junto o pessoal e leva pra conversar com o governo pra conseguir alguma coisa, qualquer outro negócio aqui dentro, porque está com um bocado de tempo que a gente luta, aí vai fazer uma mobilização em Natal ou em qualquer outro canto assim que eles querem que a pessoa vá, é no INCRA, na FETARN, em qualquer canto que a pessoa quiser ir, eles quem leva, a pessoa vai, mas o governo nunca faz nada, só fica no papel, só fica enganando, aí pronto é só promessa.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher no assentamento?

**Irene:** Não existe nada, porque um posto de saúde num tem, quando a pessoa precisa de um médico vai em Baixa Verde e não é toda hora que eles atendem também, tem caso que a pessoa vai, se chega lá num horário, diz venha amanhã, se a pessoa num tem dinheiro pra pagar aquela passagem, os motoristas só quer levar por R\$ 4,00 e “olhe, olhe”, se adoecer um e dizer se num for pra rua morre, e num tiver o dinheiro pra pagar, se num tiver R\$ 15,00 ou R\$ 20,00, num vai, porque eles num fazem menos que isso.

**Daniela:** Quem são esses motoristas?

**Irene:** Os motoristas tem um bocado aqui, tem uns que vai por R\$ 10,00, tem uns que só vai por R\$ 15,00, tem Aleozório, Alberto, Juvenal, Chico Piaba, tem um bocado de carro aqui, mas só vai assim, tem João Maria também, se disser assim, se não tiver os R\$ 15,00 e tiver uma mulher pra ir pra maternidade, só vai se fretar o carro, aí ele vai deixar e vai buscar e se quiser ir lá visitar tem que pagar a segunda passagem, o negócio aqui é meio difícil.

**Daniela:** A senhora já sofreu alguma discriminação aqui no Movimento?

**Irene:** Até aqui não.

**Daniela:** A senhora conhece os objetivos e proposta de Reforma Agrária defendida pelo MST?

**Irene:** Umas sim e outras não, porque é tanta coisa pra gente gravar, num é. O que eles querem fazer e o governo desse ajuda pra eles tudo era fácil, porque essa coisa que eles querem colocar a mulher trabalhar (fazer uma cooperativa) eu tô com 17 mulher, mas até aqui já tá com uns 2 ou 3 meses pra ver se sai um projeto aí pra gente comprar os materiais.

**Daniela:** A senhora participa das reuniões, assembleias promovidas pelo MST?

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Irene Coutinho da Silva, brasileira, casada, CPF 90424719487 carteira de identidade 1017.774/5 emitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajo, na rua nº 45, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

Irene Coutinho da Silva

Entrevistada

**LUCIANA NUNES DA SILVA**

**Daniela:** Como foi que a senhora conheceu o MST e passou a ser militante do Movimento?

**Luciana:** O dia não lembro, mas sei que foi em 1990. Eu escutava através das reunião que eu era sócia do Sindicato Rural. Aí, dizia a história da Reforma Agrária, só que a gente não conhecia. Foi através das reuniões do Sindicato, que tinha de 15 em 15 dias, que às vezes a gente vinha e diziam: home a Reforma Agrária é uma terra que o governo compra pra botar as pessoas lá. Aí, quando foi um dia disseram tal dia, ninguém sabe a data certa, qual é o dia, vai a pessoa pra acampar na terra, a gente não sabia qual era a data. Quando foi um dia a gente saiu da Pedra D'água porque a gente morava lá, aí fomos até João Câmara pegar uma ficha pra consulta, aí deixa que vem lá do Sindicato, o povo tudo com as foices na mão, tudo com cabaço d'água, um arrumando conta do cumê, aí eu digo: Ave Maria, e já é hoje que vai pra terra? E o povo disseram: É hoje que a gente vai. O povo tudo com as foice na mão já ia seguindo pras bandas de cá. Aí, eu vinha mais meu irmão. Nesse tempo nós tinha uma Picape velha, aí encostamo num barraco lá na rua. Aí, eu digo: E como é que a gente vai. Aí, ele disse: Vamo acompanhar esse povo. Deixa a caminhonete parada num canto pra nós e de pés caminhar. Aí, passamos um dia perto do MOTOCROSS. Nesse tempo era através do Sindicato, a mobilização. Logo no início era através do Sindicato que a gente veio a primeira vez. Passemos o dia ali e o que veio franco foi a polícia. Chegou três vezes pra tirar o povo de lá, mas era 120 pessoas. Dessa fez foi pouca, foi só 120 pessoas, a gente ficou nas barraquinhas que bota sal pros gado. Passamo o dia lá. Eu imaginava assim: a gente deixou o carro velho encostado num canto sem saber nem a hora que ia voltar, se ficava lá direto ou se voltava. E meus pais ficaram em casa, um casal de velho, sem saber de nada. Aí, fomo pra João Câmara, se demorasse era uma prego da molesta que o carro tinha dado, né? Assim mesmo, seguimos. Do MOTOCROSS viemos pra lá (pro carro), mas eu imaginava assim sobre alimentação, nós ia passar o dia todinho que todo mundo já tinha preparado alguma coisa e nós como é que ia levar alguma coisa? Mas deixa que lá não faltou nada por causa que nesse tempo todo mundo era unido, 120 pessoas, cada qual que tirasse uma coisa pra repartir.

**Daniela:** O MST contribuiu de alguma forma?

**Luciana:** Não. Nesse dia não era o Movimento, era o Sindicato, um tal de Odilon da Serra do Mel, ele era o presidente do Sindicato e foi quem dava as reuniões de 15 em 15 dias. Ele disse que era pra ir pra terra naquele dia. Aí, passamos o dia por ali, não faltou alimentação, de tudo tinha, todo mundo comeu e passamos o dia. A polícia ainda veio três vezes ali, que um primo do dono da fazenda aqui, ia lá em João Câmara telefonar, quando lá vinha a polícia, mas nós não correu não. Um as duas pessoas correram que nunca mais apareceram, mas as 120 pessoas ficaram lá até de 5 horas que a gente saiu de lá, aí voltamos pra João Câmara. Depois desse movimento é que veio Livânia mais os outros que era do Movimento. Aí, foi que enfrentou o resto, que hoje aqui estamos assentados.

**Daniela:** Quais as atividades que a senhora realizava quando esteve acampada?

**Luciana:** Eu fazia as coisas, trabalhava tirando pau e os meninos faziam calvão, ajudava a juntar calvão e tirar lenha.

**Daniela:** Durante o período do acampamento, você participava de todas as reuniões e Assembléias?

**Luciana:** Participava. Quando era Assembléia não faltava nenhuma pessoa.

**Daniela:** A participação das mulheres em Assembléias e reuniões foi mais ativa na fase do acampamento ou se tornou mais evidente após o assentamento?

**Luciana:** Não. Aqui eu faço parte da Associação dos Moradores do Assentamento Marajó, porque um assentamento não pode viver sem associação. Mas tem gente que entende que é, assim mesmo, sem nenhuma pessoa pra representar nada. Porque muitas mulheres precisam de salário-maternidade, ou às vezes de aposentadoria, e ficam assim solta sem ter ninguém pra representar nada. Aí, quando fazem uma reunião ali, uma assembléia, não teve nenhuma mulher. Os homens tudo passaram por lá, mas não teve nenhuma mulher que quis dar o nome, pois era um ruma de homem. Aí eu disse: eu vou botar meu nome, porque não pode ficar assim. Aí, eu peguei, aí pronto. Todo dia 11, quem faz parte da Associação, sabe? A gente se senta os 12 (integrantes) e quando não tá os 12 é só 11.

**Daniela:** Só há senhora do sexo feminino na Associação?

**Luciana:** Tinha muita mulher, mas nenhuma quis representar, aí eu dei o meu nome, porque não podia ficar sem nenhuma mulher pra representar o interesse da mulher.

**Daniela:** Houve algum momento que a senhora classificaria como o mais difícil durante o período em que esteve acampada?

**Luciana:** As coisas toda vida é difícil pra quem não tem as coisas. Difícil demais, as águas a gente pegava numa cisterna acolá pra dentro, longe, num baldo. Tudo é difícil, pra onde vai é difícil demais.

**Daniela:** Como foi que ocorreu a ocupação?

**Luciana:** Primeiro foi porque disseram já de noite que era pro povo já entrar na terra. Aí, haja chegar caminhão lá nos matos já pra ficarem lá na terra. Aí, teve um momento que não era pra ninguém sair de lá.

**Daniela:** A polícia estava lá na hora?

**Luciana:** Não. Veio 3 carros de gente, que veio logo nas primeiras entradas. Esses carros de gente vieram tudo cheinho assim. Então, Livânia dizia: daqui não sai ninguém, porque se a polícia chegar ataca mesmo, porque tem pouca gente. Aí, nós ficuemo, nós cheguemo de 3:00 da madrugada.

**Daniela:** Houve alguma morte devido o conflito com a polícia?

**Luciana:** Graças a Deus não.

**Daniela:** A senhora participa na produção da renda familiar?

**Luciana:** Trabalho em tudo, mulher, até com machado e foice. Eu sou homem e sou mulher. Meu esposo não está aqui. O povo daqui disse que eu deveria ter sido homem. De foice, martelo, machado, eu trabalho em tudo, não tem esse negócio não.

**Daniela:** O que a senhora produz na terra?

**Luciana:** Quando chove planto mandioca, feijão, milho, batata, macaxeira, quando chove, né? Mas desde o ano passado tá assim, é difícil. A gente pejejou, pejejou, mas não conseguiu nada.

**Daniela:** A senhora acha que existe alguma estrutura de apoio para que as mulheres possam participar mais ativamente nas questões políticas, econômicas e sociais do Movimento?

**Luciana:** As reuniões sempre quando têm, é difícil demais eu faltar. Sempre quando tem eu vou, eu só falto quando tô doente, pressão alta, sei lá, me dá uma tontura. Quando tem caminhada eu vou, mas quando eu não vou é porque eu tenho filho pequeno de 7 anos que estuda e tudo. Quando eu não vou, mando meu menino ou meu esposo, sempre lá de casa é difícil demais uma pessoa lá de casa não ir. E nas reuniões, só quando eu estou muito doente é que eu não vou.

**Daniela:** A senhora já sofreu alguma discriminação dentro do Movimento por ser mulher?

**Luciana:** Não, nunca não. Hora, se eles querem é que vá de toda qualidade.

**Daniela:** Quando é tratada a saúde da mulher no assentamento?

**Luciana:** A saúde é difícil demais. Estou até pensando em ir para João Câmara pegar um exame depois apresentar ao médico.

**Daniela:** A senhora conhece os objetivos e propostas do Movimento sobre Reforma Agrária?

Observação: A entrevistada não soube responder.

**Daniela:** O que mudou em sua vida após assumir a luta pela terra junto ao MST?

**Luciana:** O que mudou mais foi a pessoa ter possuído a terra, é o que pesa mais. A gente morava num canto lá que tinha bem dizer o canto da casa. Era só um quintalzinho de plantar e era ruim que só, porque tinha ano que chovia muito e virava um alagadisso, tinha que plantar as coisas em cima dos leirão, porque inundava tudo, não dava nada. Aqui é 25 hectare, mas falta condição, porque se a gente tivesse ao menos um quintal um pedaço com irrigação a gente tinha as coisas, porque eu mesma não sou morta de espírito e dizer: não porque o homem não tá, aí não faço as coisas.

**Daniela:** Como é que vocês estão conseguindo se manter?

**Luciana:** A gente tá vivendo é porque Deus é quem sabe. Tem uma história de uma bolsa-renda, os bodegueros não querem nem vender um quilo de arroz com medo.

**Daniela:** Como a senhora avalia o MST?

Observação: A entrevistada não soube responder.

**Daniela:** Na sua opinião qual a importância da mulher na luta pela terra e Reforma Agrária?

**Luciana:** É importante, né? Se não for ela é o que? Tem que ser.

**LUZIA CÍCERA DA SILVA**

**Daniela:** Como foi que a senhora conheceu o MST?

**Luzia:** Eu conheci porque a gente trabalhava no Município de Parazinho, nós trabalhava no motor a válvula, num sabe? Aí, Livânia foi lá onde nós trabalhava, mas nós não sabia o que era isso (MST). Viemo saber quando nós chegemo aqui dentro (acampamento), mas nós sofremo muito aqui dentro.

**Daniela:** Qual foi o momento, a data em que a senhora passou a ser militante do MST?

**Luzia:** O dia eu não me lembro, mas sei que foi em 1990.

**Daniela:** A senhora participou desde a fase do acampamento até chegar no assentamento?

**Luzia:** Sim.

**Daniela:** Como foi a sua participação durante o acampamento? O que a senhora fazia nesse período?

**Luzia:** Eu tirava lenha e estaca pra vender.

**Daniela:** Como era a vida no acampamento?

**Luzia:** Era muito difícil, mas a gente vivia na luta, tinha que ir né?

**Daniela:** Como era o seu cotidiano? O que a senhora fazia durante o dia?

**Luzia:** De manhãzinha a gente tomava café, isto é, quando tinha. Depois, ganhava a mata pra trabalhar. Aí, a gente trabalhava cortando a lenha e juntando os paus. À tarde, às vezes ia e à vezes nem ia, ficava nas barracas pra ir cuidar das outras coisas, tirava uma roupa e ia cuidar do cumê.

**Daniela:** Houve algum momento que a senhora classificaria como o mais difícil no momento em que esteve acampada?

**Luzia:** Houve.

**Daniela:** Qual foi o momento?

**Luzia:** O que nós achemo mais difícil, foi quando nos estava na luta e o que nós passemos aqui. A barra muito pesada da polícia aqui dentro. Teve gente que foi embora com medo, mas nós batalhamo até o fim e estamos até hoje aqui.

**Daniela:** Quando foi que ocorreu a ocupação?

**Luzia:** Eu não alembro da data, só sei que vim numa segunda-feira.

**Daniela:** A senhora lembra como foi festejado o acampamento tornou-se assentamento, quando o INCRA regularizou a terra de vocês?

**Luzia:** Eu não lembro não.

**Daniela:** A senhora participa da produção e na renda familiar além das atividades domésticas?

**Luzia:** Trabalho na roça desde que eu me entendi de gente. Desde que fiquei grande, eu trabalhava com meu pai na agricultura.

**Daniela:** Então, a senhora vai para a roça todos os dias até hoje?

**Luzia:** Todo dia. Até hoje, ainda agora saí daí, mas quando eu não vou pra o quintal daqui, eu vou pro roçado limpar os cajueiros.

**Daniela:** O que a senhora planta?

**Luzia:** Planto roça, milho e feijão, mas quando o inverno é bom. Quando não, a gente planta só a roça.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que a mulher possa participar de forma mais ativa a nível social, político e econômico?

**Luzia:** Existe nada.

**Daniela:** O MST dá ainda alguma assistência ao Movimento?

**Luzia:** às vezes dá, às vezes não dá. Eu acho que eles não têm força pra levantar pra frente, às vezes ele até bataia, mas às vezes não pode.

**Daniela:** A senhora já passou por alguma discriminação depois que passou a ser militante do movimento?

**Luzia:** Não. Ninguém nunca falou nada não.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher aqui no acampamento?

**Luzia:** Não tem nada aqui. Quando a gente vai é pra João Câmara, quando a gente adocece vai pra João Câmara.

**Daniela:** A senhora conhece os objetivos e propostas do MST?

**Luzia:** Conheço umas sim e outras não.

**Daniela:** O que foi mudou em sua vida após assumir a luta pela Reforma Agrária?

**Luzia:** Mudou porque nós saímos de lá (Parazinho), nós trabalhava mais, não tinha um serviço certo, nós trabalhava pros outros nas terras de outras pessoas. Aqui dentro mudou, porque nós tem a terra pra trabalhar pra nós e lá a gente não tinha.

**Daniela:** Então, hoje a senhora tem uma casa própria?

**Luzia:** É. Tenho minha casa pra morar, não vivo mais aperrada, sofremo muito aqui dentro, mas tamo mais melhor. Já tamo num canto onde a gente pode plantar, trabalhar e criar.

**Daniela:** A senhora participa dos encontros e assembléias que o Movimento organiza aqui dentro do assentamento?

**Luzia:** Às vezes eu vou, às vezes eu não vou, porque num tô mais convivendo.

**Daniela:** Mas quando a senhora vai, dá alguma opinião nesses encontros e assembléias?

**Luzia:** Às vezes dou quando entendo alguma coisa. Quando não dou é porque não entendo, porque não tenho letra (analfabeto). Meu pai não deu estudo pra gente, aí às vezes eu não entendo e eles explicam pra gente.

**Daniela:** Quando a senhora dá sua opinião os palestrantes do Movimento respeitam?

**Luzia:** Sim.

**Daniela:** Como a senhora avalia o MST?

**Luzia:** O que eu acho é que às vezes quando a gente precisa de alguma coisa, ele batalha. Quando ele não pode, fica por isso mesmo.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Rozia Cícera da Silva, brasileira, casada, CPF 72316187404, carteira de identidade 1407.167/ITEP, emitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajó, na rua nº 59, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

x



Entrevistada

**MARIA BENALVA SANTANA**

**Daniela:** Como foi que a sra. conheceu o movimento?

**Maria Benalva:** Foi conheci apartir de,..., agente chega aqui na terra né! Quando o povo do movimento trazer agente aqui pra terra, até aqui eu não conhecia nada, ai depois que surgiu o movimento sem terra, aí foi quando agente ficou conhecendo, até aí ninguém sabia nem se existia isso, o movimento sem terra.

**Daniela:** Antes de a sra. conhecer o movimento, onde morava? E lá trabalhava com o quê?

**Maria Benalva:** Morava em Bento Fernandes, e trabalhava assim alugado na semana, no lugar raspando mandioca, num dia assim quando achava alguém que pagava, aí trabalhava raspando mandioca, mas o trabalho era só esse.

**Daniela:** Como foi que o movimento chegou até a sra.?

**Maria Benalva:** O movimento chegou até a gente por meio de Livânia e Pedro. Foram os primeiros que chegaram lá em casa foi Pedro, Aílto (Ailton) e Neide lá em Bento Fernandes quando a gente morava lá; foi através de Pedro, foram os primeiros que chegaram lá em casa foi eles pra fazer, a primeira reunião foi lá em casa mesmo.

**Daniela:** Aí ele convocou a população?

**Maria Benalva:** Foi, aí a primeira reunião foi lá em casa, aí ele veio, a reunião lá em casa, aí depois lá de casa ele saiu fazendo reunião nos lugar.

**Daniela:** O que é que eles diziam nas reuniões?

**Maria Benalva:** Colocava pra gente vim pra terra que, algum povo não dava a terra pra gente, ninguém vi trabalhar aí, a gente só poderia adquirir um pedaço de terra se viesse, assim, acampar né.

**Daniela:** Quando foi que sra. passou a ser militante do movimento? Foi no momento em que a sra. ficou aqui acampada nas barracas?

**Maria Benalva:** Foi, até aí ninguém sabia, eu mesmo não sabia nem o que era ser militante do movimento.

**Daniela:** Você participou desde a fase do acampamento ate chegar a fase do assentamento?

**Maria Benalva:** Foi.

**Daniela:** Como foi sua participação no acampamento? Quais as tarefas que a sra. fazia quando estava acampada?

**Maria Benalva:** As tarefas que a gente fazia era ..., era passar o dia nas barracas tira a mulera do sol quente (risos), o fogo era no meio do sol aí, às vezes a barraca era cheia de gente nera, aí a gente cozinhava pra`quele pessoal todinho.

**Daniela:** A sra. cozinhava?

**Maria Benalva:** Era, eu era a cozinheira do movimento, o pessoal do movimento começou né, além do Pedro, aí começou a chegar gente, a chegar mais militante, era militante que fazia gosto, era bem um dez, ai era tudo na minha barraca, aí aquilo era pra mim cozinhar pra`quele povo tudinho.

**Daniela:** E a comida, quem trazia pra vocês?

**Maria Benalva:** A comida quem arranjava era o pessoal mesmo do movimento que arrumava. Faziam campanha iam pra Natal fazer mobilização, aí eles conseguiam comida, aí era partido pra todo mundo no acampamento (Dra. Irene), era açúcar, feijão, arroz, farinha, macarrão, só que a coisa mais difícil pra vim era salgado.

**Daniela:** Houve algum momento em que a sra. classificaria como o mais difícil em que esteve acampada?

**Maria Benalva:** Não, eu achava melhor no acampamento do que quando eu trabalhava morando nas terras do povo.

**Daniela:** Existiu algum confronto com a polícia?

**Maria Benalva:** Não teve não, foi o único acampamento que não houve conflito foi o daqui.

**Daniela:** Em que data ocorreu a ocupação?

**Maria Benalva:** Foi no dia 29 de julho de 1990.

**Daniela:** A Sr. Lembra desse momento?

**Maria Benalva:** Me lembro, a gente passou a noite acordado lá em Bento Fernandes. Nessa noite, teve até uma festa lá, a zuada lá pra baixo, lá no clube, e nós aqui tudo de pacote arrumado, esperando pela hora de vim, num sabe, pela madrugada, aí ajuntou-se a turma lá em casa, era panela, saco de troço, era enxada, foice, machado, ficaram no terreiro só esperando, aí quando foi por volta de uma hora ou duas, aí quando a gente pensou, lá vinha o caminhão. Aí o caminhão cheio de gente, ai subimos e se mandemo né. Aí a gente num sabia nem pra onde ia. Porque eu perguntava pros meninos e eles num dizia né, aí eu não conhecia isso aqui. Numca tinha andado pras bandas daqui. Eu sei que a gente viemos, aí quando a gente chegou, o acampamento foi acular, numa terra (próximo a sede), aí fiquemos esperando pelos dois caminhão que vinha de outro lugar, aí esperamos lá, já tinha uns lá esperando, aí ficamos esperando pelos outros que chegava. Quando a gente chegou, decemos do caminhão, todo mundo deceu do caminhão, que o acampamento era dentro da mata. Eu sei que a gente ganhemo a mata, com luz acesa, farol aceso, aqueles lampião de gás aceso dentro da mata, só as varedinhas

, caímos por dentro dos troncos. quando a gente chegou lá, com poucos, minutos o dia clareou. Aí a gente ainda se deitou, passou uma chuveirinha, aí a gente levou uma toalha de plástico, outros levaram lona, a gente emendou, num tinha lona. Aí a gente saiu emendando saco plástico num sabe, pra fazer as toalhas. Aquelas lonas pra fazer as barracas, eu sei que aí passou a chuveirinha eu me deitei, me cobri com a lona, menina, quando a chuva passou, fazia uma quentura tão grande que o suor pingava. Aí quando amanheceu o dia, todo mundo foi cuidar em fazer as barracas. Eu sei que era todo mundo no meio do mato tirando pau pra fazer as barracas. Quando pensamos que não, já tava as casas tudo prontinha, bem feitinha. Achava tão bom lá dentro do mato....

**Daniela:** E em que data o acampamento foi reconhecido pelo INCRA passando a ser assentamento?

**Maria Benalva:** Foi em 1992

**Daniela:** A Sra. lembra como foi esse momento?

**Maria Benalva:** Eu não me lembro

**Daniela :** Como e quando essas casas foram construídas?

**Maria Benalva:** faz pouco tempo, uns cinco anos e foi o INCRA que deu

**Daniela :** além das atividades doméstica, a Sra. participa na produção e na renda familiar?

**Maria Benalva:** Sim, eu só não faço limpar de enxada, porque eu mesmo não quero. A casa era cheia de rapaz, aí eu ia trabalhar de graça? (risos), eu plantava, colhia, agora eu só não fazia limpar porque a questão era minha mesma, de limpar de enxada!. eu hem!

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio aqui no assentamento para que as mulheres possam participar mais ativamente das questões políticas dentro do MST?

**Maria Benalva:** Tem nada, aqui só tem promessa

**Daniela:** o MST ainda oferece alguma assistência ao assentamento, seja de forma política, econômica ou cultural?

**Maria Benalva:** Vem, foi num foi eles aparecem por aqui.

**Daniela:** E quando eles aparecem, o que eles fazem?

**Maria Benalva:** Eles fazem reunião, assembléia, promete apoio à pessoa, aqui pro assentamento, mas tudo é difícil. Porque essas coisas assim só depende do governo né, o governo não quer ajudar ninguém, aí o MST é pobre, num pode chegar assim né, ele só pode chegar pra ajudar a pessoa, com a ajuda dos outro maior (o governo), os outro num querem ajudar os sem terra.

**Daniela:** A Sra. sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher depois que passou a ser militante do MST?

**Maria Benalva?** Nunca

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher aqui no assentamento? Existe um posto ou alguma estrutura?

**Maria Benalva:** Não, aqui dentro do assentamento mesmo não. Quando a gente quer alguma coisa, quer resolver alguma coisa de doença, vai lá pra João Câmara, às vezes é atendida, as vezes não é.

**Daniela:** A Sra. conhece os objetivos e propostas de reforma agrária do MST?

**Maria Benalva:** Não

**Daniela:** O que mudou em sua vida após assumir a luta pela terra e reforma agrária junto ao MST?

**Maria Benalva:** Mudou muita coisa né. Pelo menos hoje a gente é dono da terra, agente não vivi de favor, ninguém tem patrão pra ficar mandando na pessoa. A pessoa mora no que é da pessoa mesmo. Trabalha no dia que quer, faz o que quer, e a pessoa quando tinha patrão, tinha que fazer o que o patrão mandasse, se trabalhasse comia, se não trabalhasse na quele dia num ganhava. A gora a gente mora no que é da gente, aí fica a vontade, só não é melhor devido as condições mesmo que não tem pra ninguém. A água pelo menos tem , a gora, o povo não sabe se unir, se fosse tudo unido o negócio aqui era outro, plantava horta, porque do jeito que tem aquele poço ali, se todo mundo fosse unido a verdura ali só dá boa pra negociar, porque aquidá de tudo, mas o povo não se uni ..

**Daniela:** A Sra. participa das reuniões e assembléias aqui no assentamento?

**Maria Benalva:** É difícil mas às vezes eu vou.

**Daniela:** E quando a Sra. vai, que fala alguma coisa, é respeitada?

**Maria Benalva:** É difícil eu dá uma opinião , mas às vezes eu dou.

**Daniela:** Como a Sra. avalia o MST?

**Maria Benalva:** O MST nasceu pra dá prioridade àquelas pessoas que não tem terra, porque se não fosse o MST, quem era que tinha terra hoje? Ninguém. Então eu acho que o MST é uma boa, existe no Brasil e mundo.

**Daniela:** Na sua opinião, qual o papel da mulher na luta pela terra e reforma agrária?

**Maria Benalva:** pra mim é uma ótima idéia. Porque não é só o homem que precisa entrar, as mulheres também tem prioridade pra seguir, se tiver coragem, a gora eu num tenho.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Maria Benalva Santana, brasileira, casada, CPF 039510534-02 carteira de identidade 1226821/STEP, emitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajo, na rua nº 46, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

Maria Benalva Santana  
Entrevistada

**MARIA DÓRIA DA SILVA**

**Daniela:** Como foi que a senhora conheceu o MST e passou a ser militante?

**Dória:** Quando nós entremo aqui pra dentro

**Daniela:** Quais eram as atividades que a senhora exercia na fase do acampamento?

**Dória:** No início a gente ficava de baixo de uns pé de pau, depois de baixo de umas barracas.

**Daniela:** Mas, o que a senhora fazia lá?

**Dória:** Só cuidava dos meninos.

**Daniela:** A senhora cuidava dos meninos e participava das assembléias também?

**Dória:** Todas.

**Daniela:** E das reuniões?

**Dória:** Também.

**Daniela:** A senhora dava alguma opinião nas reuniões e assembléias?

**Dória:** Às vezes sim, às vezes não.

**Daniela:** Houve algum momento em que a senhora classificaria como o mais difícil no período em que esteve acampada?

**Dória:** Que eu me lembre não.

**Daniela:** A fase do acampamento foi tranqüila? Houve alguma briga ou morte?

**Dória:** Foi tranqüila, não houve morte.

**Daniela:** Qual foi a data que ocorreu a ocupação?

**Dória:** Foi no dia 29 de julho de 1990.

**Daniela:** Em que data o acampamento passou a ser reconhecido pelo INCRA e passou a ser chamado de assentamento?

**Dória:** Sabe que eu nem sei, porque nós passamos pouco tempo lá nas barracas.

**Daniela:** Como foi festejado essa vitória?

**Dória:** Foi bom. A gente não tinha onde morar, onde trabalhar. Foi bom demais e ainda tá sendo. Pra mim até hoje, eu tenho uma casa pra morar, tenho onde trabalhar e onde criar alguma coisa.

**Daniela:** Além das atividades domésticas, a senhora participa na renda familiar?

**Dória:** Participo.

**Daniela:** O que a senhora planta?

**Dória:** Eu planto feijão, batata no quintal, no roçado planto roça (mandioca) e algodão.

**Daniela:** A senhora vende esses produtos ou é só pra o consumo familiar?

**Dória:** Quando dá muito a gente vende, mas quando dá pouco não dá nem pra o consumo de casa. Esse ano não deu nem pra casa.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que as mulheres possam participar de forma mais ativa no Movimento?

**Dória:** Não tem creche, não tem nada, só tem uma Associação de Mulheres, mas não está funcionando.

**Daniela:** O MST ainda oferece alguma assistência ao assentamento de forma política ou econômica?

**Dória:** Dá

**Daniela:** A senhora já sofreu alguma discriminação depois que passou a ser militante do MST?

**Dória:** Não.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher aqui no assentamento?

**Dória:** Eu mesma sou acompanhada por um agente de saúde. Quando tenho problema de saúde, procuro o posto de saúde de João Câmara.

**Daniela:** Aqui no acampamento não existe um posto de saúde?

**Dória:** Não.

**Daniela:** A senhora participa de todos os encontros, assembléias e reuniões organizadas pelo Movimento na fase do assentamento?

**Dória:** Aqui dentro sim. Só não posso sair pra fora, pois minha filha é doente, é portadora de síndrome de down

**Daniela:** E como a senhora avalia o movimento?

**Dória:** Eu acho que foi, porque se não o movimento a gente não tava aqui.

**Daniela:** Qual o papel da mulher na luta pela Reforma Agrária na sua opinião?

Observação: a entrevistada não soube responder.

**Daniela:** A senhora acha que a mulher contribuiu muito ou pouco para conseguir essa terra?

**Dória:** Eu acho que a contribuição foi igual com a dos homens, a luta foi a mesma.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Maria Dórea da Silva,  
brasileira, junta, CPF 85115380463, carteira de identidade  
1169370/ITEP, emitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajo,  
na rua nº 42, na cidade de João Câmara,  
declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena  
propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei  
a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar  
e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou  
não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva  
de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

x Maria Dórea da Silva

Entrevistada



## MARIA LÚCIA VICENTE DIAS

**Daniela:** Como foi que a Sra. conheceu o MST e passou a ser militante do movimento?

**Maria Lúcia:** Eu conheci, quando cheguei aqui, o pessoal já tava acampado já, eu num passei pelo sofrimento deles né, porque logo no começo sofreram muito né.

**Daniela:** Qual foi o ano que Sra. chegou aqui?

**Maria Lúcia:** Eu nem me lembro mais, eu sei que já tava com uns três ou quatro anos depois que eles já tavam aqui, eu cheguei depois.

**Daniela:** Mas você conheceu o movimento através de quem?

**Maria Lúcia:** Daqui mesmo, que dizer, a mamãe veio primeiro pra cá né, num conhecia ainda, aí depois eu vim, aí foi quando eu conheci, que agente morava em Natal.

**Daniela:** Quer dizer que você conheceu através de sua mãe?

**Maria Lúcia:** É.

**Daniela:** Houve algum momento, em que você classificaria como o mais difícil desde quando você chegou aqui?

**Maria Lúcia:** O mais difícil aqui que eu acho é trabalho, que não tem, para pessoal trabalhador, só vive assim parado que não tem trabalho e essas coisas deles irem prá Natal também, eu acho muita coragem deles né, deles irem prá Natal enfrentarem as coisas assim né, porque João já tem ido, mais eu não posso ir.

**Daniela:** Além das atividades domésticas, você participa na produção e na renda familiar?

**Maria Lúcia:** Sim, no dia –a –dia eu vou pro roçado mais ele, quando tem feijão eu vou apanhar, vou ciscar mato, o que tem lá eu faço mais ele.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que você possa participar mais ativamente das palestras, reuniões ou assembléias organizadas pelo MST ?

**Maria Lúcia:** Eu acho que sim, a gora o que falta, é falta de interesse né, que eu acho. Que podia se juntar um grupo de mulheres e forma um negócio, fazer trabalho né, pra ir desenvolvendo mais né, mas não se interessam, madrinha falou que ia sair um negócio aí, aí nunca mais saio. ( cooperativa de mulheres )

**Daniela:** então você acha que o movimento dá estrutura, mas o que falta é organização?

**Maria Lúcia:** É

**Daniela:** E a coordenação Estadual ou regional do MST ainda dá assistência ao assentamento, seja de forma política, econômica ou cultural?

**Maria Lúcia:** Isso daí eu num sei né, eles (Os homens) que tiveram reunião é que deve saber né.

**Daniela:** então você não participa das reuniões?

**Maria Lúcia:** Tem algumas que eu vou, não é todas, porque eu não gosto de ir pra todas não, mas tem umas que eu vou.

**Daniela:** como é tratada a saúde da mulher no assentamento?

**Maria Lúcia:** as vezes vem um médico aqui más só pra extrair dente, mas pra consultar mesmo num vem, agente tem que ir pra João Câmara. O que vem mesmo é dentista pra cá.

**Daniela:** a Sra. conhece as propostas de reforma agrária e objetivos do MST?

**Maria Lúcia:** isso ai eu num entendo não, não entendo nada de reforma agrária assim, esses negócios eu num entendo não.

**Daniela:** a Sra. participa dos encontros e assembléias promovidos pelo movimento?

**Maria Lúcia:** Esses negócios assim lá eu nunca fui não, sempre quem vai é João, mas eu nunca fui não. As vezes eu tenho vontade de ir, mas que nem essa última que teve o marido não aprova.

**Daniela:** Mas por você, você iria?

**Maria Lúcia:** Por mim eu ia, que eu queria ir lá ver né, tudo como é que é.

**Daniela:** Como a sra. avalia o MS?

**Maria Lúcia:** é tá sendo bom, o pessoal mora aqui a muito tempo, eu gosto, aí eu também tô levando assim, acho bom, tô gostando.

**Daniela:** Na sua opinião qual o papel da mulher na luta pela terra, pela reforma agrária?

**Maria Lúcia:** Eu acho que ela tem coragem né, de t;a enfrentando junto com o marido assim a luta, levando, porque é difícil agente viver aqui, porque tudo é difícil né, e agente enfrentar e ajudar eles, porque não é bem fácil que nem na cidade, porque na cidade tudo é mais fácil do que aqui; precisa muita coragem quem tem vontade mesmo de enfrentar.

**Daniela:** Você conheceu Livânia?

**Maria Lúcia:** Conheci.

**Daniela:** Na época em que ela foi presa, você foi a mobilização pedir sua libertação?

**Maria Lúcia:** Não fui, não.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Maria Lucia Dias da Silva, brasileira, casada, CPF 63476290455 carteira de identidade 1652426/115 permitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajo, na rua nº 29, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

Maria Lucia Dias da Silva

Entrevistada

**MARIA SALETE PINHEIRO DA COSTA**

**Daniela:** Como foi que a senhora conheceu o MST e quando passou a ser militante do Movimento?

**Salete:** Quando o povo começaram a fazer essas reunião nas casas. Eu morava ali num canto muito ruim, trabalhando pros outros.

**Daniela:** A senhora morava onde? Trabalhava em que?

**Salete:** Na roça em Valentim.

**Daniela:** Quem chegou até a senhora para falar sobre o Movimento?

**Salete:** Eu conheci logo o Pedro, Ailton, Neide.

**Daniela:** Eles chamaram para fazer um acampamento aqui?

**Salete:** Foi.

**Daniela:** A senhora participou desde a fase do acampamento até a fase do assentamento?

**Salete:** Foi, desde o começo até hoje.

**Daniela:** Como foi sua participação na fase do acampamento? O que a senhora fazia?

**Salete:** Quando nos acampemos aqui, nós sofria demais, até lenha eu tirava, juntava lenha, os meninos cortando e eu juntando para vender e comprar alguma coisinha para comer na semana.

**Daniela:** Teve algum momento que a senhora considerou o mais difícil no período em que esteve acampada?

**Salete:** O mais difícil era que faltava o lugão, aí nós ia sofrer dentro do mato, cortar lenha, juntar para vender pra pegar num tostãozinho.

**Daniela:** Existiu em algum momento o enfretamento com a polícia?

**Salete:** Existiu, mas só que num foi muito violento não.

**Daniela:** Quando foi que ocorreu a ocupação?

**Salete:** Foi no dia 29 de julho

**Daniela:** A senhora lembra como foi esse momento?

**Salete:** Nós chegemo aqui num sei de que hora da noite, aí fumo caçar canto pra dormir, dentro do mato no chão, forrar com lona véia e dormir. Nesse tempo eu trazia criança, eu tinha criança ainda.

**Daniela:** Como a senhora chegou até aqui?

**Salete:** De caminhão

**Daniela:** Foi de manhã cedo que as barracas foram construídas?

**Salete:** Até de noite, eles iam achar pau pra fazer barracas, foi logo trabalhando de noite. Aí, eu tinha uns menino e fumo ajeitar dormida pra eles, aí passemos a noite todinha nessa luta, acordada, os meninos dormindo e a gente acordada lutando.

**Daniela:** A senhora lembra a data em que o acampamento foi reconhecido pelo INCRA?

**Salete:** Eu num tô me lembrando agora não.

**Daniela:** A senhora lembra como foi esse momento?

**Salete:** Num tenho lembrança não, eu sou esquecida demais.

**Daniela:** Além das atividades domésticas, a senhora participa na produção da renda familiar?

**Salete:** Participo, trabalho todo dia, planto feijão, maniva, milho.

**Daniela:** A senhora tem alguém que a ajuda na roça?

**Salete:** Tenho dois filhos, mas às vezes o que planta num dá nem pra comer, nem guardar semente pra plantar amanhã.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que a mulher possa participar mais ativamente no Movimento?

**Salete:** Num tem quase apoio não.

**Daniela:** O MST dá alguma assistência ao assentamento a nível político, econômico e cultural?

**Salete:** Num tá dando é nada.

**Daniela:** O MST vem aqui de vez em quando?

**Salete:** Custa, custa a vim aqui.

**Daniela:** Quando o MST vem, a senhora participadas reuniões organizadas pelo Movimento?

**Salete:** Participo.

**Daniela:** A senhor dá alguma opinião nas reuniões?

**Salete:** Eu nunca dou opinião de nada não, fico só calada escutando.

**Daniela:** A senhora nunca fala nada?

**Salete:** Às vezes eu falo porque quando, isso aqui de primeiro, a gente chegou aqui até tinha reunião, tinha assembléia e nós tudinho ia, mas agora é até difícil ter, e as opinião que a gente dá num é e nem tá vagando nada.

**Daniela:** Aqui não há respeito às opiniões das mulheres?

**Salete:** Nada.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher aqui no assentamento?

**Salete:** Quando a gente pode vim no médico a gente vai, às vezes num tem nem como comprar os remédios, e por isso passa.

**Daniela:** A senhora conhece os objetivos e propostas da Reforma Agrária do MST?

**Salete:** Conheço não, eu não tenho leitura, não sei de nada.

**Daniela:** Mudou alguma coisa na vida da senhora após assumir a luta pela terra e Reforma Agrária junto ao MST?

**Salete:** Mudou um pouco, aqui o que eu fizer é no meu terreno, não vou partir com ninguém, né? Lá onde eu morava a gente trabalhava de meio, aqui o que a gente fizer, o pouco que fizer é da gente.

**Daniela:** A senhora acha que foi positiva essa luta?

**Salete:** Foi, num tô arrependida não.

**Daniela:** Como a senhora avalia o MST?

**Salete:** O movimento foi bom.

**Daniela:** Na sua opinião a senhora acredita que a mulher é importante na luta pela terra e Reforma Agrária?

**Salete:** É, importante é.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Maria Salete Ribeiro da Costa brasileira, casada, CPF 000549714-03 carteira de identidade 1434735/ITER, emitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajó, na rua nº 41, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.



Entrevistada

**MARINEZ RODRIGUES DA CRUZ**

**Daniela:** Como a senhora conheceu o MST?

**Marinez:** Conheci quando nós morava no limão, o povo do Movimento começou a ir nas comunidade, se reunir o povo para entrar na terra, aí nós vivemos junto com eles.

**Daniela:** Quem falou para senhora sobre o MST?

**Marinez:** Livânia e Izaias.

**Daniela:** A partir desse momento você passou a ser militante do Movimento?

**Marinez:** Foi.

**Daniela:** Você participou desde a fase do acampamento até a fase do assentamento?

**Marinez:** Até o dia de hoje.

**Daniela:** Como foi sua participação no acampamento? Que tarefas a senhora exercia?

**Marinez:** Eu nem fazia nada, era só nas barracas mesmo olhando os meninos. Algumas horas que juntava algumas varinhas e ia queimar e pronto.

**Daniela:** Quando a polícia chegava ou, até mesmo, o INCRA, o que a senhora fazia?

**Marinez:** Num fazia nada, ficava só olhando o movimento deles, num podia fazer nada.

**Daniela:** Houve algum momento em que a senhora classificaria como o mais difícil no período em que esteve acampada?

**Marinez:** Tô achando agora, porque num tem ganho, o povo num tem trabalho. Tudo é difícil, o ganho também. Aí, fica esperando um recurso, aí fica esperando duas semanas ou três pra ganhar R\$ 50,00, por isso eu tô achando que é agora.

**Daniela:** A senhora lembra do momento em que o acampamento foi reconhecido pelo INCRA:

**Marinez:** Num me lembro não.

**Daniela:** Além das atividades domésticas, a senhora participa na produção e na renda familiar?

**Marinez:** Logo no começo eu trabalhei muito, mas aí comecei a encher a casa de menino, aí num pude mais não, porque ficou mais difícil. O maior vão ajudar o pai dele e eu fico com os menor em casa.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio a mulher para que ela possa participar mais ativamente no MST?

**Marinez:** Num tem não.

**Daniela:** O MST dá ainda alguma assistência do assentamento de forma política cultural ou econômica:

**Marinez:** Eu tô achando que ele num dá é nada, tem uns dias que eles faz umas reunião.

**Daniela:** Quando tem essas reuniões, a senhora participa?

**Marinez:** De primeiro eu via, mas agora num vô mais não.

**Daniela:** A senhora não vai por quê?

**Marinez:** Porque os meninos tudinho vão, aí eu não quero mais vim, fica lá com os menino até num sei que hora terminar.

**Daniela:** A senhora não tem com quem deixar seus filhos?

**Marinez:** É, eu tenho que ficar, às vezes eu vou aí o menino fica chorando com sono aí quer ir embora, o pai dele se chateia porque não botei pra dormir, aí pronto ele não quer.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher no assentamento?

**Marinez:** Só no Centro de Saúde que o povo vão, na cidade mesmo (João Câmara).

**Daniela:** A senhora já sofreu alguma discriminação por ser mulher após entrar no Movimento?

**Marinez:** Não.

**Daniela:** Mudou alguma coisa em sua vida após assumir a luta pela terra e Reforma Agrária junto ao MST?

**Marinez:** Eu acho que não.

**Daniela:** A senhora já tinha casa e trabalho antes de conhecer o Movimento?

**Marinez:** Eu tinha uma casinha de taipu, assim mesmo não era nem minha, era de minha mãe. Ela chegou a falecer, aí meu pai ficou com outra mulher, aí a casa que era dele, eu fiquei morando nela e ele fez outra.

**Daniela:** A qualidade de vida, a senhora acha que não mudou em nada?

**Marinez:** Eu não, mesmo com a casa, não mudou em nada. A casa lá era maior, essa aqui num dá pra nada, é pequena.

**Daniela:** Como a senhora avalia o MST?

**Marinez:** O Movimento por uma parte é bom porque hoje em dia tem muito assentamento aí pro povo. O povo precisa de terra e num tinha, é conseguido através disso, né?

**Daniela:** Na sua opinião, qual o papel da mulher na luta pela Reforma Agrária?

**Marinez:** A mulher é importante, tanto faz o homem como a mulher.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Marinês Rodrigues da Cruz, brasileira, funta, CPF 828 731 864 53 carteira de identidade 923.417/ITEP, emitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajo', na rua nº 60, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

Marinês Rodrigues da Cruz

Entrevistada

**MARTA JUSSARA SANTANA**

**Daniela:** Como foi que a senhora conheceu o MST e quando passou a ser militante do Movimento?

**Marta:** Através de reuniões, parece que foi em 1990 que começaram a fazer reunião. Foram em várias comunidades, Bento Fernandes, Parazinho, João Câmara, em cada local se destacava 2 ou 1 ou mais e fazia reunião com o povo, pra trazer pra base, fazer acampamento e depois assentamento.

**Daniela:** Quem falou a senhora sobre o Movimento?

**Marta:** Pra gente foi Nei, Pedro.

**Daniela:** A senhora participou desde a fase do acampamento até chegar ao assentamento:

**Marta:** Foi.

**Daniela:** Como foi a sua participação na fase do acampamento? Que tarefa a senhora fazia?

**Marta:** No acampamento era mais..., logo no começo todo mundo era tirar madeira para fazer barraca, tinha muitas que cozinhava, na barraca, não ficava cada um dono de família, sabe? Ficava mais de um, dois, três, quatro, o tanto que a barraca cobece ficava, ia cozinhar também, nesse tempo ainda era criança, no tempo que vieram acampar aqui, ainda era criança.

**Daniela:** Houve algum momento em que a senhora classificaria como o mais difícil no período em que esteve acampada?

**Marta:** Acho que difícil era mais as negociações, às vezes não queriam receber o povo para negociar com eles.

**Daniela:** Quais eram as pessoas que iam negociar com o INCRA?

**Marta:** Iam militantes do MST e as pessoas que tiravam do acampamento. Eles tiravam uma ou duas pessoas do acampamento pra vir mais eles.

**Daniela:** Você lembra quem foi?

**Marta:** Era pai, Chico Santana, e madrinha Irene, Zé Vaqueiro, era as pessoas que eles levavam mais.

**Daniela:** E do Movimento quem era que ia?

**Marta:** Livânia, Nei, Hélio, tem vários, se for dizer o nome de tudinho.

**Daniela:** Quando foi que ocorreu a ocupação?

**Marta:** Foi no dia 29 de julho de 1990.

**Daniela:** E como foi, você lembra?

**Marta:** Eles iam, num caminhão, pegar o povo nas comunidades e trazer pro acampamento.

**Daniela:** Em que data o assentamento foi reconhecido pelo INCRA?

**Marta:** Parece que foi em 1992, só não lembro o mês.

**Daniela:** Você lembra como foi esse momento?

**Marta:** Eles (O pessoal do INCRA) vieram fazer o cadastramento das pessoas. Aí, depois que o pessoal ficavam assentado, fizeram festa, comemoração. Assim, quase todo ano tinha comemoração, comemora no dia do acampamento no dia 29 de julho.

**Daniela:** Além das atividades domésticas, a senhora participa na produção e na renda familiar?

**Marta:** Participo.

**Daniela:** De que forma?

**Marta:** Plantando, colhendo, se precisar até limpando de inchada

**Daniela:** O que a sua família planta?

**Marta:** Milho, feijão, roça.

**Daniela:** O que é a roça?

**Marta:** roça é mandioca, que faz a farinha.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que as pessoas possam participar mais ativamente no Movimento?

**Marta:** Acho que não, tem não, só promessa.

**Daniela:** O MST dá ainda alguma assistência ao acampamento seja de forma política, econômica e cultural?

**Marta:** Dá, sempre..., porque as coisas não tá fácil pra ninguém hoje, principalmente, pra eles que se esforçam, eles dão cursos, fazem reunião para mostrar como está a situação dos pais como é que a gente tá vivendo hoje, principalmente pra eles que se esforçam, eles dão cursos, fazem reunião para mostrar como está a situação dos pais, como é que a gente tá vivendo hoje, quem é os culpados.

**Daniela:** A senhora já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher dentro do Movimento?

**Marta:** Não.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher aqui no assentamento? Existe alguma estrutura de orientação sexual ou de prevenção de doenças?

**Marta:** Não, tem os agentes de saúde assim, mas também não é muito assim, é mais pra encaminhar as mulheres grávidas sabe, pra fazer o pré-natal.

**Daniela:** Você conhece os objetivos e propostas de Reforma Agrária do MST?

**Marta:** Eu já li, mas assim decorado, de cabeça eu não decoro não, mas eu já estudei.

**Daniela:** O que mudou em sua vida após assumir a luta pela terra e Reforma Agrária junto ao MST?

**Marta:** Mudou quase tudo, eu acho que tudo, depois que a gente conheceu o MST, ficou diferente, vê as coisas de outro jeito, eles mostram a realidade do país, da comunidade, da cidade, a gente vê tudo de outra forma. Se não fosse o MST ninguém tava morando, num tinha terra, num tinha uma casa própria pra morar, só vivia no poder dos patrão.

**Daniela:** Como a senhora avalia o MST?

**Marta:** Eu avalio que é um...MST, já tá dizendo, Movimento dos Sem Terra, é que ele ajuda as pessoas, eu acho assim, tudo que ele faz é pro bem do povo.

**Daniela:** Na sua opinião qual o papel da mulher na luta pela terra e Reforma Agrária?

**Marta:** Eu acho que é igual ao do homem. O direito que o homem tem, a mulher também tem. Eu acho assim, não é só o homem que deve lutar pelos seus objetivos, a mulher também tem que lutar junto ao homem.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Marta Jussara Santana, brasileira, casada, CPF 03038710407, carteira de identidade 171518/ITCP, emitida pelo, domiciliado e residente Apartamento Boizegio N.º 118 na rua n.º 23, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

Marta Jussara Santana  
Entrevistada

**MARTA MARIA DO NASCIMENTO**

**Daniela:** Como a Sr. Conheceu o Movimento?

**Marta:** Eu conheci em 1990. O povo começaram a falar que ia ter uma acampamento, aí eles trouxe nós aqui pra dentro, aí foi como eu conheci.

**Daniela:** Antes de conhecer o MST, onde você morava?

**Marta:** Morava em Pedra D'agua.

**Daniela:** Em que lugar?

**Marta:** Numa casinha velha que nós tinha de taipa, assim , no beicho da linha(pista)

**Daniela:** Você participou desde a fase do acampamento até o assentamento?

**Marta:** foi.

**Daniela:** E como foi a sua participação na fase do acampamento? Quais as atividades que você fazia nesse período?

**Marta:** Eu cuidava dos meninos nas barracas, cuidava em almoço pros outros que tava no mato, ele (o marido) tirava as varas e eu ia juntar as estaca, fazia roçado...

**Daniela:** quando o Movimento vinha realizar alguma palestra, reuniões ou assembléias, você participava?

**Marta:** toda vida eu ia pras assembléias cantar

**Daniela:** Houve algum momento que você classificaria como o mais difícil durante o período em que esteve acampada?

**Marta:** eu não achei ruim não quando eu vivia lá. Eu achava era bom, de noite na folia de gente nos fogo, na fogueira , eu achava era bom.

**Daniela:** quando a polícia chegou no acampamento, vocês impediram que ela entrasse?

**Marta:** Nós ficava nas barraca, mas quando o povo saia pra fora, nós mulher, também saia, tudo armado de foice.

**Daniela:** Em que data o acampamento foi reconhecido pelo INCRA e passou a ser chamado de assentamento Marajó?

**Marta:** Marajó porque já existia, desde que nós entremo aqui, que o nome era Serra Verde, Fazenda Marajó.

**Daniela:** E como foi a comemoração dessa vitória?

**Marta:** Estava todo mundo sem nada, mas fiquemos pelo menos com alegria assim de Ter conquistado a terra.

**Daniela:** além de suas atividades domésticas, você participa na produção e renda familiar?

**Marta:** Participo.

**Daniela:** Qual é a sua participação na roça? O que você faz?

**Marta:** Planto milho , feijão, alimpo mato mais ele (esposo), planto roça. Nós alimpa tudinho no roçado, eu e ele. Eu, ele e os meninos (filhos). Quando nós vamos, é tudo de enxada na mãotrabalhar. A comida quando eu chego é que ajeito, às vezes, levo pro roçado ai passa o dia lá.

**Daniela:** O assentamento junto com o MST oferece alguma estrutura de apoio para as mulheres, para que elas possam participar mais ativamente das questões políticas e econômicas do assentamento?

**Marta:** Tem não. Até hoje nunca conseguiu não. Tem muitas propostas mas até hoje num tem nada. A prefeitura ficou de encaminhar uma creche, mas não tem não. Quando eu vou pro roçado, quem fica com os pequenas é a minha moça, o resto vai tudinho.

**Daniela:** E tem escola pra as crianças aqui?

**Marta:** Tem

**Daniela:** O MST oferece alguma assistência ao assentamento de forma política, econômica ou cultural?

**Marta:** Informação sobre o acampamento e assentamento, que a gente deve ajudar a eles, porque os outros também ajudaram a nós na época, eles contribuíram para que a gente esteja hoje aqui.

**Daniela:** Então, eles ainda dão assistência?

**Marta:** Sim, porque toda assembléia e reunião eles estão informando como é que a gente... pra não acabar de uma vez, diminui muito, porque o que o governo quer é acabar com isso, mas sempre a gente luta.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher no assentamento, existe algum posto de saúde, algum médico?

**Marta:** Nada, a gente vai para João Câmara, as crianças quando adoecem vai para o hospital de João Câmara.

**Daniela:** O que mudou em sua vida depois de assumir a luta pela terra e Reforma Agrária, junto ao MST?

**Marta:** Eu acho que pra melhor, pois a pessoa ganha a terra pra trabalhar. Antes, morava lá no beijo de linha, não tinha nem um pedaço de terra pra trabalhar. Quando vem o inverno, a gente planta e garante o nosso cumê, só não tem quem não tem coragem de trabalhar, mas a gente tem.

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Narta Maria do Nascimento Silva, brasileira, casada, CPF 289003834, carteira de identidade 1169868/ITEP, emitida pelo, domiciliado e residente Apartamento Marajó, na rua nº 69, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

Narta Maria do Nascimento Silva

Entrevistada

## SEVERINA DE OLIVEIRA LIMA

**Daniela:** Como foi que a senhora conheceu o MST?

**Severina:** Nós conhecemo o MST, nós morava em Parazinho nesse tempo, né? Ai, chegou as mulher lá pra fazer reunião, lai vai, disseram que mode da terra pro povo, aí.

**Daniela:** Quais foram as mulheres que chegaram para fazer essa reunião?

**Severina:** Foi Livânia, Pedro Kitan, foi os primeiro a chegarem lá, né, em Parazinho. Aí, chegaram pra incentivar o povo, comode vim pra terra e porque o povo melhorava de vida, na terra, tinha seu pedaço de terra pra trabalhar né? Aí, meu marido se envolveu. Nesse tempo ele negociava, aí eu disse, home esse negócio nem dá certo, dá, dá, dá... Eu sei que ajeitaram por lá, aí fizeram por lá e ajeitaram, aí eu sei que juntaram muita gente, né, pra vim, e eles ficaram lá em casa fazendo reunião, toda noite com o povo, aí o povo se acelero e quando foi na madrugada, eu sei que ajeitaram os carros, aí viemo tudo, viemo não que eu fiquei com o menino, os outro meu povo é quem veio, os meus rapaz, meu marido, foi quem veio, num sabe? O pessoal veio em dois carros de gente, quando chegaram aqui, entravam pra mata, pra terra, e ficaram aí na terra, né, ficaram, ficaram, ficaram, aí por final de contas veio o INCRA, vinha a polícia, também veio, e a gente, e eles, negociando, negociando, negociando a terra, negociando tudo, e eles, sei que eles aceitaram, né. Ficaram lá, com bem uns dois meses, eu vim pra cá, quando eu vim já tinha barraca, já tinha muita gente, já trouxe o resto das minhas noras que ficaram tudo lá, meus filhos já tavam aqui, mas as noras eu truxe quando eu vim. Viemo de madrugada a meia-noite num carro. Quando chegemo ali, fiquemo dentro do mato perdido sem saber onde era, aí foram encontrar por nós, aí nós viemo com arruma de menino, isso era barril, isso era menino, isso era feira, espatifou-se tudo dentro do carro, sei que foi uma luta boa, né, uma luta boa, eu achei boa, aí viemo se soltemo acolá numas barraca que tinha, e o povo tirando lenha pra sobreviver, o INCRA sempre trazia um refrigerero, o povo também sobreviver né.

**Daniela:** Era cestas-básicas?

**Severina:** Era essas coisas assim, aí a gente agüentou, agüentou... aí depois mudemo daqui para a sede, aí viemo aqui pra sede, aí quando foi, bem com uns dois meses que a gente tava aqui, aí o dono da fazenda veio, né, atrás de dar em Livânia, aí eu sei que nãotinha nem um homem aqui, tinham ido tudo pra rua, só tava as muié, sei que se ajuntou as muié, e fomo tudo pra lá, aí butemo ela no meio, e dissemo agora venha dá nela aqui e nós tudo junto, se ele vinha, ia ter uma guerra aqui. Se ele viesse com um bocado de mulher não, né, eu sei que ele amoleceu, ele não veio, ele não agüentou lá e não veio. Aí, Livânia disse muito bem, vocês fizeram uma greve boa que ele firmou e não veio. Eu sei que esse tempo que nós tamo aqui, por uma parte eu tenho achado bom, por outra parte eu tenho achado ruim, mas dá pra gente ir vivendo, né, se tivesse chuva pra gente fazer algum refrigerero de cumê tudo bem, mas a gente pranta, quando a chuva chega aí tem acabado tudo, né, que nem esse ano, esse ano a gente plantou, num fez nada, o feijão que meu marido fez, deu pra encher duas latas dessas de vinte litros pra plantar pro ano se tiver inverno. Mas por plantio por terra, que a gente não tinha nada, né, porque quem não tinha um pedaço de terra pra trabalhar não tem nada, pra mim eu tô

achando bom, né, só tô achando ruim essa dificuldade dessas coisas assim de não ter chuva, da gente plantar, pra

colher alguma coisa. O governo não ajuda em nada, quando ajuda é um feijão duro a gente só falta não poder comer, o arroz não vale nada, é, é o que a gente tem.

**Daniela:** O Movimento da alguma assistência nesse sentido?

**Severina:** O Movimento não dá assistência porque também não tem, né. A assistência que o Movimento tem é muito pouco, só dá pra resolver as coisas dele mesmo, né. Organização, palestra, cursos, essas coisa assim, é só o que eles podem dá. Quando eles podem uma coisa assim, faz uma greve em Natal, uma coisa assim, aí eles arranjam, né, alguma coisa, mas diante disso eles não podem arranjar que eles também tem, né.

**Daniela:** Então, a senhora passou a ser militante do MST desde quando começou o acampamento?

**Severina:** Foi porque chegaram lá em casa, né, se ajuntaram lá em casa, fizeram reunião e ficaram lá em casa e os outros cantos fazer reunião, vinham lá pra casa, de lá pra casa foi que enviou o carro pra pegar o povo.

**Daniela:** Essas casas já existiam ou foram feitas após o assentamento?

**Severina:** Foi construída através do Movimento, quando nós chegemo aqui, só tinha aquela casa grande e aquela outra, as três casas que tem ali na frente, era as que tinha, tinha uma barraca reia de paia, outros sem telha, só barro, era as que tinha, mas essas coisas foram tudo construída pelo Movimento junto com o INCRA.

**Daniela:** Como foi a sua participação no acampamento, o que a senhora fazia no dia-a-dia?

**Severina:** O que nós fazia era, os homem tirar as lenha, a gente juntava pra fazer o refrigerador de cumê, né, eles vendia a lenha, cortava, a gente juntava mais eles, aí eles vendia a lenha. O movimento da gente era esse, enquanto um cuidava das criança, quando a gente não podia cuidar, as meninas maior cuidava, né, aí o movimento da gente era esse todinho desde o começo.

**Daniela:** A senhora acha que houve um momento mais difícil durante todo o acampamento?

**Severina:** É, o mais difícil foi esse mesmo, da gente cortar lenha, pra sobreviver, que não tinha outro meio né, o mais difícil.

**Daniela:** A polícia veio aqui?

**Severina:** Quando a polícia veio assim, a gente saiu, se juntou com eles, negociou com eles direitinho, né, não houve conflito, confronto nenhum.

**Daniela:** A senhora lembra da data da ocupação da terra aqui?

**Severina:** Eu num tô bem lembrada não.

**Daniela:** A senhora lembra como aconteceu, o pessoal chegou no caminhão e de madrugada?

**Severina:** Eu só vim dois meses depois da ocupação, eu só dois meses depois que o povo tava aqui.

**Daniela:** A senhora lembra qual foi a data que o assentamento foi reconhecido pelo INCRA e balizado como fazenda Marajó?

**Severina:** Eu também num tô lembrada, num botei na memória.

**Daniela:** A senhora lembra o dia em que foi recebida a posse definitiva da terra, como foi a comemoração?

**Severina:** A comemoração foi com um ano depois que a gente entrou aqui, mas eu num tô lembrada a data, porque eu não decoro essas coisas, é difícil.

**Daniela:** Além das atividades domésticas, a senhora participa na produção da renda familiar?

**Severina:** Ajudo, agora eu não tô sozinha, as minhas moças casaram tudo, né, só num tô ajudando, mas quando eu cheguei aqui, a minha vida era no meio do mundo trabalhar mais eles tudo, na roça.

**Daniela:** O que a senhora plantava?

**Severina:** Eu plantava milho, feijão, roça, algodão, tudo isso a gente fazia. A gente plantava e colhia, quando tinha chuva a gente colhia, quando não tinha num colhia.

**Daniela:** Existe alguma estrutura de apoio para que as mulheres possam participar mais ativamente no Movimento? A senhora acha que o Movimento dá algum apoio, estimula a participação das mulheres nas assembléias, palestras?

**Severina:** Estimula sim, elas quando vem querem que a gente tudo assista, às vezes a gente num vai porque num pode, tá ocupada fazendo uma coisa ou outra, mas a gente também à vezes assiste, né, as palestras deles também, vai pra reunião essa coisa, já fizemo um grupo de mulher aqui, mas num foi pra frente.

**Daniela:** A senhora acha que esse grupo de mulheres não foi para a frente por quê? O que foi que faltou?

**Severina:** Porque o povo não se organizaram pra ir, é, começa quando é no fim vai desmanicendo, desmanicendo até terminar.

**Daniela:** A senhora acha que o MST dá alguma assistência ao assentamento de forma política, econômica e cultural?

**Severina:** Nem dá assim muito, né, mas ele dá uma assistenciazinha ao povo.

**Daniela:** Que tipo de assistência o MST em dado ultimamente?

**Severina:** Home, às vezes é de saúde, né, é de qualquer coisa aí, eles arranjam ajuda de escola à noite.

**Daniela:** Como a senhora está sobrevivendo aqui sem chuva?

**Severina:** A gente tá sobrevivendo eu num sei como viu! Quando a gente arranja e uma feira, faz uma comprazinha de uma coisa, quando num arranja a gente tira assim mesmo, porque a gente num tem de onde tirar, a gente num é de roubar, né, a gente tira assim, às vezes meu marido planta um feijão, um milho, que nem agora, ele plantou o milho e num deu, num deu 50%, né, aí o que ele vai coisando, vende e a gente faz outra refrigero, é do que a gente tá sobrevivendo, é disso, e agora da emergência que entrou essa emergência, né.

**Daniela:** O assentamento está recebendo alguma coisa do governo?

**Severina:** Começou umas feiras aqui, parece que veio duas vez, aí num veio mais, aí a gente come quando recebe certo dinheiro da emergência, R\$ 60,00.

**Daniela:** A senhora sofreu alguma discriminação por ser mulhr dentro do MST?

**Severina:** Não.

**Daniela:** Como é tratada a saúde da mulher aqui no assentamento?

**Severina:** É fraco, quando a gente quer uma consulta, a gente vai para João Câmara.

**Daniela:** Aqui no assentamento não existe nenhum posto:

**Severina:** Não, não tem. Já foi lutado com o Prefeito, foi feito reunião, essa casa, pra ver se fazia, eles garantiram em fazer essa data. Nem colégio também num fizeram, também eles já vieram aqui olharam um canto pra fazer e até essa data nunca vieram fazer.

**Daniela:** Como é que as crianças estudam:

**Severina:** As crianças estudam na casa grande, que era a casa da sede, né, aí lá butaram a escola pras crianças.

**Daniela:** A senhora conhece os objetivos e as propostas do MST?

**Severina:** Não

**Daniela:** O que mudou na sua vida após assumir a luta pela terra e Reforma Agrária?

## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Severina de Oliveira Lima, brasileira, casada, CPF 48194174449, carteira de identidade 881596/ITEP, emitida pelo, domiciliado e residente Assentamento Marajo', na rua nº 26, na cidade de João Câmara, declaro ceder a pesquisadora Daniela Soares de Almeida, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e direitos autorais ao depoimento de caráter histórico e documental, que prestei a referida pesquisadora na cidade, no dia 22 de novembro de 2001.

Daniela Soares de Almeida, fica conseqüentemente, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de sua integridade e indicação da fonte.

João Câmara 25 de março de 2001.

Severina de Oliveira Lima

Entrevistada



**ANEXO 06**  
**(Cópia dos Objetivos Gerais e Programa de Reforma Agrária do MST)**

# MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**Somos um movimento de massas de caráter sindical, popular e político. Lutamos por TERRA, Reforma Agrária e Mudanças na Sociedade.**

## OBJETIVOS GERAIS

1. Construir uma sociedade sem exploradores e onde o trabalho tem supremacia sobre o capital;
2. A terra é um bem de todos. E devem estar a serviço de toda a sociedade;
3. Garantir trabalho a todos, com justa distribuição da terra, da renda e das riquezas;
4. Buscar permanentemente a justiça social e a igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais;
5. Difundir os valores humanistas e socialistas nas relações sociais;

6. Combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher.

## PROGRAMA DE REFORMA AGRÁRIA

1. Modificar a estrutura da propriedade da terra;
2. Subordinar a propriedade da terra à justiça social, às necessidades do povo e aos objetivos da sociedade;
3. Garantir que a produção da agropecuária esteja voltada para a segurança alimentar, a eliminação da fome e ao desenvolvimento econômico e social dos trabalhadores;
4. Apoiar a produção familiar e cooperativada com preços compensadores, crédito e seguro agrícola;
5. Levar a agroindústria e a industrialização ao interior do país, buscando o desenvolvimento harmônico das regiões e

garantindo geração de empregos especialmente para a juventude;

6. Aplicar um programa especial de desenvolvimento para região do semi-árido;

7. Desenvolver tecnologias adequadas à realidade, preservando e recuperando os recursos naturais, com um modelo de desenvolvimento agrícola auto-sustentável;

8. Buscar um desenvolvimento rural que garanta melhores condições de vida, educação, cultura e lazer para todos.

